

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
TECNOLÓGICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
POÉTICAS DA LINGUAGEM E CULTURAS NA AMAZÔNIA**

JÉSSICA MARIA SAMPAIO DE LIMA

**QUESTÕES DE CLASSE E GÊNERO NO ROMANCE
TESS OF THE D'URBERVILLES, DE THOMAS HARDY**

**SANTARÉM, PARÁ
2024**

JÉSSICA MARIA SAMPAIO DE LIMA

QUESTÕES DE CLASSE E GÊNERO NO ROMANCE
***TESS OF THE D'URBERVILLES*, DE THOMAS HARDY**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa) como requisito para obtenção do grau de Mestre em Letras. Área de concentração: Poéticas da Linguagem e Culturas na Amazônia.

Orientador: Prof. Dr. Elder Koei Itikawa Tanaka.

SANTARÉM, PARÁ
2024

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/UFOPA

L732q Lima, Jéssica Maria Sampaio de
 Questões de classe e gênero no romance *Tess of the d'Urbervilles*, de Thomas Hardy./ Jéssica Maria Sampaio de Lima. - Santarém, 2024.
 120 p. : il.
 Inclui bibliografias.

Orientador: Elder Koei Itikawa Tanaka.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação Tecnológica, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Letras.

1. Tess of the d'Urbervilles. 2. Thomas Hardy. 3. Era Vitoriana. 4. Trabalhadoras rurais inglesas. 5. Literatura e sociedade. I. Tanaka, Elder Koei Itikawa, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 813

Bibliotecária - Documentalista: Cátia Alvarez – CRB/2 843



No segundo dia do mês de maio do ano de dois mil e vinte e quatro, às nove horas, em formato remoto pelo Google Meet reuniram-se os membros da Banca Examinadora composta pelos professores Prof. Dr. Elder Koei Itikawa Tanaka (orientador e presidente), Profa. Dra. Débora Reis Tavares (membro externo), Profa. Dra. Fabiana Valeria da Silva Tavares (membro externo), e Prof. Dr. José Guilherme dos Santos Fernandes (membro interno) a fim de arguirem a mestranda JÉSSICA MARIA SAMPAIO DE LIMA, com a dissertação intitulada "QUESTÕES DE CLASSE E GÊNERO NO ROMANCE TESS OF THE D'URBERVILLES, DE THOMAS HARDY". Aberta a sessão pelo presidente, coube a candidata, na forma regimental, expor o tema de sua dissertação, dentro do tempo regulamentar, em seguida a banca fez as arguições, a candidata respondeu e, após as deliberações na sessão secreta foi:

(x) Aprovada, fazendo jus ao título de Mestre em Letras.

() Reprovada.

Documento assinado digitalmente
gov.br DEBORA REIS TAVARES
Data: 03/05/2024 13:47:50-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. DÉBORA REIS TAVARES, LIVRE LITERATURA

Examinadora Externa à Instituição

Documento assinado digitalmente
gov.br FABIANA VALERIA DA SILVA TAVARES
Data: 07/05/2024 00:37:34-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. FABIANA VALERIA DA SILVA TAVARES, FATEC-SP

Examinadora Externa à Instituição

Documento assinado digitalmente
gov.br JOSE GUILHERME DOS SANTOS FERNANDES
Data: 03/05/2024 16:43:47-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. JOSÉ GUILHERME DOS SANTOS FERNANDES, UFPA

Examinador Interno à Instituição

Documento assinado digitalmente
gov.br ELDER KOEI ITIKAWA TANAKA
Data: 02/05/2024 15:35:41-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. ELDER KOEI ITIKAWA TANAKA, UFOPA

Presidente

Documento assinado digitalmente
gov.br JESSICA MARIA SAMPAIO DE LIMA
Data: 02/05/2024 15:45:32-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

JÉSSICA MARIA SAMPAIO DE LIMA

Mestranda

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, cujo trabalho e dedicação constantes permitem que eu usufrua de uma vida confortável e de tempo livre para me dedicar aos estudos.

À Ufopa, que me concedeu afastamento remunerado para qualificação durante dois anos, permitindo que eu, como servidora da Universidade, me dedicasse integralmente ao desenvolvimento da minha pesquisa.

Ao meu orientador, professor Elder, por cada palavra de orientação, incentivo e acolhimento ao longo de quase sete anos trabalhando juntos.

Às minhas amigas, novas e de longa data, sempre tão acolhedoras, por todas as injeções de ânimo aplicadas ao longo dos anos em que me dediquei a desenvolver e executar o projeto do Mestrado. Agradeço em especial à Ananda e Isabelle, pelas inúmeras leituras feitas do meu texto e por sempre saberem o que dizer para me sentir melhor.

Ao Grupo de Estudos em Literatura e Cinema, por me permitir assistir a filmes sem a culpa da procrastinação.

Por último, mas não menos importante, aos meus animais de estimação (em especial à Leia, pela companhia nos momentos de escrita e solidão), por me manterem sã e me motivarem a não desistir.

*So there's no more to say about that
Except hope is a dangerous thing
for a woman like me to have
Hope is a dangerous thing
for a woman with my past*

*Hope is a dangerous thing for a woman like
me to have – but I have it, de Lana Del Rey*

RESUMO

Esse trabalho tem como principal objetivo investigar como as relações de gênero e de classe (presentes especificamente no âmbito da Inglaterra rural) do século XIX se manifestam no enredo e na construção das personagens do romance *Tess of the d'Urbervilles* (1891), de Thomas Hardy, impactando diretamente sua forma. Para tanto, apresentamos brevemente o contexto sócio-histórico dessa parcela da sociedade ao longo da Era Vitoriana e o tomamos como uma das principais condições de produção do autor na criação do universo fictício de Wessex. No primeiro capítulo, concentrando-nos em uma análise de classe, concluímos, por meio das relações sociais estabelecidas e das condições de trabalho a que a protagonista Tess é submetida, que o trabalho, de acordo com características que apresenta, pode ser uma ferramenta de dignificação ou de degradação da personagem principal Tess, influenciando diretamente o ambiente ocupado por ela. Essas condições de trabalho frequentemente alinham-se com seu estado de espírito, sendo, muitas vezes, também uma materialização externa de seus sentimentos e angústias pessoais. No segundo capítulo, voltamo-nos para a influência das relações interpessoais estabelecidas entre Tess e os dois antagonistas, Angel Clare e Alec d'Urberville. Se, *a priori*, ela se vê limitada por suas alternativas como trabalhadora rural, é em seus relacionamentos que a opressão de gênero se evidencia. Juntas, a moralidade religiosa e as convenções sociais rígidas da sociedade patriarcal, personificada no romance pelos pares masculinos de Tess, a condenam ao sofrimento e a uma vida de julgamentos, ocasionando sua ruína social e levando-a a tomar atitudes extremas em busca de libertação. Em suma, a verossimilhança da obra em relação ao seu contexto de produção evidencia a interferência do elemento sócio-histórico da época em sua composição.

Palavras-chave: Tess dos d'Urbervilles. Thomas Hardy. Era Vitoriana. Trabalhadoras rurais inglesas. Literatura e sociedade.

ABSTRACT

This work aims to dissertate on how gender and class relations (specifically the ones present in the context of rural England) of the 19th century manifest themselves in the plot and construction of the characters in Thomas Hardy's novel *Tess of the d'Urbervilles* (1891), impacting its form. To do so, we briefly present the socio-historical context of this segment of society throughout the Victorian Era and take it as one of the main conditions of the author's production in creating the fictional universe of Wessex. In the first chapter, focusing on a class analysis, we conclude, through the established social relations and the working conditions to which the protagonist Tess is subjected, that work, according to the characteristics it presents, can be a tool for either dignifying or degrading the main character Tess, directly influencing the environment she occupies. These working conditions often align with her state of mind, also serving as an external materialization of her personal feelings and anxieties. In the second chapter, we turn to the influence of the interpersonal relationships established between Tess and the two antagonists, Angel Clare and Alec d'Urberville. If, a priori, she finds herself limited by her alternatives as a rural worker, it is in her relationships that gender oppression becomes evident. Altogether, religious morality and the rigid social conventions of patriarchal society, personified in the novel by her male counterparts, condemn her to suffering and to a life of judgment, resulting in her social ruin and leading her to take extreme actions in search of liberation. In summary, the verisimilitude of the work in relation to its context of production highlights the interference of the socio-historical element of the time in its composition.

Keywords: Tess of the d'Urbervilles. Thomas Hardy. Victorian Era. English rural workers. Literature and society.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - A morte do cavalo Prince	13
Figura 2 - Tess em Talbothays	42
Figura 3 - Tess e Angel na leiteria.....	46
Figura 4 - Tess revê Alec enquanto trabalha	56
Figura 5 - Angel conversa com os pais sobre Tess	70
Figura 6 - Tess afasta-se de Angel	82
Figura 7 - Tess implora pelo perdão de Angel	83
Figura 8 - Angel, sonâmbulo, deita Tess sobre um túmulo.....	91
Figura 9 - Alec é encontrado morto no quarto.....	97
Figura 10 - Alec oferece morangos a Tess	99
Figura 11 - Tess abandona Trantridge	106
Figura 12 - Tess revê Alec durante uma pregação	109
Figura 13 - Alec culpa Tess por sua "queda"	112

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. CAPÍTULO I: CLASSE E TRABALHO FEMININO EM <i>TESS</i>.....	24
1.1. MULHERES, CLASSE E TRABALHO: IDENTIDADES FEMININAS NA INGLATERRA VITORIANA	28
1.2. TRABALHO E DIGNIFICAÇÃO EM TALBOTHAYS	41
1.3. TRABALHO E DEGRADAÇÃO EM FLINTCOMB-ASH	49
2. CAPÍTULO II: GÊNERO E SEXUALIDADE FEMININA EM <i>TESS</i>	61
2.1. CERCAMENTO DE TERRAS, CERCAMENTO DO CORPO	75
2.2. ANGEL, <i>THE HUSBAND IN LAW</i>	80
2.3. ALEC, <i>THE HUSBAND IN NATURE</i>	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	115
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	119

INTRODUÇÃO

O penúltimo romance escrito pelo inglês Thomas Hardy, intitulado *Tess of the d'Urbervilles: A Pure Woman Faithfully Presented* (no Brasil, *Tess dos d'Urbervilles: uma mulher pura*), foi publicado pela primeira vez em 1891. A obra, que foi serializada e censurada antes de estampar as páginas do jornal britânico ilustrado *The Graphic* (Hardy, 1991, p. 365-369), recebeu duras e variadas críticas, principalmente por desafiar a então moral religiosa e sexual da Era Vitoriana na Inglaterra – que compreendeu o período entre 1837 e 1901. Por mais severas que fossem as avaliações recebidas com a publicação da versão integral do romance, pode-se afirmar que, na época, a obra era tão polêmica quanto popular: publicada primeiramente em três volumes e, depois, em um só, foi traduzida para, pelo menos, cinco idiomas entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, tendo sido reimpressa cerca de quarenta vezes na Inglaterra (Watts e Connell, 2012, p. 6).

Em uma tarde de maio, o patriarca da humilde família Durbeyfield, John, descobre, por meio de um pároco, a possibilidade de os Durbeyfield descenderem diretamente dos d'Urbervilles, uma antiga família aristocrata já extinta. Nesse mesmo dia, Tess, heroína que dá nome ao romance, participa de uma festividade em sua comunidade, onde encontra Angel Clare, um jovem de classe superior (com quem ela viria a casar anos mais tarde, em outro momento do romance). Deslumbrado com a provável ascendência nobre de seus antepassados, o pai de Tess, que já estava embriagado, bebe ainda mais, ficando impossibilitado de trabalhar na manhã seguinte. Tess, sendo a mais velha dos nove filhos do casal de camponeses, toma para si os afazeres do pai e acaba se envolvendo em um acidente trágico que resulta na morte de Prince, o único cavalo da família, principal meio de trabalho e de sustento dos Durbeyfield. Esse acontecimento é o incidente catalisador da trama, pois, sentindo-se culpada pela situação de desamparo da família, ela, conforme a sugestão dos pais, parte para reivindicar parentesco a uma família rica que ostenta o sobrenome d'Urberville em uma propriedade em Trantridge. Lá, Tess conhece Alec, seu suposto primo distante, que passa, insistentemente, a assediá-la. Em um dos episódios mais controversos¹ e impactantes da obra, Tess engravida do jovem d'Urberville e acaba voltando para a humilde residência dos

¹ A omissão intencional, por parte do narrador, de certos elementos na descrição da suposta sedução de Tess, foi e continua sendo alvo de muitos debates. O episódio (Hardy, 2022, p. 66-67), assim como o do batismo de seu filho (Hardy, 2022, p. 84-85) e a cena em que Angel Clare carrega Tess e as colegas da vacaria nos braços (Hardy, 2022, p. 125-127) foram os censurados na versão publicada pelo *The Graphic* (Hardy, 1991, p. 366-369).

Durbeyfield, onde fica praticamente reclusa até o nascimento de seu filho, Sorrow², que morre poucos meses depois. Visando a recomeçar, Tess passa a trabalhar como leiteira na próspera fazenda Talbothays, onde reencontra o jovem Angel Clare. Ele se encanta pela figura de Tess e passa a cortejá-la. Ela, temendo o próprio passado e sendo incapaz de escondê-lo de Angel, de quem se considera indigna, só aceita casar-se diante da insistência de Clare. Crente de que seria perdoada, Tess diz a verdade sobre seu passado e, para sua surpresa, acaba sendo rejeitada e abandonada pelo próprio marido, que parte sem ela para o Brasil. Tess, sozinha e sem posses, passa a procurar trabalho dentre as opções que, devido à chegada do inverno, são ainda mais escassas. Depois de executar pequenos serviços em vacarias próximas, resta a ela permanecer em Flintcomb-Ash, um estéril planalto de cal. É durante sua estadia lá que Alec retorna, supostamente transformado pela religião após converter-se. No entanto, ao ver Tess, sua máscara se desfaz e ele volta a persegui-la. Ao ver a família em uma situação de extrema vulnerabilidade com a morte de seu patriarca, Tess aceita a proposta de Alec e se torna sua amante em troca da segurança de sua mãe e irmãos. Quando Clare, arrependido, retorna do Brasil em busca de Tess, ela assassina o amante para vingar o marido, com quem foge, mesmo ciente de que a fuga não levaria os dois muito longe. Dias mais tarde, ela é condenada à forca por assassinato e o romance se encerra funestamente.

Na primeira das sete fases em que a obra se divide³, Tess, depois de se oferecer para, no lugar do pai e na companhia do irmão, Abraham, realizar a tarefa inadiável de transportar as colmeias coletadas pela família a tempo de realizar a venda na cidade, organiza a mercadoria na carroça da família. Juntos, eles improvisam, na tentativa de despertar depois de pouquíssimas horas de descanso, “uma manhã artificial com o lampião, algum pão e manteiga e sua própria conversa, estando a manhã real ainda muito distante” (Hardy, 1991, p. 20, tradução nossa⁴)⁵. Durante a viagem, Abraham traz à tona, entre suas divagações infantis em voz alta, o assunto da possível descendência nobre da família, perturbando Tess, que desconversa:

² O nome do bebê de Tess traz consigo grande simbolismo, uma vez que a palavra “sorrow” quer dizer, em inglês, tristeza, sofrimento. É uma emoção profundamente negativa associada ao pesar e à angústia. O nome faz referência à passagem da Bíblia (Gênesis 35.18), em que o filho de Raquel é batizado de Ben-Oni, ou “Filho da dor” (Hardy, 2022, p. 84).

³ O romance se divide em sete fases: I. *The Maiden* (na edição da Editora Pedrazul, “Donzela”); II. *Maiden No More* (“Inocência perdida”); III. *The Rally* (“Reestabelecimento”); IV. *The Consequence* (“Consequências”); V. *The Woman Pays* (“Expição”); VI. *The Convert* (“Conversão”); e VII. *Fulfillment* (“Realização”).

⁴ Em algumas ocasiões, por uma questão de discordância vocabular, optamos por traduzir certas citações diretas do romance em vez de usar a tradução da Editora Pedrazul.

⁵ Do original: “To cheer themselves as well as they could, they made an artificial morning with the lantern, some bread and butter, and their own conversation, the real morning being far from come.”

“Não se importe com isso!”, ela exclamou.
 “Você disse que as estrelas eram mundos, Tess?”
 “Sim.”
 “Todos como o nosso?”
 “Não sei, mas acho que sim. Às vezes parecem ser como as maçãs da nossa árvore. A maioria esplêndida e sadia – algumas arruinadas.”
 “Em qual vivemos – num esplêndido ou num arruinado?”
 “Em um arruinado.” (Hardy, 1991, p. 21, tradução nossa)⁶

O breve diálogo entre Tess e o irmão, apresentado aqui, além de prenunciar, já no quarto capítulo, o caráter soturno e pessimista que envolve a obra como um todo, antecede o trágico acontecimento que Hardy utiliza como ferramenta impulsionadora do romance: a morte do cavalo Prince. É apenas por uma questão de necessidade que os irmãos são obrigados a abandonar a tranquilidade de seu lar para trabalhar antes mesmo do nascer do sol e acabam, em meio à execução da tarefa, cedendo ao sono e vitimando o pobre animal que o pai utilizava para prover à família. É motivada pela culpa que carrega que Tess se vê obrigada a partir para Trantridge. A partir dessa fatalidade, Hardy desde já sugere que o mundo de Tess, em meio a tantos mundos esplêndidos e sadios, se mostraria, de fato, arruinado.

Figura 1 - A morte do cavalo Prince



Fonte: *The Victorian Web*⁷

⁶ Do original: “Never mind that now!”, she exclaimed.
 “Did you say the stars were worlds, Tess?”
 “Yes.”
 “All like ours?”
 “I don’t know; but I think so. They sometimes seem to be like the apples on our stubborn-tree. Most of them splendid and sound – a few blighted.”
 “Which do we live on – a splendid one or a blighted one?”
 “A blighted one.”

Thomas Hardy nasceu em junho de 1840 – três anos depois do início da Era Vitoriana – no modesto condado de Dorset, em Higher Bockhampton.⁸ Filho de um pai trabalhador e de uma mãe apegada à música e à leitura dos clássicos, Hardy frequentou as escolas locais, recebendo toda a educação que estivesse ao seu alcance na zona rural inglesa. Crescendo cercado por música, livros e pelas histórias contadas pela avó, Hardy tocava violino e nutria paixão pela dança e, é claro, pela leitura e escrita. Na escola, por sua vez, a afeição pelos números o levou a se tornar aprendiz de um arquiteto bem-sucedido – uma escolha bastante conveniente, já que o pai era pedreiro e empregava diversas pessoas no ramo da construção. Durante seu período de aprendizado como arquiteto, aproximou-se do poeta William Barnes, com quem gostava de manter discussões filológicas sempre que possível.

Hardy crescera cercado pelo discurso dominante de um sistema de classes, onde o retrato da sociedade se dividia nas classes alta, média ou baixa/trabalhadora. Essa classificação social era

[...] amplamente dependente do status herdado ao nascer, da propriedade ou não de terras, bem como da profissão ou ocupação. Sua unidade básica era o indivíduo, não o grupo, e fornecia a cada um uma identidade pessoal, um papel a desempenhar, um status e um conjunto de normas sociais, incluindo, pelo menos teoricamente, respeito mútuo entre as classes.” (Ingham, 2009, p. 39, tradução nossa)⁹

No entanto, o respeito a tais normas sociais quanto à mutualidade, muitas vezes, era suprimido pelo sentimento de superioridade e rivalidade das classes mais altas em relação àqueles de origem humilde. Embora a condição social de Hardy fosse um tanto superior à dos homens que seu pai empregava, por exemplo, e isso tenha garantido a ele a oportunidade de estudar e adotar profissões de classe média, não garantiu sua aceitação por aqueles que o consideravam socialmente inferior (Ingham, 2009, p. 11).

Aos 21, quando se mudou para Londres para trabalhar como assistente em arquitetura, começou a escrever seu primeiro romance, *The Poor Man and the Lady* (concluído em 1868), rejeitado, dentre outros motivos, pelo ataque às classes mais altas.

⁷ “Na escuridão estagnada, eles esperaram através de um intervalo que parecia interminável”, por D. A. Wehrschmidt. Ilustração original da serialização do romance. Disponível em: <https://victorianweb.org/art/illustration/daw/1.html>.

⁸ As informações biográficas presentes nesse texto foram retiradas do capítulo *The Life of Thomas Hardy* do livro *Student Companion to Thomas Hardy* (Morgan, 2007a).

⁹ Do original: “[...] largely dependent on inherited status at birth, ownership or non-ownership of land, as well as profession or occupation. Its basic unit was the individual, not the group, and it provided each with a personal identity, a role to play, a status, and a set of social mores Including, at least theoretically, mutual respect between the ranks.”

Qualquer escritor autodidata de origem rural encontraria no mercado editorial um ambiente de extrema hostilidade. Para Hardy que, além disso, graças ao seu próprio contexto social, era sensível à opressão de classe, de gênero, e à falta de liberdade de expressão, a carreira como romancista representou uma luta de classes exaustiva e constante. Sua primeira publicação, *Desperate Remedies* (1871), só aconteceu depois que seguiu (não tão fielmente) o conselho do editor George Meredith para evitar temas de cunho sociopolítico e a focar em roteiros intrigantes e movimentados. Mesmo sendo escrito com mais cautela, o romance apresenta questões de classe e de mobilidade social. Estas, assim como a temática envolvendo a mulher e sua sexualidade, e a vida rural como um todo ressoavam “suas preocupações mais profundas” durante a escrita de seus primeiros romances (Ingham, 2009, p. 85, tradução nossa)¹⁰.

Apesar da frustração advinda da censura constante e das críticas extremamente duras que, juntas, tornavam o processo de publicação adoeceador para Hardy, ele continuou a escrever romances assiduamente até 1895, quando, depois de uma carreira tão turbulenta quanto bem-sucedida, resolveu se dedicar exclusivamente à poesia e ao drama. À publicação de *Desperate Remedies* seguiu-se as dos romances *Under the Greenwood Tree* (1872), *A Pair of Blue Eyes* (1873), *Far from the Madding Crowd* (1874), *The Hand of Ethelberta* (1876), *The Return of the Native* (1878), *The Trumpet-Major* (1880), *Two on a Tower* (1882), *The Mayor of Casterbridge* (1886), *The Woodlanders* (1887), *Tess of the d'Urbervilles* (1891), *The Well-Beloved* (1892) e, por fim, *Jude the Obscure* (1895) – todos ambientados na fictícia região que ele chamou de Wessex, inspirada na porção sudoeste da Inglaterra. Como resultado de seu esforço crítico, pode-se considerar que há um Thomas Hardy “[...] para quase qualquer história crítica do romance inglês”. Ele pode ser o contista, o poeta, o dramaturgo, “o último vitoriano ou protomodernista, o romancista do idílico rural ou dos problemas sociais, o portador dos últimos vestígios da *folk-tale* ou o pioneiro da heroína feminista e do herói da classe trabalhadora.” (Boumelha, 2010, p. 242, tradução de Marcela Santos Brigida¹¹, grifo nosso).¹²

¹⁰ Do original: “Hardy [...] fastened on elements which resonated with his deepest concerns. These [...] were: social class and social mobility; women and sexuality; and rural life.”

¹¹ As traduções feitas pela professora Marcela Santos Brigida (UERJ) e utilizadas aqui foram a mim fornecidas durante o curso *Introdução ao Romance Vitoriano*, ministrado por ela. Todas as traduções diretas de Boumelha (2010), Duncan (2002), Reidhead (2016), Pite (2009) e Wilson (2009) são de autoria dela.

¹² Do original: “There is a Thomas Hardy (1840–1928) for almost any critical history of the English novel that you care to mention: Hardy the last Victorian or the proto-modernist, the rural idyllist or the social-problem novelist, bearer of the last vestiges of the folk-tale or pioneer of the feminist heroine and the working-class hero.”

Hardy é, também, um dos principais nomes do regionalismo inglês. Ele protagoniza o renascimento dessa tendência nas décadas finais do século XIX, depois de a Inglaterra viver uma onda de provincianismo na literatura. Trazendo críticas cada vez mais fortes acerca das concepções regionais e nacionais da identidade cultural, o regionalismo

[...] representa, portanto, a *crise ideológica* de uma história nacional, seja a nação um projeto ainda por montar ou *em ruínas*. A região surge primeiro para resolver o problema categórico da nacionalidade colocado pelo estado imperial moderno. Uma vez que essa formação nacional pode ser tida como certa, em uma era de expansão, ela investe as grandes ficções de vida provinciana. Quando a nação imperial passa novamente por uma crise interna, o regionalismo retorna, sua especificidade local fornecendo refúgio sentimental da mudança histórica ou então uma visão crítica dela (Duncan, 2002, p. 326, grifo nosso).¹³

A definição de Duncan (2002) que associa o fenômeno regionalista a uma crise ideológica nacional, nesse caso, alinha-se ao espírito *fin-de-siècle* e ao apresentado por Reidhead (2016). Em sua introdução à Era Vitoriana, ela subdivide o longo reinado da rainha Victoria em três períodos, definindo o último – de 1870 a 1901 – como sua fase tardia, caracterizada, sobretudo, por uma deterioração dos valores vitorianos. As décadas finais do século XIX, em meio ao irrefreável avanço tecnológico ocasionado pelo advento da Revolução Industrial, consolidou entre os ingleses uma nova cultura de comércio, definida como capitalista, majoritariamente urbana, consumista e baseada na manufatura:

No final do século, depois que os recursos da energia a vapor foram mais plenamente explorados para produzir ferrovias rápidas e navios, teares, prensas móveis e colheitadeiras de ferro, e após a introdução do telégrafo, do cabo submarino, da fotografia, dos anestésicos, e da educação obrigatória universal – um vitoriano tardio poderia olhar para trás com espanto em relação a esses desenvolvimentos que se deram ao longo de sua vida. Walter Besant, um desses vitorianos tardios, observou que estavam tão completamente transformados “a mente e os hábitos do inglês comum” em 1897, “que ele não iria, se pudesse vê-lo, reconhecer seu próprio avô.” (Reidhead, 2016, p. 979)¹⁴

¹³ Do original: “[...] represents the ideological crisis of a national history, whether the nation is a project still to be assembled or one that is falling apart. The region first emerges to solve the categorical problem of nationality posed by the modern imperial state. Once that national formation can be taken for granted, in an era of expansion, it invests the great fictions of provincial life. When the imperial nation again undergoes internal crisis, regionalism returns, its local specificity providing sentimental refuge from historical change or else a critical view of it.”

¹⁴ Do original: “By the end of the century— after the resources of steam power had been more fully exploited for fast railways and iron ships, looms, printing presses, and farmers' combines, and after the introduction of the telegraph, intercontinental cable, photography, anesthetics, and universal compulsory education— a late Victorian could look back with astonishment on these developments during his or her lifetime. Walter Besant,

Como Thompson (2020, p. 12) acertadamente afirma, os instrumentos de produção que permitiram o avanço da indústria algodoeira e das máquinas a vapor acabaram sendo, em consequência, também “responsáveis pelo surgimento de novas relações sociais, instituições e hábitos culturais”. Em meio à angústia causada por essa intensa e abrupta transformação, Engels (2008), sempre atento às consequências, lamenta:

Nas grandes cidades, a centralização da propriedade atingiu o mais alto grau; nelas, os costumes e as condições dos “bons e velhos tempos” foram radicalmente destruídos; nelas, chegou-se ao ponto em que a expressão *Old Merry England*¹⁵ já não evoca nada, porque nem sequer pela recordação e pela lembrança dos avós esta velha Inglaterra se reconhece. Nelas só existe uma classe rica e uma classe pobre, desaparecendo dia a dia a pequena burguesia. (Engels, 2008)

Para além da crise identitária da nação inglesa em meio a tantos avanços, esse espaço de trinta anos também é marcado por uma profunda depressão econômica em nível mundial. Os diversos regionalismos que surgem dessa longa instabilidade econômica, social e ideológica, portanto, “articulam uma relação centrífuga com a forma histórica da nação”, ora fornecendo refúgio imaginário, ora (como no caso de Hardy), confrontando e criticando as condições da realidade contemporânea (Duncan, 2002, p. 326).

Muito embora Hardy fosse uma figura central para o regionalismo, o autor nutriu certa aversão ao chamado realismo idílico, que alimentava uma visão idealizada da vida no campo. De acordo com Pite (2009, p. 141), Hardy sugere que essa idilificação, além de mascarar a suposta superioridade urbana, era por si só um ato de modernidade em relação ao campo, pois o tornava turístico. A ruralidade hardyana se demonstrava de maneira diferente:

O genuinamente rural era, para ele, o que era compelido (por localização e posição de classe) a resistir às predações involuntárias de uma classe média urbanizada, que construía chalés no campo e tanto escrevia quanto lia livros sobre as delícias da vida rústica. Simultaneamente, a crença contínua de Hardy de que alguma coisa (e algum lugar) genuinamente rural poderia ser encontrado e deveria ser valorizado deu-lhe um terreno comum com os

one of these late Victorians, observed that so completely transformed were ‘the mind and habits of the ordinary Englishman’ by 1897, ‘that he would not, could he see him, recognize his own grandfather’.”

¹⁵ Em tradução livre, “A boa e velha Inglaterra”. Na seleção de referências do *Dictionary of English Folklore*, o escritor americano Washington Irving define a essência do conceito: “O ‘*Merry Englandismo*’ é essencialmente nostálgico. Nele, pressupõe-se que, por mais que a sociedade tenha progredido materialmente, ela perdeu algo importante ao longo do caminho, e essa perda se dá, principalmente, em termos de “comunidade”. Na *Merry England*, as classes sociais mantinham-se unidas em uma teia entrelaçada de deveres e obrigações. Os camponeses eram pobres, porém honestos, fortes e felizes; seus filhos, bem alimentados e também felizes; o senhor do feudo cuidava de seu povo como um pai cuidaria de sua família, enquanto um pároco benevolente atendia às suas necessidades espirituais.” (A Dictionary of English Folklore)

ruralistas de cujos sentimentalismos e devoções ele não gostava. (Pite, 2009, p. 134)¹⁶

Desenvolver a fictícia Wessex ao longo de vinte e cinco anos não se resumiu, defende Ingham (2009), à criação de uma paisagem distinta, mas de um reino mítico elegíaco capaz de deslocar paisagens inteiras, com suas histórias, eventos e artefatos pelo tempo e espaço: “Wessex é um lugar, uma história, uma celebração, uma elegia; não é apenas uma região, imaginada ou real” (p. 103, tradução nossa)¹⁷. E justamente por serem ambientados quase exclusivamente na região oeste do país, os romances de Hardy eram diferenciáveis como um grupo mesmo entre aqueles que também lidavam com as questões sociais de classe, de gênero e de mobilidade (Ingham, 2009, p. 104).

Em *Tess*, a resistência hardyana à idealização do campo e de seus habitantes toma forma na persistência de Tess em permanecer indiferente às idealizações simplistas de Alec e Angel. Tess tem, em certa medida, consciência da complexidade da própria existência. Cientes do passado que a assombra, ambos, Tess e o leitor, sabem que ela não é uma “filha fresca e virginal da natureza” (Hardy, 2022, p. 106) como Angel supõe quando finalmente a percebe na vacaria. O romance em si é

[...] uma tentativa de alcançar uma consideração desidealizadora para e de Tess – um esforço para considerá-la como alguém que é pura apesar da impureza e como uma pessoa que representa os valores do campo não tanto apesar de ser maculada pelo moderno, mas em meio a esse processo (histórico e pessoal) de metamorfose. Pode ser que o moderno esmague esses instintos humanos, presentes em Tess, da mesma forma que o enredo a executa – essa ameaça moderna é algo que o enredo sugere; mas, ao mesmo tempo, uma maneira que o moderno tem de esmagar Tess é alegar que ela simplesmente não pode sobreviver – na plangência grandiosa da autopiedade da modernidade, o moderno diz que não pode tocar o mundo primitivo e imaculado de Wessex sem corrompê-lo. (Pite, 2009, p. 141, tradução nossa)¹⁸

¹⁶ Do original: “The genuinely rural was, for him, what was compelled (by location and class position) to resist the unwitting predations of an urbanized middle class, who were building cottages in the country and both writing and reading books about the delights of rustic life. Simultaneously, Hardy’s continuing belief that something (and somewhere) genuinely rural could be found and should be valued gave him common ground with the ruralists whose sentimentalities and pieties he disliked.”

¹⁷ Do original: “In the evolution of Wessex over a twenty-five-year period Hardy was not merely creating a distinctive landscape. He was creating a mythical kingdom which dislocates not only place but time. It involves everything that was and is inscribed in the landscape: layers of history, events, and artefacts. To the extent that it involves an older and more stable community it is elegiac. but nostalgia is only a single element in a complex entity. Wessex is a place, a history, a celebration, an elegy; it is not merely a region, imagined or real.”

¹⁸ Do original: “[...] is an endeavor to reach an unidealizing regard for and of Tess – an effort to regard her as someone who is pure despite impurity, and as a person who represents ‘country’ values not so much despite her being tainted by the modern as amidst that (historical and personal) process of metamorphosis. It may be that the modern will crush those humane instincts, present in Tess, in the same way that the plot has her executed – this modern threat is something the plot suggests; but at the same time one way the modern has of crushing Tess is to

A linguagem subversiva de Hardy – que, a exemplo, definiu Tess como “Uma mulher pura”, apesar de seus status sexual ou do crime que cometeu – assim como os diversos sinais de não convencionalidade em relação ao trato literário do sexo oposto, iam de encontro à norma da época, que refletia e “confirmava”, na literatura, nas leis, no acesso à educação e na privação do direito ao voto, a percepção de que as mulheres eram “por natureza inferiores, mais parecidas com crianças do que com homens” (Ingham, 2009, p. 129, tradução nossa)¹⁹.

A luta evidente de Tess (e de outros protagonistas hardyanos, como Jude) por sobrevivência, por sua vez, nos leva a outro aspecto interessante da obra do romancista. Após a publicação de *A origem das espécies* de Darwin, em 1859, Hardy se viu tão fascinado pela teoria ali apresentada que chegou a se descrever como um dos primeiros aclamadores da obra (Levine, 2009, p. 36). As associações feitas entre a obra de Hardy e o darwinismo são, a propósito, abundantes. Morgan (2007), por exemplo, reconhece na ficção hardyana processos humanos evidentes de adaptação, mutação e sobrevivência. Ela argumenta que a própria Tess é um exemplo de evolução textual, pois “se desenvolve, em sua expressão textual e em sua pessoa, ao longo do tempo e de acordo com o acaso, com as ameaças, com as mudanças, com a engenhosidade, com os riscos e com a casualidade – em suma, adaptação” (p. 92, tradução nossa)²⁰. Para Levine (2009, p. 50), – cuja visão é mais otimista do que a daqueles que se limitam a relacionar apenas as dificuldades e o fatalismo hardyano ao darwinismo, Hardy, em vez de, como muitos, ver o mundo de Darwin de forma puramente racional e desprovida de significado ou valor, “olha com olhos darwinianos e o reencanta”, mesmo que esse olhar sobre o progresso humano tenda a mostrar, frequentemente, a dificuldade por trás de tal evolução:

[...] é na linguagem que Hardy encontrou, no que parece ser uma atenção reverente e intensa ao mundo material em todos os seus detalhes vitais, em toda a sua dor inevitável e em toda a complexidade desse banco emaranhado em que todos estamos envolvidos uns com os outros, que Darwin assume

claim that she simply cannot survive – in the grandiose plangency of modernity’s self-pity, the modern says it cannot touch the pristine, primitive world of Wessex without corrupting it.”

¹⁹ Do original: “The status and position of women in Victorian society was based on the account of them as described [...] which indicated that they were by nature inferior, more like children than men. This picture of them was inscribed in the law, particularly after marriage, in their non-status as voters, in the kind of limited education provided for them, and in literature. Novels both reflected and ‘confirmed’ the conventional account of women as essentially different from men and inferior to them. Consequently, when Hardy began to write novels which increasingly focused on what he called the ‘woman interest’, he shows surprising signs of unconventionality.”

²⁰ Do original: “she develops, textually as well as in personhood, over time and according to chance, hazard, change, ingenuity, risk taking, and happenstance – in sum, adaptation.”

uma vida diferente, mais gentil. É o sentido moral que surge do reconhecimento de Hardy das implicações da teoria de Darwin [...] que confere à análise completa de Hardy sobre o pior uma força profunda. Assim como Darwin, Hardy não conseguia olhar para os processos insensíveis do mundo sem sentir. (Levine, 2009, p. 50, tradução nossa)²¹

Mas a luta constante de Tess e suas tentativas de adaptação, ao que tudo indica, sempre viriam a ser, para Hardy, em vão. Quando ele, aos dezesseis anos, presenciou o enforcamento da jovem Martha Brown, mal poderia imaginar o quanto o episódio o assombraria. O destino da mulher, condenada pelo assassinato do marido, inspirou, dentre outros aspectos do romance, o desfecho fúnebre de *Tess*, publicado décadas mais tarde:

“Lembro-me da bela figura que ela exibía contra o céu, pendurada na chuva enevoadada, e como o vestido de seda preto justo realçava sua forma quando ela girava e voltava.” E então, quando seu rosto estava coberto, “eu vi – eles colocaram um pano sobre o rosto – como, quando o pano ficou molhado, *suas feições através dele*”. (Morgan, 2007a, p. 8, grifo no original, tradução nossa)²²

Se a publicação do primeiro romance de Hardy, *The Poor Man and the Lady*, foi recusada diversas vezes e nunca aconteceu, sobretudo em virtude de seu alto caráter crítico acerca das relações entre diferentes classes sociais, na ocasião da publicação de *Tess*, Hardy já tinha uma carreira consolidada o suficiente para não se amedrontar diante das críticas negativas do público moralista. Muito embora em suas narrativas os personagens, por vezes, encontrassem soluções capazes de dissolver a barreira da diferença social, em muitas outras, como em *Tess* ou em *Jude the Obscure*, essa tentativa é frustrada, conduzindo-os, inevitavelmente, a um destino fatalista. Apesar de o relacionamento entre classes constituir o cerne dos romances hardyanos,

É em *Tess dos d'Urbervilles* que as diferenças de classe e a natureza da experiência determinada pela classe são examinadas de maneira mais sutil e complexa em toda a sua ficção. [...] A pobreza de sua família, a facilidade com que são levados à ruína e à falta de moradia por episódios de infortúnio,

²¹ Do original: “[...] it is in the language Hardy found, in what feels like reverent, intense attention to the material world in all its vital detail, in all its inevitable pain, and in all the complexity of that tangled bank in which we are all involved in one another, that Darwin takes on another, gentler life. It is the moral sense growing from Hardy’s recognition of the implications of Darwin’s theory [...] that gives to Hardy’s full look at the worst its profound force. Like Darwin, Hardy could not look at the mindless processes of the world without feeling. Against the interpretation that Darwin’s rationalization and intellectualization of the world had stripped it of meaning and value, Hardy looks with Darwinian eyes and re-enchants it.”

²² Do original: “‘I remember what a fine figure she showed against the sky as she hung in the misty rain, & how the tight black silk gown set off her shape as she wheeled half round and back.’ And then, as her face was covered, ‘I saw—they had put a cloth over the face—how, as the cloth got wet, her features came through it’.”

e a vulnerabilidade de Tess à exploração pelos proprietários de terras e à crescente mecanização da agricultura, tudo isso aponta claramente para seu status como membro do proletariado rural do final do século XIX. Mas é importante para o romance que a situação de Tess também dependa do fato de que ela pertence a uma linhagem aristocrática decadente: os cavaleiros d'Urberville, cujos túmulos ela e sua família procuram como refúgio, são seus ancestrais e não os de Alec d'Urberville, cuja família de industriais simplesmente assumiu o nome na tentativa de adicionar a pátina da antiguidade à sua recém adquirida riqueza. [...] Ao mesmo tempo, o romance repetidamente chama a atenção para sua educação, superior aos padrões aplicados às mulheres rurais da época, e para seus efeitos em sua vida. Se o sobrenome compartilhado é a base de sua percepção inicial de parentesco com Alec, então algum grau de acesso compartilhado à cultura, igualmente enganoso e trágico, parece dar a ela parentesco com Angel Clare. (Boumelha, 2008, p. XVIII, tradução nossa)²³

Para Tess, a experiência de classe é obrigatoriamente vinculada ao trabalho. Williams vê, para além disso, o labor como a própria essência de sua formação como personagem, de forma que

O que é derrotado, mas não destruído, no final [de Tess] [...], é um calor humano, uma persistência no amor e no trabalho que constituem a definição necessária do que Hardy reconhece e lamenta como perda. [...] As perdas são reais e dilacerantes porque os desejos eram reais, o trabalho compartilhado era real, os impulsos insatisfeitos eram reais. Trabalho e desejo estão muito profundamente relacionados na totalidade de sua imaginação. A paixão [...] de Tess [...] é uma força positiva que emerge de um mundo de trabalho e relacionamentos, buscando, de modos diferentes, sua realização viva. (Williams, 1989, p. 289-290)

Essa pesquisa nasceu justamente da indignação e do desconforto causados pelos lamentáveis desdobramentos do romance. Na época, a ousadia de Hardy nos fez questionar o pouco que sabíamos sobre a Era Vitoriana e sobre as percepções masculinas do feminino em sua época. Mostrou-nos que era possível ir além de uma moralidade rigorosa e ideologia estritas, que supostamente dividiam homens e mulheres em espaços e papéis sociais predeterminados. No romance, é em meio às diversas realidades laborais vivenciadas por Tess

²³ Do original: "It is in *Tess of the d'Urbervilles* that differences of class and the nature of class-determined experience are given their most subtle and complex examination in all of his fiction. [...] The poverty of her family, the ease with which they are forced into ruin and homelessness by episodes of misfortune, and Tess's vulnerability to exploitation by landowners and the increasing mechanization of agriculture, all point clearly to her status as a member of the rural proletariat of the late nineteenth century. But it is important to the novel that Tess's situation also depends upon the fact that she is of decayed aristocratic lineage: the d'Urberville knights amongst whose tombs she and her family seek refuge are her ancestors and not those of Alec d'Urberville, whose manufacturing family has simply taken over the name in an attempt to add the patina of antiquity to their newly acquired wealth. [...] At the same time, the novel repeatedly draws attention to her education, superior by the standards applied to rural women of the time, and to its effects upon her life. If the shared name is the basis of her early perceived kinship with Alec, then some degree of shared access to culture equally misleadingly and tragically appears to give her kinship with Angel Clare."

– mais degradantes conforme sua condição social piora – que Hardy movimenta o enredo cujas circunstâncias a condenam a um destino fatalista e inevitável. Ignorando o objetivo ambicioso de sua família de proclamar parentesco para tentar tirar algum proveito da condição social elevada de seus supostos familiares ricos, é em busca de um trabalho que ela procura a propriedade dos d’Urbervilles; é numa tentativa de abandonar o passado que ela passa a trabalhar como leiteira em Talbothays; e é em busca de sobrevivência que ela se submete ao trabalho exaustivo em Flintcomb-Ash. Como mulher pobre de classe trabalhadora rural, Tess coexiste com a realidade do trabalho árduo e constante. Sua construção como personagem é tão dependente do estabelecimento dessas relações de trabalho quanto o próprio enredo do romance.

Assim, a decisão de, nesse texto, ler Tess com o olhar atento às questões de classe e de trabalho, apesar de óbvia, mostra-se proveitosa e, sobretudo, necessária. No entanto, não é nossa intenção reduzir o romance e sua protagonista a uma mera “personificação da proletarização da classe camponesa e da destruição das comunidades agrícolas estáveis” (como tantos já fizeram), já que, como bem ressalta Boumelha (2008, p. XIX), nessa definição, “não importa especialmente que Tess seja mulher”. A análise aqui apresentada pretende, diferentemente disso, atribuir à questão de gênero o peso que lhe é devido quando esta, como no caso das mulheres de classe trabalhadora rural, por exemplo, se entrelaça à questão de classe em um nó irreversível – afinal, “a primeira opressão de classe coincide com a do sexo feminino pelo sexo masculino” (Engels, 2019).

Igualmente imprescindíveis para o enredo são, então, as duas principais relações de gênero estabelecidas entre Tess e seus pares masculinos, Alec d’Urberville e Angel Clare. Certos acontecimentos, como a perda de sua virgindade, o nascimento ilegítimo de seu filho e a existência de um histórico sexual pré-marital só são tão profundamente determinantes para o destino de Tess porque ela é mulher. Entender a dinâmica de opressão a que ela é submetida por meio dos dois antagonistas no âmbito de uma sociedade patriarcal ajuda-nos a mensurar a profundidade do impacto do subjugo em seu modo de ser e de pensar, em suas decisões e nas alternativas que encontra ao longo da narrativa, movimentando-a.

No primeiro capítulo do trabalho, pretendemos analisar, sob uma ótica de classe – principalmente porque esta era, na segunda metade do século XIX, “um fato onipresente, visível onde as pessoas viviam, no que vestiam e comiam, em como e onde eram educadas, na ocupação que seguiam e em quanto dinheiro ganhavam” (Ingham, 2009, p. 9, tradução

nossa)²⁴ –, de que maneira as principais experiências de trabalho vivenciadas por Tess e sua condição social contribuem para a definição do enredo da obra. Para isso, consideramos pertinente, para além dos limites ficcionais do romance, o aprofundamento na escrita de Hardy e em certos aspectos do contexto social, histórico e econômico da Inglaterra durante a segunda metade do século XIX – sobretudo no que diz respeito às mulheres. Assumidos, por sua vez, como condições de produção do autor, esses aspectos sócio-históricos serão de suma importância para a análise da obra, conforme elucidado mais adiante.

Na segunda parte do trabalho, levando em consideração a relevância para o desenvolvimento da protagonista, interessa-nos analisar as marcas de opressão de gênero que, indissociáveis da opressão de classe, estão presentes nas relações pessoais estabelecidas entre Tess e os antagonistas do romance. Visando a uma discussão de cunho materialista e devidamente contextualizada historicamente, discutimos as possíveis origens de tais condições de subjugação feminina com o intuito de melhor compreender suas consequências na narrativa e em seu referente contexto de produção. Para tanto, lançamos mão de um aporte teórico feminista, agregando novos pontos de vista ao rico debate já estabelecido pela crítica hardyana sobre *Tess of the d'Urbervilles* ao longo das últimas décadas.

²⁴ Do original: “[...] an omnipresent fact, visible in where people lived, what they wore and ate, how and where they were educated, what occupation they followed, and how much money they earned.”

1. CAPÍTULO I: CLASSE E TRABALHO FEMININO EM *TESS*

Em um dos capítulos iniciais do romance, a embriaguez de John Durbeyfield o impossibilita de transportar as colmeias coletadas para a venda. Isso obriga Tess e a mais velha das crianças, o pequeno Abraham, a assumirem a responsabilidade pela tarefa noturna. No evento narrativo em questão, que culmina na trágica morte do cavalo Prince, a descrição da atividade laboral e dos meios que a tornam possível (o cavalo e a carroça precários, seus condutores improvisados) deixam o público a par da situação de vulnerabilidade a que a família de Tess está submetida. O narrador desperta a compaixão do leitor ao atribuir uma reação humanizada de exaustão, inclusive, ao animal que lhes serviria como meio de transporte:

[...] A frágil e pequena carroça já estava carregada e a moça levou para fora o cavalo, Prince, apenas um pouco menos frágil que o veículo. A pobre criatura, confusa, olhava em volta para o lampião e para as duas figuras, como se não pudesse acreditar em tal movimento àquela hora. Quando todos os seres vivos deveriam estar abrigados e descansando, ele fora chamado para sair e trabalhar. (Hardy, 2022, p. 26)

A caracterização da condição social de Tess e de sua família, no romance, se dá, com frequência, por meio da ênfase em suas condições de trabalho. O cavalo, nesse caso, não apenas existe como um animal senciente cuja existência está tão passiva ao cansaço quanto a dos humanos envolvidos na tarefa. Nesse contexto, ele e sua condição física podem ser considerados também uma manifestação da condição socioeconômica dos Durbeyfield na composição do romance. Se a família tivesse condições financeiras de ter outros cavalos, ele não estivesse tão cansado; sua morte não teria o mesmo impacto na manutenção da dignidade do grupo que dele dependia; e Tess, por sua vez, não se sentiria culpada a ponto de se submeter a um plano com o qual não concordava. Não seria a primeira vez que Hardy levaria sua protagonista ao extremo, deixando-a, em meio a um estado determinante de vulnerabilidade, sem alternativas que preservassem sua dignidade. A filha mais velha dos Durbeyfield parece, em meio à lamentável tragédia, ser a única a perceber a dimensão de suas consequências:

[...] a própria indolência da casa tornou o infortúnio menos assustador do que teria sido para uma família próspera, embora, no presente caso, significasse a ruína e, no outro, apenas inconveniência. Nos rostos Durbeyfield, nada havia da ira vermelha que teria queimado sobre a menina se os pais fossem mais ambiciosos por seu bem-estar. Ninguém culpou a Tess tanto quanto ela culpou a si mesma. (Hardy, 2022, p. 29)

Ingham (2009) nos lembra que a pobreza, em Hardy, a exemplo do que acontece aos Durbeyfield, não é colocada na narrativa como mero registro das privações e opressões sofridas pela classe trabalhadora rural, mas é significativa a ponto de determinar a vida de Tess. O autor desmistifica a ideia de fatalismo e de vontade divina, na medida em que as condições materiais da protagonista é que determinam seu destino. E embora uma descrição genérica da pobreza seja visível na construção de alguns personagens camponeses rústicos, as condições externas adversas da vida de figuras centrais como Tess são observadas com minúcia, uma vez que “Os pobres nos romances de Hardy não são simplesmente figuras representativas, mas indivíduos cujas vidas são amplamente moldadas pelo efeito da pobreza em seus temperamentos, assim como em suas circunstâncias” (p. 108, tradução nossa)²⁵.

Em *O campo e a cidade* (1989), Williams discute o impacto das diversas mudanças ocorridas nas zonas rural e urbana inglesas durante a acelerada industrialização no século XIX. Sobre como o impacto desse processo se manifestou na história e na literatura da Inglaterra, ele aponta que

[...] A Revolução Industrial não transformou só a cidade e o campo: ela baseou-se num capitalismo agrário altamente desenvolvido, tendo ocorrido muito cedo o desaparecimento do campesinato tradicional. [...] com todas essas experiências transformadoras, as atitudes inglesas em relação ao campo e as concepções da vida rural persistiram com um poder extraordinário, de modo que, mesmo depois de a sociedade tornar-se predominantemente urbana, a literatura, durante uma geração, continuou basicamente rural. (Williams, 1989, p. 12)

No capítulo dedicado à prosa de Thomas Hardy, *Wessex e a fronteira*, Williams exalta a maneira como o autor foi capaz de incorporar aos seus romances, de forma muito cuidadosa – como talvez só alguém de origem rural pudesse ter feito –, as diversas tensões provenientes desse rigoroso processo de mutação. Para ele, em Wessex, região fictícia criada por Hardy²⁶, as “[...] pressões surgidas dentro da própria sociedade rural são vistas com precisão, e lhes é atribuída uma dimensão humana e social, e não mecânica” (Williams, 1989, p. 283). A veracidade dessa afirmação se evidencia, em *Tess*, quando observamos seu processo de desgaste devido às diferentes pressões sofridas por ela ao longo do enredo. Por mais que estas se situem em um âmbito comum a todos (o social), não acontecem de forma

²⁵ Do original: “The poor in Hardy’s novels are not simply representative figures but individuals whose lives are largely shaped by the effect of poverty upon their temperaments as well as their circumstances.”

²⁶ “A terra de Hardy, como se sabe, é Wessex: ou seja, basicamente Dorset [região em que Hardy nasceu e cresceu] e os condados vizinhos.” (Williams, 1989, p. 269)

generalizada, mas de maneira estritamente individual e específica, humanizada, seja por meio da deterioração de seus relacionamentos interpessoais, das suas relações de trabalho, ou de seu aspecto psicológico:

[...] Como sempre ocorre na ficção realista séria, a qualidade e o destino dos indivíduos e a qualidade e o destino de toda uma forma de vida são vistos na mesma dimensão, e não como questões separadas. É como observador que Hardy prepara esse contexto para um fracasso individual. (Williams, 1989, p. 275)

Como bem coloca Ingham (2009), Hardy, como poucos, se preocupou em dar visibilidade e voz à individualidade do homem e da mulher de classe trabalhadora rural, vítimas da pressão social exercida no sistema de classes por meio das leis, do acesso à educação e da Igreja. Em sintonia com Williams (1989), ela defende que, em Hardy, a

[...] exploração das condições sociais expõe a maneira como a classe social predetermina as possibilidades abertas aos indivíduos; a natureza difusa dos critérios com base nos quais a hierarquia de classes é construída; os efeitos corrosivos que ela produz; e a fragilidade da justificativa oferecida pelo sistema por tais reflexos das ideologias contemporâneas [...]. Em seu foco nas mulheres individuais, ele revela o esmagamento do potencial (paralelo ao efeito do sistema de classes) causado pela construção contemporânea da feminilidade [...]. Esse foco leva a uma consideração da questão específica da natureza e do lugar das mulheres na sociedade, nas leis de casamento e divórcio. Tais tópicos são tratados em um nível humanitário para examinar o impacto que têm nas vidas individuais. (Ingham, 2009, p. 112, tradução nossa)²⁷

O estudo sobre a realidade das mulheres trabalhadoras rurais desse período do século XIX inglês (caracterizado de forma dominante pela intensa industrialização da zona urbana e seu insalubre contexto fabril) foi, por muito tempo, negligenciado por historiadores, de forma que, mesmo atualmente, pouco se sabe sobre o real impacto causado e sofrido por essa mão de obra em meio ao avanço impiedoso do capitalismo agrário (Verdon, 2002, p. 18). Candido (2023, p. 19), cujo princípio de análise literária pretendemos empregar nesse trabalho, defende que, ao levarmos em consideração o elemento social “como fator da própria construção artística”, podemos alcançar uma interpretação de caráter estético capaz de

²⁷ Do original: “[...] his exploitation of social conditions exposes the way that social class predetermines the possibilities open to individuals; the fuzzy nature of the criteria on the basis of which the class hierarchy is constructed; the corrosive effects it produces; and the flimsiness of the rationale offered for the system by such reflectors of current ideologies [...]. In his focus on individual women he reveals the crushing of potential (paralleling the effect by the class system) brought about by the contemporary construction of femininity [...]. This focus leads on to a consideration of the specific issue of women's nature and place in society, marriage and divorce law. Such topics are dealt with at a humanitarian level to examine the impact that they make on individual lives.”

assimilar a dimensão social, não como a mera expressão de uma sociedade ou de sua época, mas como fator de arte. Para ele,

Quando isto se dá, ocorre o paradoxo assinalado inicialmente: o *externo* se torna *interno* e a crítica deixa de ser sociológica, para ser apenas crítica. O elemento social se torna um dos muitos que interferem na economia do livro, ao lado dos psicológicos, religiosos, linguísticos e outros. Neste nível de análise, em que a estrutura constitui o ponto de referência, as divisões pouco importam, pois tudo se transforma, para o crítico, em fermento orgânico de que resultou a diversidade coesa do todo. (Candido, 2023, p. 19-20, grifo no original)

Cabe aqui, portanto, apresentar alguns aspectos do contexto feminino e rural do período e, posteriormente, analisar, a partir da forma da obra, de que maneira essas relações de trabalho, invisibilizadas ao longo da história, são dramatizadas no romance. Nesse caso, assumimos que o social importa “não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura” (Candido, 2023, p. 16), passando de mera condição de produção do autor (elemento externo) a elemento estético (interno) da obra.

Como bem coloca Vasconcelos (2006, p. 192), a ficção de Hardy, em *Tess*, apresenta “a História real inscrita na sua forma, consubstanciada em um princípio de construção artística que organiza os dados internos e externos e formaliza, no plano estético, um ritmo geral da sociedade inglesa da época”. Segundo ela,

[...] pode-se dizer que o romance de Thomas Hardy, como ele propusera no prefácio à primeira edição, dá forma artística à experiência histórica de uma camada da população inglesa que não pertencia nem à aristocracia nem à burguesia, e que circulava entre a esfera do costume e a esfera da norma, no longo e doloroso processo de desenraizamento (tanto físico quanto geográfico quanto cultural) que caracterizou o curso da industrialização e urbanização da sociedade inglesa. Hardy responde, desse modo, a contradições reais, ao progresso e desintegração definidos pelas forças sociais e econômicas de seu tempo, intuindo e expondo uma dinâmica histórica profunda da ordem social da Inglaterra na estrutura do seu romance. Nesse passo, constrói seu universo ficcional segundo a lógica de um aspecto real de seu tempo histórico, figurando o campo como um espaço de transformação e conflito e exclusão como corolário da modernização em andamento. (Vasconcelos, 2006, p. 194-195)

Para Boumelha (2008, p. XIII), a leitura de *Tess* é, quando intimamente relacionada aos debates morais de seu contexto de produção, enriquecida. Ela é ainda mais específica quanto a essa relação:

É importante que o romance não esteja situado no indefinido “era uma vez” dos contos de fadas, mas incorpore seus elementos folclóricos diretamente no contexto da reconhecível sociedade inglesa do século XIX. As condições em constante mudança do trabalho rural, disputas faccionais dentro da Igreja da Inglaterra, a estrutura de classes da sociedade, o movimento das Escolas Nacionais, tudo isso tem seu lugar ao lado das alusões míticas, bíblicas e folclóricas para garantir que o romance confira uma contemporaneidade desafiadora à sua história da donzela seduzida e abandonada. Acrescentado a esse realismo está o tom moral, até mesmo polêmico, que insiste repetidamente ao leitor que Tess não fez nada de errado. (Boumelha, 2008, p. XIII)²⁸

Justificada, mesmo que brevemente, a relevância imprescindível do elemento histórico-social para o estudo aqui proposto, nas seções seguintes dissertaremos sobre a condição da mulher na Era Vitoriana e sobre como o papel social exercido por essa volumosa parcela da sociedade variava, sobretudo, de acordo com um recorte geográfico (na cidade, no campo) e de classe. Partindo da constatação de que todas essas questões tomam forma em meio a um acelerado e desordenado processo de industrialização que modificou brutalmente o modo de se viver e produzir na Inglaterra, partiremos para o estudo das relações de trabalho feminino manifestadas na obra para desvendar de que maneira o elemento social age na movimentação e na definição do enredo do romance e na construção de sua personagem principal.

1.1. MULHERES, CLASSE E TRABALHO: IDENTIDADES FEMININAS NA INGLATERRA VITORIANA

Inigualável domínio imperial e mercantil, industrialização acelerada, urbanização intensa, prosperidade, rigidez moral, puritanismo: todas ou pelo menos algumas dessas características podem vir à tona em uma tentativa de caracterização da Era Vitoriana na Inglaterra. Em certa medida, todas estão corretas. Essa descrição, de fato, contemplaria uma parcela da população inglesa. Para a classe média – cuja realidade é a que, provavelmente, nutre o imaginário da maioria em relação ao longo reinado da Rainha Vitória –, o período foi

²⁸ Do original: “It is important that the novel is not set in the unspecific ‘once upon a time’ of fairy tale, but embeds its folk elements squarely in the context of recognizable English society of the nineteenth century. The changing conditions of rural labour, factional disputes within the Church of England, the class structure of society, the National School movement, all take their place beside the mythological, biblical, and folk allusions to ensure that the novel bestows a challenging contemporaneity upon its tale of the maiden seduced and abandoned. Added to that realism is the strain of moral—even polemical—commentary which repeatedly insists to the reader that Tess has done nothing wrong.”

de muita prosperidade, apesar dos inúmeros problemas causados por um processo de industrialização desordenado.

Visando apresentar uma introdução não reducionista desse período, Reidhead (2016, p. 979-999) subdivide a Era Vitoriana em três períodos: o inicial, de 1830 a 1848, no qual predominaram os conflitos; o intermediário, de maior prosperidade, que vai de 1848 a 1870; e o tardio, de 1870 a 1901, caracterizado, sobretudo, pela deterioração dos valores vitorianos. A título de contextualização, consideramos importante para nossa análise apresentar um breve resumo dos acontecimentos históricos de maior relevância apresentados pela autora.

No início da década de 1830, a inauguração da primeira linha ferroviária pública a vapor do mundo antecipou uma explosão de investimentos no transporte ferroviário. Essa transformação coincidiu com uma reforma parlamentar na Inglaterra, então governada sob um sistema eleitoral obsoleto. Nesse mesmo período, uma crise econômica inflamou os trabalhadores a se organizarem, levando à aprovação, pelo Parlamento, em 1832, de um Projeto de Lei de Reforma que estendia o direito ao voto às classes médias baixas (as classes trabalhadoras só adquirem esse mesmo direito em 1867, em uma segunda reforma), evidenciando o aumento da importância dos interesses da classe média. Um *crash* econômico e uma série de colheitas ruins sucederam o próspero período entre 1832 e 1837. Para aqueles que conseguiam escapar da onda de desemprego, as condições de trabalho eram assombrosas:

As condições nas novas áreas industriais e de mineração de carvão eram terríveis. Os trabalhadores e suas famílias nas comunidades pobres de cidades como Manchester viviam em moradias horivelmente apinhadas e insalubres; e as condições em que homens, mulheres e crianças trabalhavam em minas e fábricas eram inimaginavelmente brutais. (Reidhead, 2016, p. 982)²⁹

Em 1846, a revogação das chamadas *Corn Laws* – uma medida protecionista que taxava os produtos ingleses para dificultar a competição com o mercado externo – abriu caminho para o livre comércio, amenizando a crise e garantindo a disponibilização de alimentos. Essa estabilidade econômica impediu que, dois anos mais tarde, a onda de revoluções europeias afetasse de fato a Inglaterra.

No período intermediário, de rápido progresso tecnológico e avanço imperial, a aprovação parlamentar dos *Factory Acts* garantiu restrições e melhorias que beneficiaram as

²⁹ Do original: “Conditions in the new industrial and coal-mining areas were terrible. Workers and their families in the slums of such cities as Manchester lived in horribly crowded, unsanitary housing; and the conditions under which men, women, and children toiled in mines and factories were unimaginably brutal.”

classes trabalhadoras. Foi um período de forte controvérsia religiosa, protagonizada pelas três principais vertentes da Igreja da Inglaterra (Igrejas Baixa, Ampla e Alta). Os desafios à crença religiosa se intensificaram pela popularização das teorias de Charles Darwin, que tanto fascinaram Hardy. Junto a descobertas geológicas e astronômicas, esses novos conhecimentos desafiaram os escritos bíblicos e mudaram a perspectiva da existência humana, promovendo incertezas e causando ansiedade. Trata-se do início da crise ideológica da última fase da extensa era vitoriana.

Foi no período tardio, que nos interessa em maior grau, que a Inglaterra vivenciou o ápice do imperialismo. Com a concorrência externa nos âmbitos agrícola e industrial, no entanto, o início da década de 1870 é marcado por grandes depressões econômicas. A classe trabalhadora ganha força política com a segunda Lei da Reforma, que amplia o direito ao voto a algumas de suas parcelas (masculinas). Aumentam também, sob a influência das publicações de Marx e Engels, o número de sindicatos e as variedades de socialismos. Na última década do século, o espírito de antivitorianismo, que surge a partir do início desse período tardio, se consolida, derruba padrões e se faz visível, também, no tom literário que era, dentre outros, ora satírico, ora melancólico e, no caso da prosa hardyana nos anos 1890, incisivamente crítico em relação a certas questões morais antes fortemente difundidas. Hardy é, por isso, considerado um dos escritores que anteciparam tendências modernistas ainda no século XIX.

Muito embora todos os avanços científicos, econômicos, sociais e políticos tornassem palpável o progresso da sociedade vitoriana, uma parcela considerável dela ainda permanecia em meio à obscuridade. De acordo com Morgan (2007b, p. 1), no que diz respeito à questão social das mulheres, uma das concepções mais difundidas – principalmente pela religião – é a das esferas separadas, que supostamente restringia as mulheres ao ambiente doméstico, onde exerciam o seu papel como “anjo do lar” enquanto o homem, como provedor e figura dominante nos espaços públicos, tinha liberdade para transitar entre os dois âmbitos. Na época, a teologia evangélica (religião da família de Angel Clare e também de Alec d’Urberville, quando ele se converte) contribuiu fortemente para o estabelecimento de crenças e práticas adequadas a essa divisão ideológica, defendendo que

[...] as mulheres que se aventuravam fora do ambiente seguro do lar estavam em particular risco de cair em pecado. A preocupação evangélica com certas cartas do Novo Testamento que, quando lidas “literalmente”, pareciam promover a sujeição feminina, aliada à importância geral do lar para o evangelicalismo, encorajava a visão de que as mulheres precisavam da

orientação espiritual de um marido para resistir à tentação. (Knight e Mason, 2006, p. 141-142, tradução nossa)³⁰

Na família patriarcal em questão, a submissão feminina ao homem chefe de família se dava em troca de sua proteção física e econômica em virtude da fragilidade da mulher (Saffioti, 2013, p. 63). Esse padrão feminino de idealização submissa foi muito exaltado e incentivado na época, e é geralmente a esse estereótipo que associamos a figura da mulher vitoriana, sobretudo a de vida urbana e de classe média:

A relegação das mulheres pelo rei ao lar e ao coração reflete uma ideologia que afirmava que a mulher tinha uma natureza especial peculiarmente adequada para seu papel doméstico. Muito apropriadamente resumido pelo título do poema imensamente popular de Coventry Patmore, *The Angel in the House* (1854-62) [O anjo do lar], esse conceito de feminilidade enfatizava a pureza e a abnegação da mulher. Protegida e consagrada no lar, seu papel era criar um lugar de paz onde o homem pudesse se refugiar das dificuldades da vida moderna. (Reidhead, 2016, p. 992, grifo no original)³¹

No entanto, mesmo no caso das mulheres de classe média ou superior, muitos estudiosos têm se questionado acerca da improvável simplicidade dessa definição:

O papel social da mulher em meados do século XIX era cercado de ambiguidade e incerteza; uma ambivalência cada vez mais reconhecida por historiadores que há muito abandonaram a noção simplista do “Anjo do Lar” vitoriano. [...] Os estudos sobre a contribuição feminina para a sociedade [...] e para a formação da identidade da classe média em particular, têm sido dominados por controvérsias sobre as possibilidades e limitações dessa divisão como guia para as experiências reais das mulheres. (Morgan, 2007b, p. 1, tradução nossa)³²

Mesmo em meio às mulheres de classe média, historiadores se questionam sobre o abismo que muito provavelmente existia entre o ideal vitoriano e a realidade de muitas famílias, alegando que “[...] as mulheres das classes média e baixa podiam utilizar suas

³⁰ Do original: “[...] women who ventured outside the secure environment of the home were at particular risk of falling into sin. The Evangelical preoccupation with certain New Testament letters that, when read ‘literally’, seemed to promote female subjection, allied with the general importance of the home for Evangelicalism, encouraged the view that women needed the spiritual guidance of a husband to resist temptation.”

³¹ Do original: “The king’s relegation of women to the hearth and heart reflects an ideology that claimed that woman had a special nature peculiarly fit for her domestic role. Most aptly epitomized by the title of Coventry Patmore’s immensely popular poem *The Angel in the House* (1854— 62), this concept of womanhood stressed woman’s purity and selflessness. Protected and enshrined within the home, her role was to create a place of peace where man could take refuge from the difficulties of modern life.”

³² Do original: “The social role of women in the mid-nineteenth century was surrounded by ambiguity and uncertainty; an ambivalence increasingly acknowledged by historians who have long since abandoned the simplistic notion of the Victorian ‘Angel in the House’. (...) Studies of the female contribution to (...) society, and to the formation of middle-class identity in particular, have been dominated by controversies over the possibilities and limitations of this division as a guide to women’s actual experiences.”

habilidades domésticas fora de casa em trabalhos de caridade ou educacionais, obscurecendo, assim, a distinção público-privada” (Morgan, 2007b, p. 2, tradução nossa)³³.

É evidente, nesse recorte social, a influência da questão de classe. Muito embora as mulheres de classe média pudessem, ocasionalmente, flutuar sobre o mundo do trabalho, executando tarefas esporádicas de forma sazonal na busca por ocupação ou por alguma independência financeira, supõe-se que, para as mais privilegiadas, o trabalho não fosse uma condição compulsória, como é para a protagonista do romance que analisaremos mais adiante, e como foi, por exemplo, para as milhares de mulheres proletárias da zona urbana que, muitas vezes acompanhadas de seus filhos pequenos, submetiam-se a condições de trabalho degradantes e brutais nas fábricas e nas minas (Reidhead, 2016, p. 982-983). Morgan (2007b) deixa claro que esse recorte específico não é apenas classista, mas também geográfico, uma vez que “A classe média do século XIX foi um fenômeno predominantemente urbano, cujas identidades foram construídas e representadas por meio de espaços e instituições urbanas e cujo foco foi, em primeira instância, agudamente local” (p. 5, tradução nossa)³⁴.

O papel social exercido pelas mulheres de classe baixa, por sua necessária vinculação à esfera do trabalho, era e sempre foi diferente:

A mulher das camadas sociais diretamente ocupadas na produção de bens e serviços nunca foi alheia ao trabalho. Em todas as épocas e lugares tem ela contribuído para a subsistência de sua família e para criar a riqueza social. Nas economias pré-capitalistas, especificamente no estágio imediatamente anterior à revolução agrícola e industrial, a mulher das camadas trabalhadoras era ativa: trabalhava nos campos e nas manufaturas, nas minas e nas lojas, nos mercados e nas oficinas, tecia e fiava, fermentava a cerveja e realizava outras tarefas domésticas. Enquanto a família existiu como uma unidade de produção, as mulheres e as crianças desempenharam um papel econômico fundamental. (Saffioti, 2013, p. 61-62)

A entidade trabalho, por sua vez, ao sintetizar as relações dos homens com a natureza e destes entre si, desmascara a “verdadeira posição que as categorias históricas [de sexo, de raça] ocupam na totalidade dialética *sociedade capitalista* e das relações que elas mantêm entre si e com o todo social no qual se inserem”. É no estabelecimento das relações de produção que aspectos de gênero (e também raciais) hierarquizam a sociedade com base em uma determinada escala de valores historicamente estabelecida. As mulheres, nesse

³³ Do original: “women of the middle and lower classes were able to utilize their domestic skills outside the home in charitable or educational work and so blur the public-private distinction.”

³⁴ Do original: “The nineteenth-century middle class was an overwhelmingly urban phenomenon, whose identities were constructed and played out through urban spaces and institutions and whose focus was, in the first instance, acutely local.”

sentido, categorizadas subalternamente, “operam segundo as necessidades e conveniências do sistema produtivo de bens e serviços, assumindo diferentes feições de acordo com a fase de desenvolvimento do tipo estrutural da sociedade” (Saffioti, 2013, p. 60).

Em *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, escrito em 1845, Friedrich Engels relata a terrível realidade dos trabalhadores fabris no século XIX, principalmente da zona urbana. No trabalho com as máquinas, ele observou não apenas a presença feminina, mas sua predominância em relação à do sexo oposto. Segundo ele, os operários eram “[...] deslocados por mulheres e crianças que, além de serem mais hábeis que os homens, recebem salários menores” (Engels, 2008). Obviamente, essa predominância não era algo necessariamente positivo, já que as mulheres só eram empregadas porque produziam mais, em menos tempo e com menor custo ao capitalista, a quem pertencia a única vantagem nessa dinâmica de exploração.

[...] a inferiorização social de que tinha sido alvo a mulher desde séculos vai favorecer o aproveitamento de imensas massas femininas no trabalho industrial. As desvantagens sociais de que gozavam os elementos do sexo feminino permitiam à sociedade capitalista em formação arrancar das mulheres o máximo de mais-valia absoluta através, simultaneamente, da intensificação do trabalho, da extensão da jornada de trabalho e de salários mais baixos que os masculinos, uma vez que, para o processo de acumulação rápida de capital, era insuficiente a mais-valia relativa obtida através do emprego da tecnologia de então. A máquina já havia, sem dúvida, elevado a produtividade do trabalho humano; não, entretanto, a ponto de saciar a sede de enriquecimento da classe burguesa. (Saffioti, 2013, p. 67)

De acordo com o relato apresentado por Engels (2008), essa preferência pela mão de obra feminina alterava, é claro, a dinâmica então estabelecida dentro dos lares vitorianos. Diferente das famílias de classe média e alta nas quais, supostamente, prevalecia a divisão entre público/masculino e privado/feminino, nas famílias pobres que precisavam se submeter às longas jornadas de trabalho nas fábricas essa dinâmica era bem menos rígida. Não raramente, os papéis sociais se invertiam, como mostra esse trecho do relato de um operário que descreve a situação em que um homem, desempregado, é flagrado por outro, seu amigo, costurando as meias da esposa, operária:

[...] sei bem que este não é meu trabalho, mas minha pobre mulher está na fábrica, tem de sair às cinco e meia da manhã e trabalha até às oito da noite e quando chega à casa está tão cansada que não pode fazer nada e tenho de fazer o que puder no lugar dela porque não tenho trabalho, procuro trabalho há três anos e não encontro e não encontrarei pelo resto da vida. [...] aqui nas vizinhanças há muito trabalho para as mulheres e para as crianças, mas não para os homens, é mais fácil encontrar cem libras na rua que trabalho. [...] o

mundo mudou e Mary tem de trabalhar e eu tenho de ficar aqui, cuidar das crianças e cozinhar, porque quando a pobre chega em casa está esgotada. (Engels, 2008, grifo nosso)

A associação do emprego feminino ao desemprego masculino, a exemplo do relato demonstrado acima, não era incomum. Para Saffioti (2013, p. 74), ela acontece porque o homem, ao, majoritariamente, ver “a mulher como sua concorrente real no mercado de trabalho, deixa de perceber a situação feminina, e a sua própria, como determinadas pela totalidade histórica na qual ambos estão inseridos”: a configuração histórico-social capitalista. Além disso,

[...] em termos dos rendimentos da família como o resultado do trabalho de ambos os cônjuges, não cabe falar de competição entre os sexos, nem dos presumíveis efeitos deletérios para os homens da penetração das mulheres no mercado de trabalho. Por se ter deixado iludir pela identificação da masculinidade como a capacidade de mando, o homem consente na competição desigual de que são atores representantes das duas categorias de sexo, com desvantagens para as mulheres, contribuindo, assim, enormemente, para a preservação de um *status quo* reificante. (Saffioti, 2013, p. 73)

Até que a tecnologia, muitos anos mais tarde, viesse a ajudar a mulher a lidar com as tarefas domésticas, a mãe assalariada viveu o pior do mundo doméstico e industrial (Thompson, 2020, p. 387). Mesmo com as oportunidades de trabalho externas ao lar, o status da mulher ainda “dependia do seu desempenho como dona de casa na economia familiar, na administração e nas providências domésticas, na preparação da cerveja e do pão, na limpeza e na criação dos filhos”. Durante o período de transição para o capitalismo,

[...] já podemos ver [dentro da comunidade trabalhadora] o surgimento da divisão sexual do trabalho que seria típica da organização capitalista — embora as tarefas domésticas tenham sido reduzidas ao mínimo e as mulheres proletárias também tivessem que trabalhar para o mercado. Em seu cerne, havia uma crescente diferenciação entre o trabalho feminino e o masculino, à medida que as tarefas realizadas por mulheres e homens se tornavam mais diversificadas e, sobretudo, passavam a sustentar relações sociais diferentes. (Federici, 2023, p. 205)

Embora aquelas que trabalhassem conseguissem certa independência financeira, nessa nova dinâmica

As mulheres tornaram-se mais dependentes dos patrões ou do mercado de trabalho, e passaram a se recordar de um passado “dourado”, quando os ganhos domésticos com a fição, as aves e outras ocupações não exigiam o afastamento de casa. Nos bons tempos, a economia doméstica, assim como a

camponesa, sustentava um modo de vida centrado no lar, no qual os caprichos e a coerção interna prevaleciam sobre a disciplina exterior. Todos os estágios do processo de especialização e diferenciação industrial atingiram a economia familiar, afetando as relações habituais entre marido e mulher, pais e filhos, e aumentando a distinção entre "trabalho" e "vida". (Thompson, 2020, p. 386)

Ainda sobre a situação das operárias, Engels discorre sobre o impacto das precárias condições laborais na vida das mulheres inglesas. Além da debilidade física geral, as longas jornadas de trabalho dificultavam o momento do parto para as grávidas, assim como aumentavam a frequência de abortos espontâneos. A maior parte das mulheres trabalhava exaustivamente até o fim da gravidez, por medo de serem substituídas e perderem o pouco salário que ganhavam – graças à mão de obra excedente nas cidades, essa era uma situação muito provável. Ele continua:

É frequente que mulheres que trabalharam até tarde num dia tenham o parto na manhã seguinte e não é incomum que a criança nasça na própria fábrica, entre as máquinas – e se os senhores burgueses não veem nisso nada de extraordinário, talvez suas mulheres me concedam a admissão de que obrigar uma grávida a trabalhar de pé e a abaixar-se e a levantar-se inúmeras vezes durante doze ou treze horas (e, no passado, ainda mais) até o momento do parto é uma crueldade inqualificável, uma barbaridade infame. Mas isso não é tudo: as mulheres sentem-se muito felizes se, após o parto, podem passar duas semanas sem trabalhar – muitas retornam à fábrica oito dias depois, e algumas três ou quatro, para trabalhar em turno completo. (Engels, 2008)

Na zona rural, por sua vez, as trabalhadoras e trabalhadores agrícolas sofreram (mais fortemente entre 1760 a 1820 (Thompson, 2020, p. 23)) as consequências dos chamados *Enclosure Acts*, ou Decreto das Cercas, que, ao longo dos anos, deu fim ao sistema feudal de terras comunais antes estabelecido. A medida, cuja justificativa se baseava no aumento da renda e da produtividade da terra por acre, avançou vila após vila, tirando do camponês pobre a oportunidade de garantir ao menos a própria subsistência por meio do trabalho na terra (Thompson, 2020, p. 54).

[...] o argumento oferecido pelos “modernizadores” de todas as posições políticas é que os cercamentos estimularam a eficiência agrícola e que os deslocamentos provocados foram compensados com um crescimento significativo da produtividade da terra. Afirma-se que a terra estava esgotada e que, se tivesse permanecido nas mãos dos pobres, teria deixado de produzir [...], enquanto sua aquisição por parte dos ricos permitiu que a terra descansasse. Junto com a inovação agrícola, continua o argumento, os cercamentos tornaram a terra mais produtiva, o que levou à expansão do abastecimento de alimentos. Desse ponto de vista, qualquer exaltação dos méritos da posse coletiva da terra é descartada como uma “nostalgia pelo passado”, presumindo que as formas comunais agrárias são retrógradadas e

ineficientes e que quem as defende sofre de um apego desmedido à tradição. (Federici, 2023, p. 142-143)³⁵

Tais justificativas, no entanto, não se sustentam, já que, na prática,

A privatização da terra e a comercialização da agricultura não aumentaram a quantidade de alimentos disponíveis para as pessoas comuns, embora a disponibilidade de comida para o mercado e para a exportação tenha aumentado. Para os trabalhadores, isso representou a instauração de dois séculos de fome [...]. Tampouco a introdução de novas técnicas agrícolas na Inglaterra compensou essa perda. Pelo contrário, o desenvolvimento do capitalismo agrário “operou em perfeita harmonia” com o empobrecimento da população rural. (Federici, 2023, p. 143-144)

Com o cercamento e a privatização das terras na mão de proprietários, “os camponeses foram expulsos das terras e os alicerces do capitalismo agrário – dominado por uma estrutura social de três níveis: senhorio, grande arrendatário e trabalhador sem-terra – foram estabelecidos” (Verdon, 2002, p. 19, tradução nossa)³⁶. Mais detalhadamente, Federici (2023) descreve:

No século XVI, “cercamento” era um termo técnico que indicava o conjunto de estratégias usadas pelos lordes ingleses e pelos fazendeiros ricos para eliminar o uso comum da terra e expandir suas propriedades. Referia-se, sobretudo, à abolição do sistema de campos abertos (*open-field system*), um acordo pelo qual os aldeões possuíam faixas de terra não contíguas num campo sem cercas. Cercar incluía também o fechamento das terras comunais e a demolição dos barracos dos camponeses que não tinham terra mas podiam sobreviver graças a seus direitos consuetudinários. Grandes extensões de terra também foram cercadas para criar reservas de veados, ao passo que vilarejos inteiros foram derrubados para serem transformados em pasto. (Federici, 2023, p. 141-142, grifo no original)

Hoje, nos lembra o historiador E. P. Thompson (2020, p. 18), o movimento é “menos notado por sua dureza em dispensar os pobres das aldeias do que pelo seu sucesso em alimentar o rápido crescimento da população”. Na época, os cercamentos, representando as novas relações de propriedade capitalistas, significaram

uma ruptura na estrutura tradicional dos costumes e dos direitos dos aldeões: a violência social dos cercamentos consistiu precisamente na imposição total e drástica das definições de propriedade capitalista sobre as vilas. Naturalmente, estas definições foram se infiltrando nas vilas antes dos cercamentos, durante séculos, mas coexistiram com os costumes e com os

³⁵ Para uma discussão mais detalhada de Federici (2019; 2023), relacionando os cercamentos ao advento do capitalismo e também à guerra contra as mulheres, confira o capítulo 2.

³⁶ Do original: “the peasantry were driven from the land and the foundations of agrarian capitalism – dominated by a three-tier social structure of landlord, large tenant farmer and landless labourer – were laid.”

elementos de autonomia presentes na estrutura da comunidade pré-capitalista da vila, que [...] persistiram com um vigor notável em diversos locais. (Thompson, 2020, p. 56)

O historiador é ainda mais enfático em relação à natureza do movimento de privatização que “acarretou uma profunda sensação de destituição para os pobres” (p. 57) e redefiniu “a natureza da propriedade agrária” (p. 55): a iniciativa, devidamente regulamentada por um Parlamento composto de proprietários e advogados, representou “claramente um roubo de classe” (p. 54), cujos resultados foram avassaladores, pois

representaram o ponto culminante de um longo processo secular em que relações consuetudinárias dos homens com os meios de produção agrícola foram corroídas. As consequências sociais foram profundas porque o processo se tornou visível, tanto em relação ao passado quanto ao futuro, a destruição dos elementos tradicionais na sociedade camponesa inglesa. (Thompson, 2020, p. 56)

O que se chamou de Revolução Agrícola antecedeu a Revolução Industrial e se fez necessário em virtude do crescente declínio da população rural e do consequente aumento da população urbana depois das leis de cercamentos que privatizaram as terras. Ou seja, do aumento da parcela da sociedade que apenas consumia alimentos e de uma proporcional diminuição da parcela que os produzia. Enquanto a Revolução Industrial foi tecnológica, a agrícola foi, sobretudo, social (Hobsbawm, 2020). O olhar sobre a terra passou a ser o capitalista; o olhar sobre o trabalho agrícola passou, também, a ser o do lucro. Quando o campo finalmente se industrializou,

As atividades agrícolas já estavam predominantemente dirigidas para o mercado; as manufaturas de há muito se tinham disseminado por um interior não feudal. A agricultura já estava preparada para levar a termo suas três funções fundamentais em uma era de industrialização: aumentar a produção e a produtividade de modo a alimentar uma população não agrícola em rápido crescimento; fornecer um grande e crescente excedente de recrutas em potencial para as cidades e as indústrias; e fornecer um mecanismo para o acúmulo de capital a ser usado nos setores mais modernos da economia. (Hobsbawm, 2020, p. 63)

Williams (1989) nos lembra, no entanto, da impossibilidade de uma transformação ideológica, econômica e social de essa dimensão acontecer, em sua totalidade, rapidamente. Além disso, ele nos recorda de que, por meio de sua escrita, Hardy também se mostrou sensível a essas transformações:

[...] os efeitos complexos da tendência geral da economia, com impactos contrastantes em diferentes áreas e seções de uma sociedade rural na qual ainda havia movimento de migração em direção às cidades, iam se fazendo sentir gradativamente. O campo não era atemporal, mas também não é estático; de fato, foi porque o processo de transformação mostrou ser demorado (o que Hardy sabia) que a crise assumiu suas formas específicas. (Williams, 1989, p. 282-283)

A instauração de um novo modo de produção como fenômeno histórico se dá, assim, de forma gradual e diversa, porque acontece em um ritmo diferente para cada um dos fatores socioculturais que compõem a sociedade em questão (Saffioti, 2013, p. 58). Dessa maneira, o processo vivenciado pela parcela feminina da população – sendo essa uma categoria, assim como a de pessoas não-brancas, menos favorecida pelo modo de produção capitalista – diferenciou-se daquele vivido por indivíduos privilegiados no quesito racial ou de gênero.

Para além de um fenômeno histórico, o sistema de produção de bens e serviços constitui o cerne da estrutura social. Para Marx (2008, p. 47), as relações de produção estabelecidas constituem a estrutura econômica que serve de base para o desenvolvimento das superestruturas jurídica e política; estas, por sua vez, produzem formas de consciência socialmente determinadas:

[...] na produção social da própria existência, os homens entram em relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade; essas relações de produção correspondem a um grau determinado de desenvolvimento de suas forças produtivas materiais. [...] O modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência. (Marx, 2008, p. 47)

Saffioti (2013), com base nessa definição e considerando cada tipo estrutural social que antecedeu o capitalismo e que posteriormente corroborou para sua instauração como modo de produção, conclui que, nele, por estarem as mulheres, historicamente, em posição de desvantagem³⁷, “[...] as possibilidades de integração da mulher na sociedade variam em razão inversa do grau de desenvolvimento das forças produtivas” (p. 64).

Para os habitantes que resistiram ao êxodo e permaneceram na zona rural, as consequências dessa transformação foram, embora lentas, avassaladoras (e Hardy talvez tenha

³⁷ “A instauração de um novo modo de produção envolve um grande ônus para certos setores da população de uma sociedade. Na passagem do modo feudal de produção para o modo capitalista, este ônus social pesará sobre os estamentos inferiores da antiga ordem, que, progressivamente, se vão constituindo como classes sociais subprivilegiadas. Torna-se clara, no novo regime, a divisão da sociedade em classes sociais e a exploração econômica de que é alvo uma delas por parte da outra.” (Saffioti, 2013, p. 66)

exemplificado parte disso muito bem em *Tess*, como veremos adiante). Antes da Revolução Agrícola, as mulheres, além de, secundariamente, trabalharem como agricultoras,

exploravam direitos comuns e recebiam salários em diversas indústrias da zona rural, como nas de fiação. As mudanças agrárias destruíram muitas dessas oportunidades produtivas de ganho, reduzindo as mulheres a uma dependência maior de seus maridos. Ao mesmo tempo, novas culturas e métodos de cultivo “se combinaram para criar uma nova classe de mulheres assalariadas na agricultura”: as trabalhadoras diaristas. [...] o número de mulheres empregadas como trabalhadoras diaristas aumentou no final do século XVIII e continuou a fazê-lo ao longo das Guerras Napoleônicas. A depressão pós-guerra na agricultura levou ao desemprego e à pauperização em toda a Inglaterra rural, afetando tanto trabalhadores masculinos quanto femininos. (Verdon, 2002, p. 23, tradução nossa)³⁸

As condições e oportunidades de trabalho para o proletariado feminino agrícola, apesar de diferentes, podiam ser tão raras e exaustivas quanto nas grandes cidades. Embora muito posteriormente e em escala consideravelmente menor, historiadores passaram a se voltar, também, para a realidade dessa parcela triplamente marginalizada da população vitoriana:

[...] Levou muitos anos para que as mulheres rurais – e seus papéis como trabalhadoras, manifestantes, familiares e agentes de mudança social – se materializassem como temas dignos de interesse acadêmico. [...] ‘Tanto as mulheres casadas quanto as solteiras trabalharam na agricultura durante a maior parte do século XIX’, afirmavam [os estudiosos citados], ‘e a maioria dos livros didáticos sobre história agrícola dizem que elas desapareceram da força de trabalho rural depois de 1870’. (Verdon, 2002, p. 21, tradução nossa)³⁹

Para essa porção invisibilizada da sociedade feminina inglesa, a realidade do trabalho – além daquele já exercido no ambiente doméstico – sempre foi um fenômeno naturalizado e, mais do que isso, necessário à própria subsistência ou sobrevivência, individualmente ou no âmbito familiar. Nem ao se mostrarem perfeitamente capazes de

³⁸ Do original: “women also exploited common rights and earned wages in the diverse range of industries located in rural districts, including spinning. Agrarian change destroyed many of these productive wage-earning opportunities, reducing women to increased dependency on their husbands. At the same time, new cultures and methods of cultivation ‘combined to create a new class of women wage earners in agriculture’: the day labourer. [...] the number of women employed as day labourers increased in the late eighteenth century and continued to do so throughout the course of the Napoleonic Wars. The post-war depression in agriculture led to unemployment and pauperisation across rural England, affecting male and female workers alike.”

³⁹ Do original: “(...) It has taken many years for rural women – and their roles as workers, rioters, family members and agents of social change – to materialise as topics worthy of academic interest. (...) ‘Both married and single women worked in agriculture for the greater part of the nineteenth century’, they [the researchers] claimed, ‘and most textbooks on agricultural history say they disappeared from the rural labour force after 1870.’”

executar atividades laborais, no entanto, as mulheres da zona rural foram poupadas da ideologia de divisão de gênero que alegava, dentre outras coisas, sua inferioridade física, intelectual e moral em relação ao homem – muito pelo contrário: posturas sociais e culturais como essa afetavam diretamente as condições do trabalho feminino estabelecendo uma série de proibições e proscricções às atividades que elas poderiam exercer – a mão de obra feminina era mais barata porque se acreditava que, ao contrário de um homem, uma mulher não poderia executar qualquer tarefa; por sua condição física frágil, trabalhava por menos tempo; e, devido à sua inferioridade intelectual, cumpria seus afazeres com menor eficiência (Verdon, 2002, p. 29).

A divisão sexual do trabalho na agricultura do século XIX estava firmemente estabelecida. Por toda a Inglaterra, as mulheres eram envolvidas em certas tarefas consideradas *adequadas* para trabalhadoras do sexo feminino. Capinar, sachar, recolher pedras, plantar e cavar eram todas tarefas manuais de trabalho intenso. Elas também eram classificadas como ocupações *não especializadas*. Mulheres eram procuradas para esse tipo de trabalho, pois exigia dedos ágeis e habilidade para se concentrar em tarefas monótonas, extenuantes, mas não tão exigentes, por longos períodos. (Verdon, 2002, p. 124, grifo nosso, tradução nossa)⁴⁰

O capitalismo, de acordo com Saffioti (2013), além de tornar evidente e corroborar com a divisão da sociedade em classes sociais, justifica, por meio da tradição, a exclusão real ou potencial de determinados segmentos da sociedade (como sua parcela feminina) do sistema de produção e distribuição de bens e serviços:

A elaboração do fator natural sexo [histórica e sistematicamente tomado como justificativa para a subordinação feminina], enquanto determinação comum que é, assume, na nova sociedade, uma feição inédita e determinada pelo sistema de produção social. Aparentemente, no entanto, são as deficiências físicas e mentais dos membros da categoria sexo feminino que determinam a imperfeição das realizações empíricas das sociedades competitivas. A mulher faz, portanto, a figura do elemento obstrutor do desenvolvimento social, quando, na verdade é a sociedade coloca obstáculos à realização plena da mulher. (Saffioti, 2013, p. 66)

Nicola Verdon (2002) demonstra, de acordo com registros históricos, que as limitações referentes às opções disponíveis para a mulher no mercado de trabalho – fosse na zona rural ou urbana – não eram definidas apenas por fatores econômicos (Verdon, 2002, p.

⁴⁰ Do original: “The sexual division of labour in nineteenth-century agriculture was long established. Across the English counties women were engaged for certain tasks that were seen as suitable for female workers. Weeding, hoeing, stonepicking, planting and digging were all labour-intensive manual tasks. They were also classified as unskilled occupations. Women were sought for such work, as it required nimble fingers and an ability to concentrate on tedious, backbreaking but undemanding tasks for long periods.”

13). A historiadora também enfatiza que, apesar de essa divisão de gênero dentro do mercado de trabalho ter se intensificado nesse período,

[...] a especialização sexual do trabalho agrícola não se originou das atitudes vitorianas em relação ao lugar próprio das mulheres: o declínio das oportunidades de trabalho feminino no século XIX foi a continuação de um processo prolongado que começou um século antes. As mudanças no potencial assalariado feminino ocorreram paralelamente à transformação do trabalho diário agrícola, confirmando a divisão sexual do trabalho. (Verdon, 2002, p. 24-25, tradução nossa)⁴¹

As imposições ideológicas moralistas que visavam, supostamente, “proteger” a mulher e sua dita fragilidade característica dos males externos ao ambiente doméstico, condenavam todas as mulheres à opressão de gênero, muito embora esta não as afetasse na mesma proporção. No entanto, as mulheres mais pobres e mais profundamente vulneráveis é que, paradoxalmente, eram expostas a situações de maior degradação física e social: fosse dentro de uma fábrica, em algum celeiro ou campo para colheita, eram as detentoras do sexo frágil que trabalhavam arduamente, dentro de casa e fora dela, para, no fim, ganhar consideravelmente menos do que um homem que executasse o mesmo trabalho⁴².

1.2. TRABALHO E DIGNIFICAÇÃO EM TALBOTHAYS

*I enter a daisy-and-buttercup land,
And thence thread a jungle of grass:
Hurdles and stiles scarce visible stand
Above the lush stems as I pass.*

*Hedges peer over, and try to be seen,
And seem to reveal a dim sense
That amid such ambitious and elbow-high green
They make a mean show as a fence.*

*Elsewhere the mead is possessed of the neats,
That range not greatly above*

⁴¹ Do original: “[...] the sexual specialisation of agricultural labour did not stem from Victorian attitudes concerning the proper place of women: the decline in female work opportunities in the nineteenth century was the continuation of a prolonged process that began a century earlier. Changes in female wage-earning potential occurred alongside the transformation in agricultural day labour, confirming the sexual division of labour.”

⁴² “Na sociedade de classes, o trabalho, a par de ser alienado enquanto atividade, gera um valor do qual não se apropria inteiramente o indivíduo que o executa, quer seja homem, quer seja mulher. Esta, entretanto, se apropria de menor parcela dos produtos de seu trabalho do que faz um homem. É óbvio, portanto, que a mulher sofre mais diretamente do que o homem os efeitos da apropriação privada dos frutos do trabalho social.” (Saffioti, 2013, p. 73)

*The rich rank thicket which brushes their teats,
And her gown, as she waits for her Love.*

Near Chard

Growth in May, de Thomas Hardy⁴³
(Gibson, 1979, p. 626)⁴⁴

Figura 2 - Tess em Talbothays



Fonte: *The Victorian Web*⁴⁵

Os empregados da vacaria viviam confortavelmente, placidamente e alegremente. A posição deles talvez fosse a mais feliz de todas na escala social: acima da linha onde termina a pobreza, e acima da linha em que as conveniências sociais começam a restringir o sentimento natural, e o estresse das modas triviais fica muito aquém do suficiente. [...] Em sua vida recente, Tess nunca fora tão feliz quanto agora, e possivelmente nunca voltaria a sê-

⁴³ Em tradução livre: “*Crescimento em Maio*: Eu entro numa terra de margaridas e botões-de-ouro,/E dali passo por uma selva de grama:/Cercas e estacas mal visíveis permanecem/Acima das exuberantes hastes enquanto passo.

“As cercas espiam por cima, e tentam ser vistas,/E parecem revelar um vago sentido/De que em meio a tão ambicioso e alto verde/Elas fazem uma pobre figura como cerca.

“Em outros lugares o prado é possuído pelo gado,/Que não se eleva muito acima/Do rico matagal que roça suas tetas,/E a saia dela, enquanto espera pelo seu Amor.

“Próximo a Chard.”

⁴⁴ Outros poemas hardyanos inspirados em personagens ou cenários de Tess são: “*Tess’s Lament*”; “*The Slow Nature*”; “*We Field-Women*”; “*At Middle-Field Gate in February*”; e “*Proud Songsters*”. (Hardy, 1991, p. 350)

⁴⁵ “*Tess no pátio do leiteiro Dick*” por Joseph Syddall. Ilustração original da serialização do romance. Disponível em: <https://victorianweb.org/art/illustration/syddall/2.html>.

lo. Decerto, sua condição era física e mentalmente apropriada a esse novo ambiente. (Hardy, 1991, p. 101, tradução nossa)⁴⁶

É em busca de renovação que Tess, depois de muito esperar por uma oportunidade de emprego que a afastasse de sua comunidade – e, esperançosamente, de seu passado sombrio – deixa sua região para trabalhar como leiteira na abundante propriedade Talbothays, comandada pelo generoso e benevolente fazendeiro Richard Crick. Esse período se mostraria, como o próprio narrador afirma no trecho acima, o mais feliz de sua jovem vida. Depois de viver em reclusão por anos após a perda precoce do filho – fruto da violência cometida por Alec d’Urberville e evidência viva e palpável de sua condenação como mulher impura – ela, finalmente, decide abandonar seus infortúnios.

No romance, Hardy relaciona o anseio de Tess ao poder de renovação da natureza que, com a chegada da nova estação, regenera-se. Esse poder imbatível de reconstrução age sobre Tess de forma primitiva, quase como fizesse dela uma mera refém da força da natureza: “Uma primavera particularmente bela chegou, e o movimento germinativo era quase audível nos pequenos brotos. Movia-a, como aos animais selvagens, e tornava-a aflita por partir” (Hardy, 2022, p. 88). Esse tipo de associação feita pelo narrador é comum ao longo de todo o romance. Para Morgan (2007a), a locação da nova fase da vida de Tess é carregada de simbolismo e coincide com o breve período idílico de sua vida:

O Vale em si é exuberante e fértil, cercado por um rio e por uma comunidade produtora de laticínios livre do abate de animais e abençoada por uma produção pacífica – a ordenha das vacas, o desnatar do leite e o bater da manteiga. O clima é temperado: dias de sonho, de verão, onde os únicos sons que se ouvem são o mugido do gado nos prados e o canto dos pássaros. A história de Talbothays é eterna e mítica: a deusa da primavera retornou, o mundo se tornou novo outra vez, e Tess, seus instintos despertados em afinidade sensual com a vibração das coisas naturais, floresce. (Morgan, 2007a, p. 103, tradução nossa)⁴⁷

⁴⁶ Do original: “Dairyman Crick’s household of maids and men lived on comfortably, placidly, even merrily. Their position was perhaps the happiest of all positions in the social scale, being above the line at which neediness ends, and below the line at which the convenances begin to cramp natural feeling, and the stress of threadbare modishness makes too little of enough. (...) Tess had never in her recent life been so happy as she was now, possibly never would be so happy again. She was, for one thing, physically and mentally suited among these new surroundings.”

⁴⁷ Do original: “The Vale itself is a lush, fertile river valley and a dairy-farming community unbloodied by the slaughter of animals and blessed by peaceful productivity—the milking of cows, the skimming of cream, and the churning of butter. The climate is temperate: dreamy, summery days where the only sounds to be heard are the lowing of cattle in the meads and the songs of birds. The Talbothays story is ageless and mythic: the goddess of spring has returned, the world is made new again, and Tess, her instincts roused in sensuous affinity with the pulse and throb of natural things, flourishes.”

Depois da longa viagem na direção sul, antes mesmo que Tess pudesse estabelecer contato com alguém na leiteria, ela se depara com a prosperidade do vale, com a vivacidade dos prados e a disponibilidade de alimento, representadas na cena pela abundância de leite produzido pelas vacas dóceis, soltas no meio do campo: “[...] Seus venosos úberes pendiam pesados como sacos de areia; as tetas projetavam-se como as pernas de uma panela cigana; e, enquanto cada animal esperava sua vez, o leite vazava e caía em gotas sobre a terra” (Hardy, 2022, p. 94).

A perspectiva de um recomeço em um trabalho agradável a alegrava e, mesmo depois de uma longa e cansativa viagem, ela se prontificou para o trabalho assim que foi aceita em sua função, disposta a ajudar:

Após trocar o chapéu e posicionar-se em seu banquinho sob a vaca, e esguichar o leite de seus punhos para o balde, Tess parecia sentir que realmente estabelecera novas bases para seu futuro. A convicção trouxe-lhe serenidade, seu pulso ralentou e ela pôde olhar à sua volta. [...] Os leiteiros formavam um pequeno batalhão de homens e moças; os homens nos animais mais duros; as moças, com aqueles mais gentis. Era um estabelecimento grande. Havia quase cem empregados sob a direção de Mr. Crick, no total; e, do rebanho, o mestre ordenhava seis ou oito com as próprias mãos, a menos que estivesse fora. Eram as vacas mais difíceis de todas; pois, como a maioria de seus empregados era contratada de forma casual, não confiava esta meia dúzia a quem, por indiferença, poderia não ordenhá-las completamente; nem às moças, que poderiam falhar por falta de força. (Hardy, 2022, p. 96)

Diferente do que parecia acontecer nos trabalhos anteriores de Tess – de caráter incerto e irregular –, seu emprego em Talbothays, apesar de sazonal, seria formal e devidamente assalariado (Vasconcelos, 2006, p. 194). Esse vínculo empregatício, na classificação de demanda de trabalho feita por Thompson (2020, p. 50-51), se enquadraria no primeiro tipo de relação entre patrão e servidor: “empregados da fazenda, contratados por um ano ou uma estação”, em que “havia uma maior segurança e uma menor independência: baixos salários, muitas horas de trabalho, mas o direito à alimentação e alojamento na propriedade do fazendeiro”. De acordo com outros registros históricos aqui considerados, o trabalho feminino no campo inglês era geralmente “[...] caracterizado por atividades casuais, sazonais, de múltiplas camadas e de meio período [...]” (Verdon, 2002, p. 32, tradução nossa)⁴⁸. Nicola Verdon (2002) defende que, apesar disso, ao longo dos séculos XVIII e XIX a participação laboral feminina cresceu em regularidade e diversidade. Com a implementação de novos métodos agrícolas de produção, as mulheres continuaram sendo fundamentais na

⁴⁸ Do original: “(...) characterised by part-time, casual and seasonal multi-layered activities (...)”

composição da mão de obra rural também durante o século XX. No entanto, a partir, principalmente, da segunda metade do século XIX, conforme os valores vitorianos de divisão de gênero ganhavam força na Inglaterra, observou-se, através dos registros, o afastamento feminino do trabalho de cultivo nos campos e a preferência da força de trabalho da mulher para a execução de atividades domésticas e de produção de laticínios – indústria na qual ocuparam, ao menos inicialmente, um lugar de relevância (p. 28).

Apesar de o trabalho ser uma evidente necessidade para a maior parte das mulheres, sobretudo entre as mais pobres como Tess, muitos vitorianos (embora não todos) condenavam a atividade laboral externa ao ambiente doméstico, como as atividades de colheita, considerando-a danosa, como demonstra o trecho abaixo, retirado de um relato feito em 1867:

Admite-se universalmente que tal emprego, não tanto por causas inerentes a ele, mas pelas circunstâncias que o cercam, é, em grande medida, desmoralizante. Não só dessexualiza as roupas, o andar, as maneiras, o caráter de uma mulher, tornando-a áspera, grosseira, desajeitada, masculina; mas gera mais um significativo mal social ao desqualificá-la ou descartá-la para os deveres próprios de uma mulher em casa. (Verdon, 2002, p. 72, tradução nossa)⁴⁹

O provável aumento do vigor e da resistência física das mulheres habituadas com o trabalho manual no campo faziam com que essas figuras fossem diretamente de encontro com o ideal vitoriano que tinha a fragilidade feminina como uma das características capazes de justificar sua posição de submissão. A sequência de atributos negativos atrelados à execução da atividade laboral citada acima mostra como poderia ser ameaçador para o futuro matrimonial de uma mulher se seu corpo não fosse vulnerável ou elegante o bastante. O trabalho de uma *milkmaid*, no entanto, não exigia da mulher, necessariamente, a força física. Pelo contrário: eram elas as mais indicadas para a tarefa pela suposta delicadeza de suas mãos – esse, ao menos, era o caso de Tess, que

[...] logo descobriu quais dos animais tinham preferência por seu estilo de manipulação. Seus dedos estavam mais delicados após o aprisionamento ao qual se submetera nos dois ou três anos anteriores e, portanto, estava contente em aceitar a opinião dos animais a esse respeito. Do total de noventa e nove, havia oito em particular – *Dumpling, Fancy, Lofty, Mist, Old Pretty, Young Pretty, Tidy* e *Loud* – que, à parte uma ou duas tetas duras

⁴⁹ Do original: “It is universally admitted that such employment, not so much from causes inherent in it as from circumstances by which it is surrounded, is to a great extent demoralising. Not only does it unsex a woman in dress, gait, manners, character, making it rough, coarse, clumsy, masculine; but it generates a further pregnant social mischief by unfitting or disposing her for a woman’s proper duties at home.”

como cenouras, ofereciam a ela uma prontidão que reduzia seu trabalho a um mero toque. (Hardy, 2022, p. 107, grifo nosso)

Figura 3 - Tess e Angel na leiteria



Fonte: *The Victorian Web*⁵⁰

É por meio de um ofício humanizado e, às vezes, até prazeroso, que Hardy reestabelece a dignidade de sua protagonista. É também em Talbothays que Tess reencontra Angel Clare e passa a ser constantemente cortejada por ele. Clare é o filho rebelde de uma família religiosa que optou, para a desaprovação de seus pais, por se tornar um homem de posses em vez de ir para a universidade, como seus irmãos. Para isso, ele se torna aprendiz de Crick na leiteria, visando, num futuro próximo, a adquirir terras que possa administrar na Inglaterra ou na região das colônias, como o Brasil. Ele se encanta pela aparência virginal de Tess e, ao atribuir a ela uma pureza incompatível com sua realidade, a apavora com a possibilidade de descoberta de seu passado sombrio, sendo essa a única tensão vivida pela protagonista nesse período.

Encontravam-se diariamente naquele estranho e solene intervalo, no nascer da manhã, no amanhecer violeta ou rosa; pois aqui era necessário levantar cedo, muito cedo. A ordenha era feita cedo; e, antes da ordenha vinha o processo de desnatar, que começava pouco depois das três. Despertado por um alarme, um ou outro dos trabalhadores tinha a incumbência de acordar os

⁵⁰“Ele pulou da sua cadeira e foi rapidamente em direção ao desejo de seus olhos”, por Joseph Syddall. Ilustração original da serialização do romance. Disponível em: <https://victorianweb.org/art/illustration/syddall/4.html>.

demais. E, como Tess fora a última a chegar, e logo descobriram que poderiam confiar que não dormisse depois do som do alarme, como outros faziam, a tarefa era mais frequentemente dela. Assim que soavam às três horas, ela deixava o quarto e corria até a porta do dono. Depois, subia as escadas para despertar Angel, acordando-o em um sussurro alto. (Hardy, 2022, p. 114)

O relacionamento dos dois ganha forma e intensidade em meio ao trabalho, já que o mundo de Tess gira em torno dessa necessidade. É também por meio dele que a personagem se forma e se transforma. Para Williams (1989), é durante sua ocupação que a protagonista, em diversos momentos do romance, toma decisões acerca das mais diversas questões emocionais de sua vida. Para ele, ao colocar as questões psicológicas e emocionais e o trabalho de seus personagens em uma única dimensão, Hardy atribui aos seus romances uma profundidade e plenitude inéditas na literatura rural inglesa, onde as esferas do amor e do trabalho, assim como a vivência das dores advindas deste e da necessidade de se tomar decisões, coexistem, assim como possivelmente aconteceria em uma realidade não fictícia, com o contexto laboral individual. A forma literária, nesse sentido, assume uma complexidade humanizada, já que Hardy, frequentemente, “[...] vê o trabalho, com uma percepção arguta, como uma forma central de aprendizagem e relacionamento” (Williams, 1989, p. 289).

Podemos exemplificar essa “coabitação” das esferas emocional e laboral na forma do romance, dentre outros momentos em que essa fusão acontece, com o momento em que Tess é surpreendida pelo pedido de casamento de Clare enquanto ambos trabalham, sozinhos, no processo de desnatação do leite. Contrariando o desejo do próprio coração, Tess sofre após recusar o pedido quase imediatamente, por acreditar não ser digna de Angel:

“Sinto que não posso – nunca, nunca!”, ela ecoou.
 “É cedo demais para o pedido, minha bela?”
 “Sim – não esperava por isso.”
 “Se esquecer de tudo isso, por favor, Tessy, darei tempo a você”, disse ele.
 “Foi muito abrupto de minha parte chegar em casa e falar-lhe, tudo de uma só vez. Não farei alusão a esse fato durante um tempo.”
 Ela tomou nas mãos o coador novamente, segurou-o sob a bomba, e reiniciou o trabalho. Mas não pôde, como em outras ocasiões, acertar a exata dosagem de creme com a destreza delicada exigida, por mais que tentasse; às vezes, estava pondo leite de menos; às vezes, ar. Mal podia ver, pois os olhos encheram-se de lágrimas embaçadas surgidas de uma dor que, para esse seu melhor amigo e defensor, nunca poderia explicar. (Hardy, 2022, p. 148-149)

Hardy insiste nessa escolha formal: diante da negativa de Tess, é também durante o trabalho da camponesa, “[...] no tom suave do deslizar do leite – ao lado das vacas, ao

desnatar o leite, ao fazer manteiga, ao fazer queijos, entre as aves chocadeiras e entre os porcos que pariam [...]” que Angel insiste em cortejá-la. (Hardy, 2022, p. 158). Foi durante o transporte das latas de leite fresco de Talbothays até a estação de trem da cidade que Tess finalmente cedeu, aceitando se casar com ele.

É, inclusive, nesse mesmo momento do romance que Tess “intui com acerto o que em jargão chamaríamos de separação entre esfera da produção e do consumo, que define a nova organização do trabalho da qual ela passou a fazer parte” (Vasconcelos, 2006, p. 193). Por meio de Tess, Hardy verbaliza o estranhamento ao meio de produção capitalista:

“Os londrinos beberão aquele leite no desjejum de amanhã, não?”, perguntou Tess. “Pessoas estranhas, pessoas que nunca conhecemos.”
 “Sim – suponho que sim. Embora não do jeito que o enviamos. Quando sua força tiver sido diminuída, para que não suba para suas cabeças.”
 “Homens e mulheres nobres, embaixadores e centuriões, damas e mulheres de comerciantes e bebês que nunca viram uma vaca.”
 “Bem, sim; talvez; especialmente centuriões.”
 “Que nada sabem sobre nós, e de onde o leite vem; ou nem pensam em como nós viajamos milhas esta noite, através da charneca, para que eles o recebessem a tempo?” (Hardy, 2022, p. 163)

A perspectiva capitalista desvincula, assim, o emprego da força de trabalho humana da produção de mercadorias para fins de subsistência:

A oposição dialética objetiva existente entre o valor de uso e o valor de troca das mercadorias se subjetiva no momento mesmo da determinação da força de trabalho como mercadoria. O trabalhador não mais produz diretamente para seu consumo, mas produz artigos cuja existência independe de suas necessidades enquanto produtor singular. Nem qualitativa nem quantitativamente o produto do trabalho do trabalhador representa os meios através dos quais o produtor imediato produz e reproduz sua força de trabalho. Entre atividade trabalho e os produtos aptos a satisfazerem às necessidades do trabalhador, ou seja, entre a produção *stricto sensu* e o consumo, medeiam dois outros processos de natureza também social: a distribuição e a troca. Deste modo, o trabalhador participa do mercado não apenas enquanto comprador de mercadorias, mas ainda, e precedentemente, como vendedor de força de trabalho. (Saffioti, 2013, p. 53-54)

O período entre o noivado e o casamento da protagonista caracteriza-se também pela diminuição drástica da demanda por mão de obra feminina na próspera leiteria. Com o nascimento e a venda dos bezeros, restam poucas ou nenhuma vaca para se ordenhar (Hardy, 2022, p. 176). Hardy mais uma vez inscreve, assim, no enredo de *Tess* a história de muitas mulheres inglesas que, conforme reconhecido apenas recentemente, empregavam sua mão de obra no campo de maneira sazonal e limitada pela divisão sexista do mercado de trabalho.

1.3. TRABALHO E DEGRADAÇÃO EM FLINTCOMB-ASH

*How it rained
When we worked at Flintcomb-Ash,
And could not stand upon the hill
Trimming swedes for the slicing-mill.
The wet washed through us - splash, splash, splash:
How it rained!*

*How it snowed
When we crossed from Flintcomb-Ash
To the Great Bam for drawing reed,
Since we could nowise chop a swede.
Flakes in each doorway and casement-sash:
How it snowed!*

*How it shone
When we went from Flintcomb-Ash
To start at dairywork once more
In the laughing meads, with cows three-score,
And pails, and songs, and love - too rash:
How it shone!*

We Field-Women, de Thomas Hardy⁵¹
(Gibson, 1979, p. 881)

O campo de couve-nabo, que ela e a companheira colhiam, era uma extensão de cem hectares na terra mais alta da fazenda, acima de lancetas de pedra – o resultado de veias siliciosas na formação de cal, composta de miríades de brancas pedras soltas em formas bulbosas, cúspides e fállicas. A metade superior de cada nabo havia sido comida pelo gado, e era a função de duas mulheres desenterrar a parte inferior da raiz com um garfo curvo chamado de cabouqueiro, para também servir de alimento. Após o consumo de cada folha do vegetal, todo o campo assumia uma desoladora cor marrom; era um rosto sem traços, como se apenas uma extensão de pele sobre uma face, do queixo à testa. O céu vestia, em outra cor, o mesmo aspecto: uma vacuidade branca sem definição. Os dois rostos, superior e inferior, confrontavam-se durante todo o dia, a face branca fitando a marrom, a marrom fitando a

⁵¹ Em tradução livre: “Nós, *mulheres do campo*: Como choveu/Quando trabalhávamos em Flintcomb-Ash,/E não podíamos ficar no alto/A aparar nabos para o moinho de corte./A chuva nos atravessava - plu, plu, plu:/Como choveu!

“Como nevou/Quando cruzamos de Flintcomb-Ash/Para o Grande Bam para cortar junco,/Já que de forma alguma poderíamos cortar um nabo./Flocos em cada porta e janela:/Como nevou!

“Como brilhou/Quando saímos de Flintcomb-Ash/Para trabalhar na vacaria outra vez/Nos prados sorridentes, com sessenta vacas,/E baldes, e canções, e amor – tão imprudente:/Como brilhou!”

branca, sem nada que se interpusesse entre elas além das duas meninas movendo-se como moscas sobre a superfície inferior. (Hardy, 2022, p. 247)

Tess é abandonada por Angel poucos dias após o casamento. Ele, inconformado com a recém descoberta sobre o passado indigno da esposa, resolve partir sozinho para o Brasil. Ela, em desamparo, volta para a casa de seus pais, de onde parte novamente em busca de trabalho, passando a maior parte do tempo empregada irregularmente em vacarias próximas. Mais uma vez, as condições de vida e trabalho de Tess parecem estar em sintonia com o seu aspecto emocional – dessa vez, ambos instáveis. O autor materializa as angústias da personagem por meio da caracterização do espaço em que ela se encontra. Se o amor de Tess por Angel era quente e próspero como o verão na leiteria, o presente, sem ele, é para ela como o irregular planalto de cal de Flintcomb-Ash, impiedosamente frio em meio ao inverno rigoroso. Mais uma vez, como em tantas outras, Hardy coloca em uma escala unidimensional as esferas pessoal e do trabalho, fazendo de Tess e de seu ofício, um só.

Após a partida do marido, Tess reluta a usar o pouco dinheiro deixado por ele. Porém, em meio à ausência de opções de trabalho durante o inverno, tal gasto se faz necessário. Quando a família pede por socorro e ela envia a eles o pouco que lhe resta, seu dinheiro finda. E ela, por orgulho e por respeito a Angel, se recusa a recorrer aos sogros em busca de ajuda.

Nesse tempo Tess gastou o último dos soberanos e, não o substituído por outros, pois, devido à estação, não arranjava trabalho, estava na miséria. Sem estar ciente da raridade da inteligência, da energia, da saúde e da boa vontade em qualquer esfera da vida, evitou procurar ocupação interna, com medo de cidades, grandes casas, pessoas ricas e sofisticadas, e de modos que não fossem os rurais. (Hardy, 2022, p. 238)

Conforme observado no tópico anterior, para a mão de obra feminina rural havia uma demanda sazonal limitada, sobretudo, ao tipo de tarefa que poderia ou não ser executada por mulheres. Verdon (2022) lembra que era muito comum que “[...] as mulheres fossem contratadas para capinar e colher pedras na primavera, e para fazer feno e colheita no verão, mas que não fossem empregadas pelo resto do ano.” (p. 116, tradução nossa)⁵². Tess sabia que, com a chegada do inverno estéril e, conseqüentemente, do fim da demanda por *milkmaids* ou por funções mais confortáveis, seria obrigada a trabalhar com a colheita, uma atividade que viria a requerer dela muito mais força e vigor.

⁵² Do original: “[...] women were engaged for weeding and stone-picking in the spring, and for haymaking and harvesting in the summer, but they were not employed for the remainder of the year.”

Primeiramente, perguntou por tipos mais leves de trabalho e, como a esperança de sua aceitação frustrara-se, pediu, em seguida, trabalhos menos leves, até que, começando com a tendência de leite e aves que preferia, terminou com os empregos pesados e rudes de que ela menos gostava – trabalhar na terra arável: trabalho de tal rudeza, de fato, como nunca teria deliberadamente se oferecido para realizar. (Hardy, 2022, p. 243)

Com o advento da Revolução Industrial, a mecanização do trabalho no campo teve um impacto direto e determinante na restrição do trabalho feminino rural ao longo dos séculos XVIII e XIX. A otimização da produção agrícola por meio da inserção de novas tecnologias no campo foi crucial na segregação da mão de obra feminina, justamente porque o ritmo das máquinas era muito mais acelerado do que o estabelecido anteriormente pelo trabalho manual:

A expansão da produção de grãos foi acompanhada por uma maior demanda por mão de obra masculina na colheita e tecnologia mais pesada. Assim, o emprego das mulheres na colheita foi progressivamente marginalizado à medida em que a gadanha foi substituída pela gadanha mais pesada para a colheita de trigo e centeio. Consequentemente, o emprego feminino foi cada vez mais confinado à participação na capina da primavera e na colheita do feno no início do verão. (Verdon, 2002, p. 25, tradução nossa)⁵³

É criando uma brusca oposição ao passado idílico de Tess em Talbothays que Hardy parece criar Flintcomb-Ash, que soa insalubre na mesma proporção em que a leiteria parecia transbordar vida. Na classificação feita por Thompson (2020) esse vínculo empregatício de Tess configuraria o de “trabalhador casual” que, sendo pago por dia ou por tarefa, envolvia um grupo de imensa variedade, embora se caracterizasse, sobretudo, por uma “mão de obra miserável” e por “mulheres e crianças empregadas por salários aviltantes” (p. 50-51). Com o advento da Revolução Industrial esse tipo de vínculo passou a ser o mais recorrente, uma vez que “as relações entre os patrões e empregados tornaram-se mais duras e menos pessoais” (p. 25). O tipo de posse da terra, por sua vez, é explicado pelo próprio narrador: “Das três classes de vilarejo, o vilarejo cuidado pelo senhor, o cuidado por ele mesmo e aquele sem cuidado nenhum (em outras palavras, o vilarejo de um cavalheiro residente, o vilarejo de livres ou arrendatários, e o do dono ausente), Flintcomb-Ash pertencia ao terceiro tipo” (Hardy, 2022, p. 247). Ingham (2009) afirma que “Por implicação, tal fazendeiro será um explorador” e que “Este é o ponto mais baixo das privações e do trabalho

⁵³ Do original: “The expansion of grain production was accompanied by a greater demand for male harvest labour and heavier technology. Thus women’s harvest employment was progressively marginalised as the sickle was replaced by the heavier scythe for the harvesting of wheat and rye. Consequently, female employment was increasingly confined to participation in spring weeding and early summer haymaking.”

árduo de Tess, enquanto ela trabalha em um campo frio e rochoso, cavando a parte inferior ou terrosa dos nabos com um garfo curvo. O trabalho é duro e monótono e quando a máquina de debulha a vapor chega, as mulheres não podem mais trabalhar no seu próprio ritmo” (p. 110, tradução nossa)⁵⁴.

O trabalho pesado durante o mais rigoroso dos invernos, somado à angústia do abandono e da rejeição no coração de Tess seriam suficientes, talvez, para rebaixá-la a uma condição de miséria física e espiritual. No entanto, ela é ainda submetida à tirania de seu novo empregador que, em uma infeliz coincidência, é o mesmo homem que antes tivera um desentendimento com Angel por causa dela e, posteriormente, a assediara quando ao vê-la vagando sozinha em busca de trabalho. Em uma tentativa de se proteger da ameaça apresentada pelo fazendeiro na ocasião anterior, ela fugiu. Agora, no entanto, via-se sem saída. O homem, por outro lado, viu, na oportunidade de tê-la como empregada, uma chance de vingar-se da ousadia:

“Pensou que eu estivesse apaixonado por você, suponho? Algumas mulheres são tão tolas que acham que qualquer olhar é para ser levado a sério. Mas não há nada como um inverno no campo para tirar essas tolices da cabeça de jovens camponesas; e você assinou o contrato até o Dia de Nossa Senhora⁵⁵. Pedirá perdão agora?”

“Acho que o senhor é quem deveria pedir perdão.”

“Muito bem, como quiser. Mas veremos quem é que manda aqui. Essas são todas as cascas que fez hoje?”

“Sim, senhor.”

“É muito pouco. Veja o que elas fizeram ali” (e apontou para as duas mulheres fortes). “As outras, também, saíram-se melhor que você.”

“Elas têm prática, eu não tenho. E achei que não fizesse diferença para o senhor, por ser trabalho temporário, e por recebermos apenas pelo que fazemos.”

“Oh! Mas faz diferença. Quero que o celeiro fique limpo.” (Hardy, 2022, p. 252)⁵⁶

⁵⁴ Do original: “By implication such a farmer will be a slave driver. This is the nadir of Tess’s privations and drudgery as she works in a cold stony field grubbing up the lower or earthy half of turnips with a hooked fork. The work is both hard and monotonous and when the steam threshing machine arrives, the women can no longer even work at their own pace.”

⁵⁵ No dia 25 de março, o *Lady-Day*, os cristãos comemoram o dia em que o anjo Gabriel anuncia à virgem Maria que ela carregará no ventre o filho de Deus. Por muito tempo, na Inglaterra, essa data marcou o início do ano no calendário. Como esse dia convenientemente não caía dentro ou entre as estações de arar e colher, a data era tradicionalmente escolhida para iniciar e encerrar contratos anuais entre proprietários de terras e agricultores arrendatários no país e nas redondezas.

⁵⁶ Do original: “You thought I was in love with ’ee I suppose? Some women are such fools, to take every look as serious earnest. But there’s nothing like a winter afield for taking that nonsense out o’ young wenches’ heads; and you’ve signed and agreed till Lady-Day. Now, are you going to beg my pardon?”

“I think you ought to beg mine.”

“Very well—as you like. But we’ll see which is master here. Be they all the sheaves you’ve done to-day?”

“Yes, sir.”

“’Tis a very poor show. Just see what they’ve done over there” (pointing to the two stalwart women). “The rest, too, have done better than you.”

Vasconcelos (2006) disserta que, em *Tess*, a questão da violência aparece sempre entranhada às relações de classe, e é capaz de revelar um outro aspecto das iniquidades da moderna sociedade capitalista inglesa (p. 197). Hardy evidencia, na situação acima, mais uma camada da vulnerabilidade de sua heroína. Um patrão, naturalmente, exerce uma posição de poder (não raramente abusiva) sobre o empregado. Porém, a relação de poder aqui estabelecida possui uma série de intensificadores: além da marca de classe (empregador x empregado) somada à de gênero (empregador homem x empregada mulher) que, por si só, já descompensaria essa relação, vale especificar que se trata de um homem que, em oportunidades anteriores, já a aterrorizara, e, por conhecer o passado de Tess, usa-o como forma de ameaça contra ela. Dependente de sua função para conseguir abrigo e algum dinheiro durante o inverno, não resta a ela nenhuma opção além da submissão.

O estabelecimento do modo capitalista de produção é estritamente dependente da venda da força de trabalho humana. Nele, o empresário capitalista acumula capital ao se apropriar do trabalho excedente do trabalhador assalariado, como, por exemplo, um senhor feudal se apropriaria, nas sociedades pré-capitalistas, do excedente produzido por seu servo – nestas últimas, no entanto,

O trabalho do escravo e do servo assumem, ilusoriamente, a forma de trabalho não remunerado que em parte é. A parte do trabalho do escravo e do servo que permite a estes obter os meios de subsistência necessários à conservação e reprodução de sua força de trabalho aparece como trabalho não pago, embora se trate de trabalho remunerado em espécie. Por seu turno, *o trabalho assalariado assume a aparência de trabalho inteiramente pago quando apenas parcialmente o é.* (Saffioti, 2013, p. 57, grifo nosso)

O verdadeiro caráter das relações sociais de apropriação e exploração estabelecidas entre empregador e empregado, no capitalismo, são, portanto, camufladas por meio da remuneração salarial:

A remuneração em equivalente geral do trabalho do produtor imediato afirma e nega, simultaneamente, a condição de homem livre do trabalhador. Como forma de distribuição dos produtos do trabalho, o salário do trabalhador, enquanto livre ofertante de sua força de trabalho, oculta relação mais profunda entre os homens determinada pela distribuição dos instrumentos de trabalho, o que vale dizer, pela produção. (Saffioti, 2013, p. 57)

“They’ve all practised it before, and I have not. And I thought it made no difference to you as it is task work, and we are only paid for what we do.”

“Oh, but it does. I want the barn cleared.”

No romance, nada disso nos é apresentado por acaso. Embora tenha suas raízes no episódio de violação cometido por Alec, é com o inesperado abandono de Tess por Angel, seguido da exposição da protagonista a uma série de tormentos e a condições desumanizadoras de vida – e, portanto, de trabalho – que Hardy dá o impulso final em direção à dolorosa jornada de degradação humana a que ela seria submetida até seus últimos dias de vida, já não muito distantes a essa altura.

Se, durante a estadia de Tess em Talbothays, Hardy nos faz suspirar em deleite pela composição romântica de vívidas paisagens de um campo pacífico, abundante e cheio de vida, com a chegada de sua protagonista à Flintcomb-Ash e o enfrentamento de sua nova e inevitável rotina, o leitor lida com um nível de exaustão humana que talvez só seja imaginável porque é tão detalhadamente descrito:

Trabalharam hora após hora, inconscientes de seu aspecto desamparado contra a paisagem, e sem pensar sobre a justiça ou injustiça de seu destino. Mesmo em tal posição, era possível existir em sonho. [...] Era tão alto esse campo que a chuva não tinha ocasião de cair, mas corria horizontalmente sobre o vento uivante, grudando a elas como farpas de vidro até que estivessem encharcadas. Até aquele momento, Tess nunca soubera o verdadeiro significado da palavra. Há graus diferentes de umidade, e muito pouco é já chamado de “encharcado” na fala comum. Contudo, trabalhar lentamente em um campo, sentir a força da água da chuva, primeiro nas pernas e nos ombros, então, nos quadris e na cabeça, então nas costas, na frente e dos lados, e, ainda assim, permanecer trabalhando até que a luz de chumbo diminua e marque o pôr do sol, demanda uma distinta quantidade de estoicismo, e mesmo de valor. (Hardy, 2022, p. 248)

Ao submeter Tess a tamanha condição de degradação – que só se mostra pior conforme sua estadia na fazenda mecanizada se prolonga – Hardy acaba, mais uma vez, desafiando o estereótipo vitoriano da fragilidade como característica intrínseca ao feminino. Não à toa, muitas das críticas recebidas por ele diziam respeito à construção das mulheres de seus romances, que muito frequentemente – e intencionalmente – iam de encontro com o tão incentivado ideal vitoriano de “anjo do lar”. Ele costumava ser acusado pela crítica de deturpar o sexo feminino. Acreditava-se, na época, que, na literatura, “O ideal era preferível ao real, mesmo que fosse só para dar um bom exemplo à juventude britânica, mas Hardy [como um bom escritor realista] recusou-se a empregar sua arte para tal fim” (Morgan, 2007a, p. 90, tradução nossa)⁵⁷.

⁵⁷ Do original: “The ideal was preferable to the real if only to set a good example for the young British person, but Hardy refused to employ his art to such an end.”

Do ponto de vista crítico, é essencial que vejamos tais descrições insalubres não apenas como meras tentativas de contextualização espacial. A natureza, em Hardy, não existe de forma despretensiosa, não se limita ao *setting*, ou ao *background*. Não é incomum que a natureza, em diversos momentos, aja como um expensor do universo individual que é a consciência de Tess:

Em *Tess*, [...] o mundo natural é escrito tanto como habitat representativo quanto como metáfora literária. Em cada local, de Talbothays a Flintcomb-Ash, a realidade física do mundo natural não apenas desempenha um papel no drama da vida de Tess, mas também funciona como um dispositivo literário e um correlativo externo; isto é, lemos o mundo externo como um espelho de sua consciência interior e, ocasionalmente, o inverso. O mundo que ela habita existe em sua própria mente com a mesma frequência que existe independentemente dela. No que diz respeito à realidade física, não são apenas as milhas que ela percorre e o trabalho rural que ela suporta, mas o tipo de terreno que ela tem que percorrer e o tipo de clima, até mesmo o tipo de solo sob seus pés, que moldam seu caráter e seu destino. A fadiga está relacionada não apenas ao trabalho de campo, mas também às longas distâncias que ela tem que percorrer. (Morgan, 2007a, p. 103, tradução nossa)⁵⁸

Apesar de o ritmo e as condições impiedosas de Flintcomb-Ash vistas até o momento serem, de certa forma, suficientes para a ilustração de um paralelo drástico entre esse novo cenário e o da antiga vacaria, esse não parece ser o único intuito de Hardy. A brutalidade advinda dessas condições de trabalho enfrentadas por Tess atinge outro nível de profundidade com o aparecimento do memorável “tirano vermelho”, uma debulhadora a vapor que permite a instauração de um ritmo inumano de trabalho aos empregados. O ritmo da máquina é igualmente impiedoso para com Tess e seus colegas de trabalho, sejam estes homens ou mulheres. Saffioti (2013, p. 109), nos lembra que a sociedade de classes que “[...] privou a mulher da igualdade com os homens, discriminando-a não somente de fato, mas também no plano formal do Direito” foi a mesma que “[...] pelo recurso à técnica e à máquina, eliminou, antes que qualquer outra sociedade o fizesse, uma real desvantagem do elemento feminino diante do masculino: a força física”.

⁵⁸ Do original: “In *Tess*, (...) the natural world is writ large as both representative habitat and literary metaphor. In each location, from Talbothays to Flintcomb-Ash, the physical reality of the natural world not only plays a part in the drama of Tess’s life but also doubles as a literary device and an external correlative; that is, we read the external world as mirror to her inner consciousness, and occasionally the reverse. The world she inhabits exists in her own mind as often as it exists independently of it. As regards the physical reality, it is not simply the miles she trudges and the rural labor she endures, but the kind of terrain she has to traverse and the kind of weather, even the kind of soil beneath her feet, that shape her character and her destiny. Fatigue is related not simply to fieldwork but also to the long distances she has to walk.”

Figura 4 - Tess revê Alec enquanto trabalha



Fonte: *The Victorian Web*⁵⁹

A ocasião do aparecimento da máquina, no romance, outra vez, não existe por acaso: é em meio ao trabalho na debulha que Tess volta a ser atormentada pela figura vil de Alec d'Urberville – seu emocional, outra vez, se expande, na forma do romance, ao que lhe é supostamente externo. Williams (1989) atenta, outra vez, para a bidimensionalidade da figura de Tess, porque, como em tantas outras situações, o mundo do trabalho e suas questões individuais se entrelaçam, pois “[...] o hiato entre sua consciência e seus atos faz parte tanto de sua vida emocional quanto de sua vida de trabalhadora. É enquanto trabalha [...] que Tess toma suas decisões emocionais críticas; é em meio à dor e ao pó da debulhadora que ela vê Alec outra vez” (p. 289).

A tarde arrastou-se. A pilha de trigo diminuiu e a de palha aumentou, e os sacos de milho foram levados embora. Às seis horas, a pilha de trigo estava, aproximadamente, à altura dos ombros. Mas os feixes ainda por debulhar, intocados, pareciam incontáveis, não obstante o enorme número que havia sido engolido pela máquina insaciável, alimentada pelo homem e por Tess, por cujas jovens mãos a maior parte deles passara. E a imensa pilha de palha onde pela manhã nada havia parecia as fezes do mesmo glutão vermelho e barulhento. Do céu oeste vinha um brilho irado – todo que aquele selvagem março poderia prover em termos de pôr do sol – que queimava após o dia nublado, inundando as faces cansadas e sujas dos debulhadores e tingindo-lhes com uma luz de cobre, como tingia as roupas soltas das mulheres, que a elas se prendiam como chamas baças.

⁵⁹ “Foi apenas por volta das três horas que Tess ergueu os olhos e deu uma olhada momentânea ao redor. Ela sentiu pouca surpresa ao ver que Alec D'Urberville havia retornado e estava de pé sob a cerca perto do portão”, por Joseph Syddall. Ilustração original da serialização do romance. Disponível em: <https://victorianweb.org/art/illustration/syddall/20.html>.

Uma dor arquejante correu pela meda. O homem que alimentava a máquina estava cansado, e Tess pôde ver que sua nuca vermelha estava encrustada de poeira e cascas. Ela ainda estava em seu posto, seu rosto vermelho e suado, coberto dos resíduos de milho. Seu branco chapéu assumira uma cor marrom. Era a única mulher sobre a máquina e chacoalhava fisicamente com o movimento giratório. A diminuição da pilha agora a separava de Marian e Izz, e impedia-lhe de alternar seus deveres como haviam feito. O tremor incessante, do qual cada fibra de seu corpo participava, lançara-a em um devaneio estupefato no qual seus braços trabalhavam independentemente de sua consciência. Ela mal sabia onde estava, e não ouviu Izz Huett gritar de baixo que seu cabelo soltara.

Aos poucos, os mais frescos entre eles começaram a parecer cadavéricos e de olhos arregalados. Tess erguia a cabeça e olhava o grande monte de palha, sob os homens em mangas de camisa, contra o céu cinza do norte; em frente a ele, o longo elevador vermelho como uma escada de Jacó, sobre a qual uma corrente perpétua de palha debulhada ascendia, um rio amarelo correndo colina acima e brotando no topo da meda. (Hardy, 2022, p. 288-289)

Ao contrário do que a agressividade da cena pode, *a priori*, nos sugerir, a relação que Hardy estabelece entre a mão de obra humana e a tecnologia é pacífica. Não é a debulhadora – pelo menos não a máquina sozinha – que desfigura e desumaniza quem por meio dela executa uma tarefa. Na verdade, pouco existe de racional nessa suposição, uma vez que a máquina jamais teria tal autonomia. O maquinário é criado, produzido, alugado e instalado, afinal, por mãos humanas. São também ordens humanas que definem a hora de início, de pausa, e de desligamento da máquina. São olhos humanos que fiscalizam a constância do trabalho.

Os críticos deram muito valor ao “tirano vermelho” e à maneira como a debulhadora mecânica é usada para escravizar os trabalhadores do campo a seus ritmos imparáveis, deixando-os sem sentido com o barulho, a fumaça e a fadiga. A imagem do tirano vermelho está, é claro, alinhada com Alec, que entra em cena na hora certa para renovar sua busca por Tess. Embora os críticos tendam a se concentrar na tirania implacável da máquina industrial neste episódio, o fazendeiro Groby é possivelmente o verdadeiro culpado. Quando contrata o debulhador, ele insiste que seus trabalhadores o alimentem sem parar durante todo o dia, mesmo à noite, para atender às necessidades gananciosas de seu bolso. Mas a imagem do “tirano vermelho” é óbvia: o padrão da *máquina demoníaca*, com seu zumbido perpétuo e poluição imunda, exploradora da subclasse econômica, está adequadamente ligada ao *homem demoníaco*. (Morgan, 2007a, p. 104, tradução nossa, grifo nosso)⁶⁰

⁶⁰ Do original: “Critics have made much of the ‘red tyrant’ and the manner in which the mechanical thresher is used to enslave field laborers to its unstoppable rhythms, driving the workers senseless with noise, smoke, and fatigue. The image of the red tyrant is, of course, aligned with Alec, who steps on cue into the scene to renew his pursuit of Tess. Although critics tend to focus on the relentless tyranny of the industrial machine in this episode, Farmer Groby is possibly the true culprit. When he hires the thresher, he insists that his workers feed it nonstop throughout the day, even by moonlight, to meet the greedy needs of his pocket. But the ‘red tyrant’ image is an

A mesma percepção foi, anos antes, defendida por Williams (1989):

[...] esta visão impressionante de uma máquina alienígena não nos deve fazer esquecer o fato de que se trata também de uma ação numa história — ação de uma debulhadora concreta. Ela está naquele campo, funcionando durante todo aquele tempo, por que foi alugada — não pelo industrialismo, mas por um fazendeiro. E há seres humanos concretos tentando acompanhar a máquina e o fazendeiro. (WILLIAMS, 1989, p. 288)

Hardy foi muito elogiado pelo crítico, pois, segundo ele, o autor conseguiu tratar como ninguém do lento e complexo processo de mobilidade que levou à consolidação do sistema capitalista. Para Williams, Hardy, como ninguém, foi capaz de centrar suas principais obras em processos corriqueiros de vida e de trabalho, manifestando questões comuns por meio de pressões pessoais como, no caso da própria Tess, “[...] relacionamentos que se formam e que fracassam, crises de personalidade física e mental [...]” – que foram, simultaneamente, relatados e dramatizados por ele em seus romances. (Williams, 1989, p. 271-272). Ele acrescenta, em outro momento:

A questão não é apenas que Hardy vê a realidade do trabalho, as mãos de Marty South⁶¹ segurando as vigas e Tess na plantação de rutabagas⁶². É também o fato de que *ele enxerga a aspereza dos processos econômicos*, na herança, no capital, no arrendamento e no comércio, dentro da continuidade dos processos naturais e persistentemente interpondo-se entre eles. O processo social criado nessa interação é um processo de classe e separação, bem como de insegurança crônica, à medida que vão se desenvolvendo a agricultura e o comércio capitalistas. (Williams, 1989, p. 286, grifo nosso)

O agressivo processo de desumanização promovido por meio do trabalho na configuração de uma sociedade capitalista em ascensão também é demonstrado, na cena da debulhadora, pela descrição quase sobrenatural do operador que trabalha próximo à Tess, tão refém quanto ela (ou até mais) da violência impiedosa da função que exercem por meio do maquinário. Temos, por meio dela, um vislumbre da pequenez humana diante da força avassaladora de um sistema socioeconômico em transformação que, apesar de afetar a todos, tem suas consequências individualizadas pelo romancista. Para Thompson (2020), dentre as

obvious one: the patterning of the demonic machine, with its perpetual buzz and hum and filthy pollution, exploiter of the economic underclass, is aptly linked to the demonic male.”

⁶¹ Personagem do romance *The Woodlanders* (1887).

⁶² Planta resultante do cruzamento entre a couve e o nabo. Na tradução utilizada aqui (da Editora Pedrazul), optou-se por traduzir o termo “*swede-field*” como “couve-nabo” ou simplesmente “nabo”.

“injustiças sofridas pelos trabalhadores com as mudanças ocorridas no caráter da exploração capitalista”, podemos destacar

a ascensão de uma classe de mestres, sem qualquer autoridade ou obrigações tradicionais; a transparência da exploração na mesma fonte da sua nova riqueza e poder; a perda do *status* e, acima de tudo, da independência do trabalhador, reduzido à total dependência dos instrumentos de produção do mestre; a parcialidade da lei; a ruptura da economia familiar tradicional; a disciplina, a monotonia, as horas e as condições de trabalho; a perda do tempo livre e do lazer; a redução do homem ao status de “instrumento”. (Thompson, 2020, p. 30)

Na insaciável debulhadora, Tess é resumida a uma simples peça em meio à engrenagem, não podendo nem sequer definir o próprio ritmo de trabalho. Essa limitação do ser humano a uma ferramenta de trabalho utilizada para obtenção de lucro resulta da dinâmica da relação de exploração capitalista que, para Thompson (2020, p. 31), “é mais que a soma de injustiças e antagonismos mútuos”, podendo “ser encontrada em diferentes contextos históricos sob formas distintas, que estão relacionadas a formas correspondentes de propriedade e poder estatal”:

A relação clássica de exploração da Revolução Industrial é despersonalizada, no sentido de que não admite qualquer das antigas obrigações de mutualidade – paternalismo ou deferência, ou de interesses da “profissão”. Não há nenhum sinal de preço “justo”, ou do salário justificado em relação a sanções sociais ou morais, como algo oposto à livre atuação das forças no mercado. O antagonismo é aceito como intrínseco às relações de produção. Funções de gerência ou supervisão demandam a repressão de todos os atributos, à exceção daqueles que promovam a expropriação do máximo de mais-valia do trabalho. Esta é a economia política que Marx dissecou em *O capital*. O trabalhador tornou-se um “instrumento” ou uma cifra, entre outras, no custo. (Thompson, 2020, p. 31-32)

Justamente porque Hardy fugia de uma visão simplista e estereotipada do campo inglês que fazia questão de personalizar, conforme já defendido anteriormente, as pressões sofridas, de forma diferenciada, pela zona rural inglesa como um todo: “Foi de modo detalhado, vendo os efeitos gerais na sociedade como um todo, mas também os processos internos e seus complicados efeitos sobre a estrutura social rural, que Hardy registrou e explicou esse processo” (Williams, 1989, p. 283).

O movimento seguinte ao perturbador episódio da debulhadora, intensificado por uma – tão perturbadora quanto – visita indesejável de Alec, é a morte do pai de Tess, evento que acaba por, de certa forma, selar a tragicidade de seu destino. Sem respostas de Angel às suas cartas enviadas ao Brasil, a família da heroína fica em completo desamparo depois do

despejo da região de Marlott – motivado não só pela ausência da figura masculina a quem a propriedade era cedida, mas pelo passado indigno de Tess. Visando a proporcionar à mãe e, principalmente, aos irmãos pequenos, algum conforto e proteção, ela se vê obrigada a ceder às insistentes propostas de Alec, que prometia fazer isso sob a condição de tornar-se sua amante.

2. CAPÍTULO II: GÊNERO E SEXUALIDADE FEMININA EM *TESS*

I
*I WOULD that folk forgot me quite,
 Forgot me quite!
 I would that I could shrink from sight,
 And no more see the sun.
 Would it were time to say farewell,
 To claim my nook, to need my knell,
 Time for them all to stand and tell
 Of my day's work as done.*
 [...]

Tess's Lament, de Thomas Hardy⁶³
 (Gibson, 1979, p. 175)

A submissão indesejada de Tess às vontades de Alec em troca de proteção econômica nos leva a uma categoria do trabalho e da opressão de classe femininas ainda não estudada em nossa análise: a exploração sexual e reprodutiva. Uma vez que “[...] na sociedade capitalista, o corpo é para as mulheres o que a fábrica é para os homens trabalhadores assalariados: o principal terreno de sua exploração e resistência” (Federici, 2023, p. 42), é fato que, para as mulheres, a opressão de classe nunca acontece desvinculada do gênero. É irrefutável que “em qualquer momento específico na história, cada ‘classe’ é constituída de duas classes distintas – homens e mulheres” (Lerner, 2019, p. 264), o que leva cada um dos sexos a vivenciar a experiência de classe de forma diferenciada.

Nessa segunda seção, é nossa intenção analisar de que maneira se dá a opressão de gênero feminina no contexto da ascensão do sistema capitalista e de que maneira tais aspectos se apresentam em *Tess*, influenciando negativamente o desenvolvimento da personagem e da trama que ela protagoniza. Para tanto, é preciso compreender os processos que levaram a exploração de classe, no caso das mulheres, a ser historicamente vinculada à exploração sexual. Muito embora o corpo de Tess já tivesse se tornado moeda de troca por meio da venda de sua força de trabalho em ocasiões anteriores e essa exploração tenha sido negativamente marcada pelo gênero, fazendo com que suas oportunidades de trabalho fossem limitadas e

⁶³ Em tradução livre: “Gostaria que as pessoas me esquecessem por completo, /Esquecessem por completo! /Gostaria de poder me encolher da vista, /E não mais ver o sol. /Quem dera fosse hora de dizer adeus, /De reivindicar meu canto, de precisar do meu sino, /Hora para todos eles ficarem de pé e contar/Do meu trabalho diário como terminado.”

pior remuneradas, é somente quando aceita se tornar amante de Alec que seu corpo e sexualidade se transformam, de fato, em mercadoria.

Entender o que levou o corpo feminino a tal nível de subjugação passa, necessariamente, pela compreensão da dinâmica de uma sociedade patriarcal que oprime e explora mulheres muito antes que o sistema capitalista também o fizesse. Para tanto, teremos como base argumentativa a teoria feminista de Lerner (2019) e de Beauvoir (2016a) e (2016b). Para compreender o impacto da exploração capitalista na vida e no trabalho das mulheres, por sua vez, trazemos a teoria de Federici (2019; 2023), que, ao se voltar para a história feminina e da exploração e perseguição de seus corpos, agrega a conceitos marxistas fundamentais o ponto de vista feminista.

“O pecado original faz do corpo o inimigo da alma”, diz Simone de Beauvoir sobre a perspectiva cristã em seu histórico *O segundo sexo* (Beauvoir, 2016a, p. 232). Federici (2019; 2023), mais recentemente, nos lembra que, no movimento feminista, o debate sobre o corpo feminino se mostrou a chave para a compreensão não somente das origens do domínio masculino, como também do processo de construção da identidade social das mulheres, concluindo que “a categorização hierárquica das faculdades humanas e a identificação das mulheres com uma concepção degradada da realidade corporal foi historicamente instrumental para a consolidação do poder patriarcal e para a exploração masculina do trabalho feminino” (Federici, 2023, p. 39).

Quando Tess, em seu primeiro encontro com Angel Clare, se sente rejeitada por não ter sido escolhida por ele para dançar, o narrador nos chama a atenção para a irrelevância de suas supostas vantagens físicas de origem nobre em relação às demais camponesas:

Pedigree, esqueletos ancestrais, registro monumental, as feições d'Urberville, nada disso ajudou Tess na batalha de sua vida até o momento, nem mesmo a ponto de atrair para ela um parceiro de dança em meio a tantas camponesas comuns. Isso é tudo o que o sangue normando, desprovido do lucro vitoriano, conseguiu fazer por ela. (Hardy, 1991, p. 9, tradução nossa)⁶⁴

É esse mesmo corpo, imemorável aos olhos de Angel, que nada parece ver além de um grupo genérico de camponesas com quem se divertir), que mais tarde chama a atenção predatória de Alec d'Urberville quando Tess o visita em Trantridge:

⁶⁴ Do original: “Pedigree, ancestral skeletons, monumental record, the d'Urberville lineaments, did not help Tess in her life's battle as yet, even to the extent of attracting to her a dancing-partner over the heads of the commonest peasantry. So much for Norman blood unaided by Victorian lucre.”

Ela possuía um atributo que atualmente se tornava uma desvantagem; e foi isso que fez com que os olhos de Alec d'Urberville se fixassem nela. Era uma luxúria de aspecto, uma abundância que fazia com que ela parecesse mais mulher do que realmente era. Ela herdara o traço de sua mãe sem a qualidade que ele denotava. Isso ocasionalmente perturbava sua mente, até que suas companheiras lhe dissessem que era um defeito que o tempo curaria. (Hardy, 1991, p. 30, tradução nossa)⁶⁵

Seja quando o narrador sugere que são insuficientes os atributos corporais de Tess na “batalha da vida”, ou quando suas colegas os consideram um mero defeito a ser consertado pelo tempo, nuances da tal “concepção degradada da realidade corporal” feminina se evidenciam, por meio de uma visão depreciativa, negativa, a exemplo, da experiência de Tess com o próprio corpo. A culpa que ela sente em relação à própria aparência chega a ser descrita pelo narrador em certo momento entre Tess e Alec:

“Não me olhe assim!”, disse ele abruptamente.
Tess, que estivera inconsciente de sua ação e comportamento, desfez imediatamente o grande olhar negro de seus olhos, gaguejando com um rubor: “Peço perdão!” E reviveu nela o terrível sentimento que frequentemente a assolara anteriormente: de que, ao habitar o tabernáculo de carne com o qual fora dotada pela Natureza, fazia algo de errado. (Hardy, 2022, p. 266)

Para Boumelha (2008), é notável e incomum para a época a atenção que Hardy, por meio do narrador, despende à vida presente no corpo de Tess: “o romance é [...] impregnado de um forte senso de existência material, de necessidades corporais, apetites e instintos: episódios de frio e fome, sangramento e amamentação, exaustão e sono, morte e execução” (p. XXIV, tradução nossa)⁶⁶. Tess é, devido às circunstâncias, condenada a se limitar à sua existência material na trama do romance,

[...] que é ao mesmo tempo motivada e possibilitada pelas circunstâncias sociais (pobreza, feminilidade) que oferecem a Tess apenas as escolhas de ser uma “mulher mantida” ou uma trabalhadora. Uma vez que ela deixa o lar dos pais, ela precisa depender para sua sobrevivência do que seu próprio corpo pode ganhar. Mais tarde no romance, toda sua família depende de maneira similar do que o corpo de Tess vale. Seu corpo sexual e seu corpo de trabalhadora figuram alternadamente como objeto de troca econômica, e é

⁶⁵ Do original: “She had an attribute which amounted to a disadvantage just now; and it was this that caused Alec d'Urberville's eyes to rivet themselves upon her. It was a luxuriance of aspect, a fulness of growth, which made her appear more of a woman than she really was. She had inherited the feature from her mother without the quality it denoted. It had troubled her mind occasionally, till her companions had said that it was a fault which time would cure.”

⁶⁶ Do original: “The novel is [...] imbued with a strong sense of material existence, of bodily needs, appetites, and instincts: episodes of cold and hunger, bleeding and breastfeeding, exhaustion and sleep, death and execution.”

isso que a torna especialmente vulnerável aos efeitos interligados da classe e da exploração sexual. (Boumelha, 2008, p. XXIV, tradução nossa)⁶⁷

Anteriormente, em *'Tess of the d'Urbervilles': Sexual Ideology and Narrative Form* [*'Tess dos d'Urbervilles': Ideologia Sexual e Forma Narrativa*], Penny Boumelha (1993) dedicou-se a analisar certos aspectos formais do romance que, como ela bem destaca, dispensa “contrastes sombrios ou paralelos para destacar ou ironizar sua personagem central”, já que “é inteiramente estruturado pela história sexual e matrimonial de Tess Durbeyfield” (p. 45, tradução nossa)⁶⁸. Voltarmo-nos, mesmo que apenas brevemente, para alguns desses aspectos parece-nos relevante, na medida em que nos chama a atenção para a maneira com que a sexualidade e a consciência “femininas” são supostamente representadas pela perspectiva masculina de Hardy enquanto autor.

O que a autora chama de “androginia narrativa” de Hardy, em que Tess – condenada sexualmente “pela inevitabilidade de uma resposta erótica dos homens” (p. 52) – não é apenas falada *pelo* narrador, mas *reivindicada* por ele, tem como principal consequência a redução de Tess a um mero objeto da observação e do desejo do narrador – e, conseqüentemente, do leitor – já que é ela o sujeito central do romance. Essa tendência andrógina exige, em dado momento, uma ruptura, já que o objetivo de “apresentar a mulher, ‘mulher pura’, como conhecida por dentro e por fora, explicitada e tornada transparente” (p. 47, tradução nossa)⁶⁹ não pode ser alcançado sob a ótica masculina.

Essa ruptura entre a voz narrativa masculina e a personagem feminina é visível, por exemplo, nas chamadas “higienizações seriadas” que omitem acontecimentos relevantes ao longo de toda a narrativa, seja por meio da divisão do romance em fases, de momentos cruciais em que Tess se encontra semi-inconsciente, como no caso do episódio com Alec (capítulo 11) e na tentativa de afogamento por Angel (capítulo 37), ou em que seu ponto de vista é ocultado como recurso narrativo, como no caso do relato de Tess em sua noite de núpcias (capítulo 35). Em todos os casos citados, tal omissão impede que o leitor tire suas

⁶⁷ Do original: “[...] which is at once motivated and enabled by the social circumstances (poverty, femaleness) that offer Tess only the choices of being a ‘kept woman’ or a labourer. Once she leaves the parental home, she must depend for her survival on what her own body can earn. Later in the novel, her whole family similarly depends upon what Tess’s body is worth. Her sexual body and her working body figure alternately as the object of economic exchange, and it is this that renders her especially vulnerable to the interlocking effects of class and sexual exploitation.”

⁶⁸ Do original: “Tess, then, has no need of shadowy contrasts or parallels to point up or ironise its central character: it is structured entirely by the sexual and marital history of Tess Durbeyfield.”

⁶⁹ Do original: “Tess presses the problem of what I have earlier called Hardy’s urge towards narrative androgyny to the point where a break becomes necessary. [...] in this androgynous mode of narration, which has as its project to present woman, ‘pure woman’, as known from within and without, explicated and rendered transparent.”

próprias conclusões acerca dos ocorridos e julgue com clareza a natureza dos acontecimentos ou o caráter de Tess – que, como sabemos, é enfaticamente defendida pelo narrador. Em vez de apenas determinar a opinião do leitor pela imposição de uma visão específica, “[...] essas lacunas indicam a maneira pela qual a sexualidade de Tess escapa à voz narrativa circunscritora e destacam as discontinuidades perturbadoras de tom e de ponto de vista que minam a estabilidade de Tess como personagem central” (Boumelha, 1993, tradução nossa, p. 53)⁷⁰. Assim,

[...] todo o compromisso apaixonado em exibir Tess como sujeito de sua própria experiência evoca uma voz narrativa incomumente masculina. As fantasias eróticas do narrador sobre penetração e envolvimento promovem uma perseguição, violação e opressão de Tess em paralelo com aquelas que ela sofre nas mãos de seus dois amantes. (Boumelha, 1993, p. 47, tradução nossa)⁷¹

A chamada “imagética fálica” do narrador sempre chamou a atenção da crítica, que ainda hoje discute amplamente os frequentes e sempre violentos episódios de perfuração e penetração do romance. Ela está presente em momentos cruciais, como na morte de Prince, perfurado no peito pela ponta afiada do eixo da carroça (Hardy, 1991, p. 22), no episódio sexual entre Tess e Alec (Hardy, 1991, p. 57), e no assassinato do antagonista com uma faca de mesa (Hardy, 1991, p. 302). Ao se voltar obcecadamente para o corpo de Tess em uma tentativa de capturar sua sexualidade – que, para a frustração do narrador, “permanece desconhecida e irrepresentável”, ele acaba se tornando mais um assediador. Incapaz de adentrar Tess física e mentalmente, o narrador age como se precisasse arrancar a sexualidade do interior de Tess por meio da violência (Boumelha, 1993, p. 48). A associação da figura de Tess à uma pureza plena e inquestionável por Hardy (uma das muitas inconsistências sugeridas pela autora) talvez se deva, então, pela dificuldade de atribuir a ela um modo consciente de sexualidade (p. 51-52). Além disso,

[...] o conhecimento analítico do narrador é ameaçado tanto pelo seu comprometimento erótico para com Tess quanto pela fugacidade de sua sexualidade. O projeto ideológico do romance, a delimitação da consciência e experiência de sua heroína por um modo de narração cientificamente impassível, é minado pela instabilidade de seu ‘posicionamento’ de Tess

⁷⁰ Do original: “[...] they at once sharply indicate the way in which Tess's sexuality eludes the circumscribing narrative voice, and point up the disturbing discontinuities of tone and point of view which undermine the stability of Tess as a focal character.”

⁷¹ Do original: “[...] all the passionate commitment to exhibiting Tess as the subject of her own experience evokes an unusually overt maleness in the narrative voice. The narrator's erotic fantasies of penetration and engulfment enact a pursuit, violation and persecution of Tess in parallel with those she suffers at the hands of her two lovers.”

através do gênero e do ponto de vista. (Boumelha, 1993, p. 54, tradução nossa)⁷²

Se a questão do gênero é tão relevante para a narrativa a ponto de estruturá-la dessa maneira, é só porque *Tess* é, como bem apontou um crítico contemporâneo ao romance ainda no ano de 1891, “peculiarmente a Tragédia da Mulher”, pois é construído sob uma base ideológica de polaridades, que opõe o masculino e o feminino, mente e corpo, o intelectual e o instintivo, o aceitável e o condenável sexualmente, na chamada moralidade vitoriana do *double standard*: “Se é possível dizer que Tess tem uma ‘falha’ trágica, é sua sexualidade, que, neste romance, é sua ‘natureza’ como mulher. Sua sexualidade é, acima de tudo, provocativa: ela é uma tentadora para o convertido Alec, uma Eva para Angel Clare.” (Boumelha, 1993, p. 49-50, tradução nossa)⁷³.

É sabido que a opressão de gênero, historicamente, antecedeu a opressão de classe: “Nem sempre houve proletários, sempre houve mulheres. Elas são mulheres em virtude de sua estrutura fisiológica; por mais longe que se remonte na história, sempre estiveram subordinadas ao homem” (Beauvoir, 2016a, p. 15). Por isso, diferentemente do que acontece com homens em qualquer posição social, é por meio da subjugação de seu sexo que a mulher experiencia a opressão de classe, sendo ambos indissociáveis nesse sentido: “As diferenças de classes foram, em seu início, expressas e constituídas em termos de relações patriarcais. A classe não é um constructo separado do gênero. Em vez disso, a classe é expressa em termos relacionados ao gênero” (Lerner, 2019, p. 262).

Ao longo de milhares de anos, durante a formação da sociedade de classes, é recorrente “o princípio de que o status de classe de um homem é determinado por suas relações econômicas” – por seu acesso aos meios de produção – “e o de uma mulher, por suas relações sexuais” (Lerner, 2019, p. 144), já que somente o vínculo entre um homem e uma mulher podia dar a esta o acesso a bens materiais e definir, de acordo com seu status sexual, também seu status social:

Para as mulheres, a classe é mediada por meio de seus vínculos sexuais com um homem. É através do homem que as mulheres recebem ou perdem acesso aos meios de produção e a recursos. É por meio de seu comportamento

⁷² Do original: “[...] the narrator's analytic omniscience is threatened both by his erotic commitment to Tess, and by the elusiveness of her sexuality. The novel's ideological project, the circumscribing of the consciousness and experience of its heroine by a scientifically dispassionate mode of narration, is undermined by the instability of its ‘placing’ of Tess through genre and point of view.”

⁷³ Do original: “If Tess can be said to have a tragic ‘flaw’, it is her sexuality, which is, in this novel, her ‘nature’ as a woman. Her sexuality is above all provocative: she is a temptress to the convert Alec, an Eve to Angel Clare.”

sexual que ganham acesso à classe. “Mulheres respeitáveis” ganham acesso à classe por meio de pais e maridos, mas quebrar as regras sexuais pode rebaixá-las de classe. A definição sexual de “desvio” marca uma mulher como “não respeitável”, o que de fato confere a ela o mais baixo status social possível. (Lerner, 2019, p. 265)

Nas origens do capitalismo, com o estabelecimento da propriedade privada estabelece-se também a família monogâmica. Em uma sociedade patriarcal caracterizada principalmente pelo controle sexual das mulheres pelos homens, garantir a legitimidade dos herdeiros e seu consequente direito à propriedade exige, em virtude da descendência patrilinear, a virgindade pré-nupcial da mulher e completa devoção desta ao sacramento do casamento, muito embora nenhuma fidelidade seja exigida da outra parte (Lerner, 2019, p. 153). Em *Tess*, é somente o fato de nossa protagonista ser mulher que permite que sua virgindade ou a ausência dela seja um ponto tão relevante e devastador para a trama:

Mesmo no cenário agrícola do romance, onde os ciclos de estação e fertilidade são claramente visíveis, a perda da virgindade de uma mulher parece paralela à morte como um evento físico de consequência irreversível. A associação persistente da imagem da penetração com a morte, neste texto, também parece enfatizar até que ponto a primeira noite de Tess com Alec em *The Chase*⁷⁴ constitui sua morte social. (Boumelha, 2008, p. XXV, tradução e grifo nossos)⁷⁵

A condenação social sofrida por Tess após o episódio de estupro/sedução e o nascimento de seu filho fora de um casamento teve consequências de caráter prático em sua trajetória. Para a mulher, nesse contexto, “[...] o ato carnal, não sendo santificado pelo código, pelo sacramento, é falta, queda, derrota, fraqueza; ela tem o dever de defender sua virtude, sua honra; se ‘cede’, se ‘cai’, suscita o desprezo” (Beauvoir, 2016b, p. 126). Em virtude de sua falha, além da rejeição de Angel, Tess precisou carregar a culpa da expulsão de sua família de casa depois do falecimento do pai:

Tess refletia sobre a situação da família, na qual percebia sua própria influência maligna. Se ela não tivesse voltado para casa, sua mãe e as crianças provavelmente poderiam ter sido autorizadas a permanecer como inquilinos semanais. No entanto, quase imediatamente após seu retorno, ela foi observada por algumas pessoas de caráter escrupuloso e grande influência: viram-na ociosa no cemitério, restaurando da melhor forma que

⁷⁴ Local fictício inspirado na região de Cranborn Chase, localizada ao sul da Inglaterra. Simbolicamente, palavra “chase” (“caçada”, em inglês), refere-se às caçadas que ocorriam nos grandes terrenos abertos. Disponível em: https://wikishire.co.uk/wiki/Cranborne_Chase.

⁷⁵ Do original: “Even in the agricultural setting of the novel, where cycles of season and fertility are everywhere apparent, the loss of a woman’s virginity seems to parallel death as a physical event of irreversible consequence. The persistent association of the imagery of penetration with death, in this text, also seems to emphasize the extent to which Tess’s first night with Alec in *The Chase* constitutes her social death.”

podia, com uma pequena colher, o túmulo destruído de um bebê. Assim descobriram que ela estava vivendo ali novamente; sua mãe foi repreendida por "abrigá-la"; respostas ásperas seguiram-se de Joan, que independentemente se ofereceu para sair imediatamente (Hardy, 1991, p. 278, tradução nossa)⁷⁶

O papel da religião é fundamental na condenação moral e espiritual de Tess após sua queda. Durante o século XIX, o discurso teológico ainda era praticamente indissociável de qualquer outra questão discutida no âmbito social, estando presente em debates filosóficos, médicos, científicos, históricos e políticos (Knight e Mason, 2006, p. 3). A busca pela “salvação” não apenas como um objetivo individual, mas coletivo, visava alcançar a harmonia social por meio do estabelecimento de uma “ordem universal” (p. 2). Assim, conceitos como religião, moralidade e justiça se confundiam:

Religião, se seguirmos a intenção do pensamento humano e da linguagem humana no uso da palavra, é ética elevada, inflamada, iluminada pelo sentimento; a passagem da moralidade para a religião é feita quando à moralidade é aplicada a emoção. E o verdadeiro significado da religião não é simplesmente a *moralidade*, mas a *moralidade tocada pela emoção*. E essa nova elevação e inspiração da moralidade é bem marcada pela palavra “justiça”. (Knight e Mason, 2006, p. 2, grifo no original, tradução nossa)⁷⁷

A conduta religiosa era propagada abertamente como norma social, sendo devidamente internalizada pelos indivíduos que, crentes na Bíblia, buscavam a “salvação”. Não é difícil concluir que, sendo ela um objetivo comum estabelecido em nome de um bem maior, a condenação de comportamentos subversivos que a impedissem acontecesse com igual ardor, individual ou coletivamente. Por isso, tão frequente quanto o julgamento de terceiros é o julgamento a que a própria Tess se submete. Sob o peso dilacerante da culpa, ela vê com “horror acusatório” as palavras pintadas em escarlate pelo personagem que, aos domingos, diz trabalhar para a glória de Deus: “TUA, CONDENAÇÃO, NÃO, DORME” e o inacabado mandamento “NÃO, COMETERÁS...”, que condena o adultério (Hardy, 1991, p.

⁷⁶ Do original: “Tess was reflecting on the position of the household, in which she perceived her own evil influence. Had she not come home her mother and the children might probably have been allowed to stay on as weekly tenants. But she had been observed almost immediately on her return by some people of scrupulous character and great influence: they had seen her idling in the churchyard, restoring as well as she could with a little trowel a baby’s obliterated grave. By this means they had found that she was living here again; her mother was scolded for “harbouring” her; sharp retorts had ensued from Joan who had independently offered to leave at once; she had been taken at her word; and here was the result.”

⁷⁷ Do original: “Religion, if we follow the intention of human thought and human language in the use of the word, is ethics heightened, enkindled, lit up by feeling; the passage from morality to religion is made, when to morality is applied emotion. And the true meaning of religion is thus not simply *morality*, but *morality touched by emotion*. And this new elevation and inspiration of morality is well marked by the word ‘righteousness’.”

62-63, tradução nossa)⁷⁸. Knight e Mason (2006, p. 144) afirmam que, apesar de não ser uma iniciativa aprovada por todos da Igreja, era comum que Evangélicos lembrassem os demais do poder e da necessidade da salvação por meio da descrição gráfica dos ditos perigos da condenação ao inferno: “Especialmente em panfletos e sermões evangélicos populares, os pecadores eram frequentemente encorajados a se arrependerem para evitar os terrores do inferno”.

Muito embora o próprio narrador defenda, em certo momento, que as divagações autodepreciativas de Tess não passam de “uma criação lamentável e equivocada” de sua imaginação, “uma nuvem de duendes morais que a aterrorizavam sem motivo” (p. 67), a própria voz narrativa permite que o leitor mais tarde suponha, por meio de uma alusão um tanto irônica, qual seria a opinião da família do reverendo Clare se soubesse da reputação de sua nora. Em homenagem à suposta virtuosidade da esposa de Angel, o pai passa a ler o provérbio:

Quem pode encontrar uma mulher virtuosa? Pois seu preço é maior que o de rubis. Ela desperta enquanto ainda é noite, e dá carne à sua família. Ela se veste de força e fortalece os braços. Ela percebe que sua mercadoria é boa; sua vela não apaga à noite. Ela observa os modos de sua família e não come o pão da ociosidade. Seus filhos levantam e chamam-na de abençoada; seu marido também, e ele a louva. Muitas filhas foram virtuosas, mas tu és a mais virtuosa de todas. (Hardy, 2022, p. 227, grifo no original)

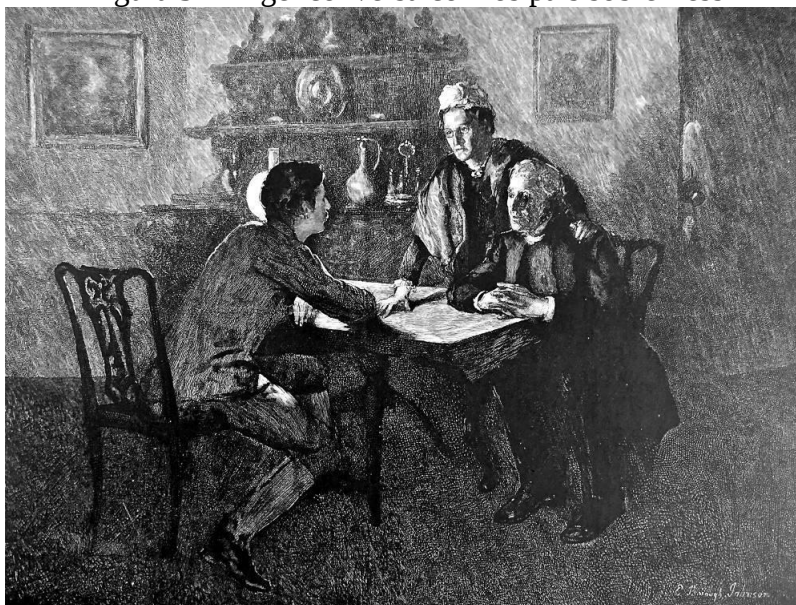
Apesar de o acontecimento socialmente condenável vivido por Tess não a impeça de, pelo menos aparentemente, cumprir com os requisitos que o provérbio estabelece, toda a virtude de uma mulher caída passa a se resumir à sua queda. Beauvoir (2016a) nos lembra que, “Por ser ela uma espécie de pária à margem de um mundo hipocritamente moral, pode-se considerar a ‘mulher perdida’ como a contestação de todas as virtudes oficiais” (p. 263). A mãe de Angel reforça a suposição do julgamento que Tess sofreria por parte da família Clare ao afirmar que a pureza e castidade fariam com que qualquer mulher escolhida pelo filho a agradasse, independente da classe social a que pertencesse. Ao perceber a perturbação de Angel, ela insiste:

“Angel – a história dessa jovem resiste a investigações?”
Com o instinto materno, Mrs. Clare pôs o dedo sobre o tipo de problema que causaria o enorme desassossego que agora agitava o filho.
“Ela é imaculada!”, ele respondeu. E sentiu que, ainda que tal afirmação o enviasse para o inferno ali mesmo, mesmo assim teria mentido.

⁷⁸ Do original: “THY, DAMNATION, SLUMBERETH, NOT”; “THOU, SHALT, NOT, COMMIT—”.

“Então não se importe com o resto. Afinal, há poucas coisas na natureza além de uma camponesa pura.”

Figura 5 - Angel conversa com os pais sobre Tess



Fonte: *The Victorian Web*⁷⁹

Mesmo que o histórico sexual de Tess vá de encontro à moral social, o narrador insiste que, aos olhos da natureza, ela não infringiu regra alguma. Apesar de iniciada sexualmente fora das normas sociais estabelecidas, ela permanece digna do mundo natural de que faz parte:

Caminhando entre os pássaros adormecidos nas árvores, observando os saltitantes coelhos em um viveiro iluminado pela luz da lua, ou de pé sob um galho onde repousavam faisões, via a si mesma como a própria Culpa, perturbando o lar da Inocência. Entretanto, o tempo todo criava uma distinção na qual não havia diferença alguma. Sentindo-se antagonista, estava, na verdade, em harmonia. Fora forçada a quebrar uma lei social, mas nenhuma lei da natureza, em meio à qual imaginava-se tamanha anomalia. (Hardy, 2022, p. 77)

Em uma das diversas vezes em que o narrador sai em defesa de Tess, ele nos chama a atenção para o caráter puramente social e convencional de sua condenação⁸⁰:

⁷⁹ “‘Ela é de uma família na qual você gostaria de se casar – uma dama, em resumo?’ perguntou sua mãe, surpresa.”, por Ernest Borough Johnson. Ilustração original da serialização do romance. Disponível em: <https://victorianweb.org/art/illustration/bjohnson/10.html>.

⁸⁰ Posteriormente no romance, enquanto Tess lida com a solidão e com a dor de ser uma esposa abandonada, o comentário do narrador se repete, afirmando que a tristeza de Tess baseava-se “em nada mais tangível que um senso de condenação sob uma lei arbitrária da sociedade sem bases na Natureza” (Hardy, 2022).

[...] sozinha em uma ilha deserta teria se sentido arruinada pelo que lhe acontecera? Não muito. Se pudesse ter sido criada para descobrir-se uma mãe solteira, sem experiência alguma de vida que não aquela de mãe de uma criança sem nome, teria sua posição lhe causado desespero? Não. Teria aceitado calmamente e encontrado prazer nisso. Muito de sua miséria fora gerada pelo aspecto convencional, e não por suas sensações inatas. (Hardy, 2022, p. 82)

A influência de Tess sobre o ambiente que a cerca, característica da escrita hardyana destacada no primeiro capítulo, também aparece como recurso narrativo em outros momentos de introspecção da protagonista. Saindo para caminhar à noite, quando finalmente se sente livre para sair de casa, longe do julgamento de todos, que não podem vê-la na escuridão, ela se torna parte do ambiente e, mesmo que por alguns instantes, parece realizar o desejo de “evitar a humanidade”:

Entre os solitários vales e colinas, seu silencioso planar fundia-se ao cenário. Sua figura sinuosa e furtiva tornava-se parte integrante da paisagem. Às vezes, sua imaginação fantástica intensificava os processos naturais ao seu redor até que parecessem fazer parte de sua própria história. Na verdade, tornavam-se parte de sua história; pois o mundo é apenas um fenômeno psicológico, e aquilo que parecia, era de fato. As brisas e as rajadas da meia-noite, uivando por entre emaranhados brotos e ramos de inverno, eram fórmulas de amarga censura. Um dia úmido era a expressão do lamento irremediável por sua fraqueza na mente de algum ser ético vago, que ela não conseguia definitivamente classificar como o Deus de sua infância e não conseguia compreender como qualquer outro. (Hardy, 1991, p. 66-67, tradução nossa)⁸¹

Quando lido criticamente, esse recurso narrativo se mostra direta e estritamente vinculado ao gênero feminino. Boumelha (2008) chama a atenção para o caráter reducionista dessa associação entre Tess e a natureza. Isso porque o natural, na obra, geralmente existe em oposição ao que é social ou intelectual, o que acaba limitando a inteligência e o comportamento de Tess (e de todo o seu sexo) ao mero instinto ou à primitiva intuição feminina: “[...] a associação das mulheres com a natureza serve para diminuir a individualidade e identidade delas; enquanto os homens trabalhando nos campos permanecem

⁸¹ Do original: “On these lonely hills and dales her quiescent glide was of a piece with the element she moved in. Her flexuous and stealthy figure became an integral part of the scene. At times her whimsical fancy would intensify natural processes around her till they seemed a part of her own story. Rather they became a part of it; for the world is only a psychological phenomenon, and what they seemed they were. The midnight airs and gusts, moaning amongst the tightly-wrapped buds and bark of the winter twigs, were formulae of bitter reproach. A wet day was the expression of irremediable grief at her weakness in the mind of some vague ethical being whom she could not class definitely as the God of her childhood, and could not comprehend as any other.”

distintos, nos é dito que as mulheres na mesma situação são 'parte integrante da natureza ao ar livre'" (Boumelha, 2008, p. XXI-XXII, tradução nossa)⁸²:

Mas aquelas do outro sexo eram as mais interessantes em meio à companhia de amarradores, em razão do charme adquirido pela mulher quando esta se torna parte da natureza e não é um mero objeto posto ali como em momentos comuns. Um homem do campo é uma personalidade no campo; uma mulher do campo é parte do campo; de algum modo, ela perdeu sua própria margem, embebeu a essência do ambiente circundante e assimilou-se a ele. (Hardy, 1991, 68-69, tradução nossa)⁸³

Tess, como personagem, é frequentemente construída como parte de um mundo natural – mais exatamente em meio à uma “natureza Darwinista de instinto amoral” que propõe “uma continuidade organicista entre o humano e o não humano” (Boumelha, 1993, p. 56, tradução nossa)⁸⁴. Constantemente associada ao instinto e à intuição (habilidades sempre associadas pelo narrador ao sexo feminino) e a um modo quase primitivo de conhecimento, em oposição, por exemplo, aos saberes intelectuais de Clare,

‘Tess ela mesma é quase menos uma personalidade do que uma bela porção da natureza violada pelo egoísmo humano e pelo intelectualismo excessivo. Ela é a menos falha dos protagonistas de Hardy, mas também a menos humana’. Mas o que de outra forma poderia ser simplesmente um processo de diminuição é modificado pelo novo grau de consciência com o qual a assimilação de Tess à natureza é evocada. A elisão ideológica da mulher, do sexo e da natureza permanece um elemento estruturante da tragédia, mas ao mesmo tempo pressiona ‘o vulgarismo da “mulher natural”’ a um ponto em que se torna disruptivamente visível. (Boumelha, 1993, p. 50, tradução nossa)⁸⁵

Após um longo período de depressão, Tess abandona sua reclusão e, por necessidade financeira, volta a trabalhar na colheita. O leitor é surpreendido pela maternidade

⁸² Do original: “[...] the association of women with nature serves to reduce their individuality and identity; whereas men working in the fields remain distinct, we are told, women in the same situation are ‘part and parcel of outdoor nature’.”

⁸³ Do original: “But those of the other sex were the most interesting of this company of binders, by reason of the charm which is acquired by woman when she becomes part and parcel of outdoor nature, and is not merely an object set down therein as at ordinary times. A field-man is a personality afield; a field-woman is a portion of the field; she has somehow lost her own margin, imbibed the essence of her surrounding, and assimilated herself with it.”

⁸⁴ Do original: “The Darwinist nature of amoral instinct [...] runs close to a naturalist version of sexuality, which posits an organicist continuity between the human and the non-human.”

⁸⁵ Do original: “‘Tess herself is almost less a personality than a beautiful portion of nature violated by human selfishness and over-intellectualising. She is the least flawed of Hardy's protagonists, but also the least human.’ But what might otherwise be simply a process of diminution is modified by the new degree of consciousness with which Tess's assimilation to nature is evoked. The ideological elision of woman, sex, and nature remains a structuring element of the tragedy, but at the same time presses ‘the vulgarism of the “natural woman”’ to a point where it becomes disruptively visible.”

de Tess quando os irmãos mais novos lhe trazem, junto com a tímida refeição, a criança para ser amamentada pela mãe. Os sentimentos conflitantes da jovem em relação ao filho são manifestados através de uma demonstração ambivalente de afeto:

Quando a criança já se saciara, a jovem mãe sentou-a em seu colo e, fitando ao longe, embalou-a com uma indiferença triste que era quase desprezo. Então, de repente pôs-se a beijá-la violentamente algumas dúzias de vezes, como se não pudesse se conter, fazendo a criança chorar tamanha a veemência de um ataque que tão estranhamente combinava paixão e desprezo. (Hardy, 2022, p. 81)

No patriarcado, cujo poder é fundamentalmente caracterizado pelo controle sexual feminino por parte do Estado, a virgindade feminina, assim como a fidelidade da mulher ao casamento, eram aspectos importantes da ordem social (Lerner, 2019, p. 182). A repressão da liberdade sexual das mulheres tem como óbvia consequência a supressão de qualquer autonomia reprodutiva. No caso de Tess, que na pior das hipóteses foi vítima de um estupro, além de ter sido possivelmente privada de escolha durante o ato sexual, viu-se obrigada, por falta de alternativas ou por mera convenção, a manter uma gravidez indesejada. Para Federici (2023), tal privação caracteriza um processo de alienação física característica da exploração que é essencialmente vinculada ao gênero:

[...] o Estado não poupou esforços na sua tentativa de arrancar das mãos femininas o controle da reprodução e da determinação sobre onde, quando ou em que quantidade as crianças deveriam nascer. Como resultado, as mulheres foram forçadas frequentemente a procriar contra sua vontade, experimentando uma alienação de seu corpo, de seu “trabalho” e até mesmo de seus filhos mais profunda que a experimentada por qualquer outro trabalhador [...]. Ninguém pode descrever, de fato, a angústia e o desespero pelos quais passa uma mulher ao ver seu corpo se voltando contra si mesma, como acontece no caso de uma gravidez indesejada. Isso é particularmente verdade naquelas situações em que a gravidez fora do casamento era penalizada e quando ter um filho torna a mulher vulnerável ao ostracismo social ou, até mesmo, à morte. (Federici, 2023, p. 188)

O desgosto de Tess em relação à própria situação é evidenciado por suas companheiras de trabalho, que afirmam: “Ela gosta muito daquela criança, embora finja *odiá*, e diga que gostaria que os dois estivessem *enterrado* no pátio da igreja” (Hardy, 2022, p. 81, grifo no original). A imposição da castidade fora do casamento faz da concepção de um filho ilegítimo em uma enorme ameaça para a vida das mulheres. Não era incomum que em tal situação elas, assim como Tess, vissem no suicídio a libertação do escrutínio moral: “Um filho ilegítimo é, na maioria das civilizações, um tal *handicap* social e econômico para a

mulher não casada que há jovens que se suicidam ao saberem que estão grávidas, e mães solteiras que esganam o recém-nascido” (Beauvoir, 2016b, p. 140-141, grifo no original).

Nesse aspecto, Hardy atribui à vida de Tess um caráter universal, ecoando a história de muitas outras mulheres condenadas socialmente: “[...] sua história individual não é precisamente o destino singular do excepcional, mas o destino provável de qualquer um de seu sexo e classe em uma sociedade que determina que o que está escrito no corpo jamais poderá ser apagado” (Boumelha, 2008, p. XXVII, tradução nossa)⁸⁶.

A história de Tess, embora figure um enredo bastante comum na literatura inglesa da época, não se encaixa adequadamente em nenhum dos destinos geralmente oferecidos à ‘mulher caída’ – “[...] todas [estavam] sujeitas a sentimentos e ações anteriormente excluídos por tabus literários, mas que agora são articulados explicitamente” (Ingham, 2009, p. 140, tradução nossa)⁸⁷. Não convencionalmente, em *Tess*, Hardy “deixa de lado a figura convencional da mãe solteira, a ‘Maria Madalena’, que por convenção é justa e naturalmente desonrada e envergonhada” (Ingham, 2009, p. 147). Ao ir além de um destino de sacrifício, o autor rompe com o estigma imposto à situação. Na trama, Tess

[...] buscava recuperação em vez de redenção, e ousava imaginar que poderia recomeçar sua vida, esperando que seu novo marido reagisse à sua transgressão sexual anterior exatamente como ela havia respondido à dele. Ainda mais ousadamente, [Hardy] mostrava sua mulher caída repetindo conscientemente essa queda, deixando para trás as máquinas de debulha e os pássaros árticos de sua vida como trabalhadora agrícola pelas sedas e enfeites da vida na pensão como amante de Alec. (Boumelha, 2008, p. XVII, tradução nossa)⁸⁸

Ciente da própria irrelevância em relação ao passar do tempo e da imensidão do universo, Tess se permite recomeçar e aproveitar o que de prazeroso a vida ainda pudesse lhe oferecer, muito embora os outros a condenassem por isso:

Depois de exaurir e desperdiçar seu coração palpitante com todos os mecanismos de remorso que a inexperiência solitária poderia imaginar, o bom senso a iluminara. Pensou que seria bom voltar a ser útil – provar novamente a doce independência, qualquer que fosse o preço. O passado era

⁸⁶ Do original: “[...] her individual story is precisely not the unique destiny of the exceptional, but rather the potential fate of any member of her sex and class in a society so determined that what is written on the body can never be erased.”

⁸⁷ Do original: “These women are all subject to feelings and actions previously excluded by literary taboos but we are now explicitly articulated.”

⁸⁸ Do original: “[...] sought recuperation rather than redemption, and dared to imagine that she could recommence her life, and who expected her new husband to react to her earlier sexual transgression exactly as she had responded to his. More daringly still, it showed its fallen woman knowingly repeating that fall, leaving behind the threshing machines and Arctic birds of her life as an agricultural labourer for the cashmere and frills of boarding-house life as Alec’s mistress.”

o passado. O que quer que acontecera, não era mais o presente. Quaisquer que fossem as consequências, o tempo cobri-las-ia. Em alguns anos, seria como se nenhum deles tivesse existido, e ela mesma estaria coberta de erva e esquecida. Enquanto isso, as árvores eram mais verdes do que antes, os pássaros cantavam e o sol brilhava tão forte como nunca. A familiar paisagem não escurecera com seu pesar, nem adoecera com sua dor. Deveria ter percebido que aquilo que lhe fizera baixar a cabeça tão profundamente – o pensamento da preocupação do mundo com sua situação – fundamentara-se em uma ilusão. Ela não consistia em uma existência, uma experiência, uma paixão ou uma estrutura de sensações para ninguém além de si mesma. Para todo o restante da humanidade, Tess era apenas um pensamento passageiro. (Hardy, 2022, p. 81-82)

Embora o romance se encerre sim com a morte de Tess, ela não é condenada à força por sua transgressão sexual, mas pelo assassinato de Alec. A defesa de sua heroína por parte de Hardy, que insiste em sua pureza através do controverso subtítulo do romance, evidencia “[...] que o texto foi elaborado não para apresentar a história de Tess como uma fábula de advertência, mas como uma defesa de sua virtude moral” (Boumelha, 2008, p. XVII, tradução nossa)⁸⁹.

Com o falecimento de Sorrow, seu filho, não resta quase nenhuma evidência material da queda de Tess. Embora a natureza pareça exercer sobre ela o mesmo poder de renovação com que contempla o ambiente ao seu redor, de fato “O poder recuperativo que permeava a natureza orgânica certamente não era negado apenas à virgindade” (Hardy, 2022, p. 88). Sabemos que, no caso de Tess e de tantas outras mulheres “perdidas”, tal recusa também existia em relação à sua reputação.

2.1. CERCAMENTO DE TERRAS, CERCAMENTO DO CORPO

Muito embora a opressão das mulheres pelos homens perdure há milhares de anos, Federici (2019; 2023)⁹⁰ defende e demonstra, por meio de uma análise de cunho histórico, que na sociedade capitalista, ao contrário do que se pode pensar, a discriminação contra as mulheres “[...] não é o legado de um mundo pré-moderno, e sim uma formação do capitalismo, construída sobre diferenças sexuais existentes e *reconstruída* para cumprir novas funções sociais” (Federici, 2023, p. 19, grifo nosso). Vincula-se de forma direta e reformulada, então, a subjugação feminina ao advento do sistema capitalista, o que acrescenta ao debate já estabelecido no primeiro capítulo dessa dissertação uma nova perspectiva: a

⁸⁹ Do original: “[...] that the text was designed, not to set out Tess’s story as a warning fable, but as a defence of her moral virtue.”

⁹⁰ Para evitar repetições, nessa seção, voltada principalmente para a discussão da teoria de Federici (2019; 2023), é dela qualquer citação que não indique formalmente a autoria.

feminista. Com a atenção voltada especificamente para a figura historicamente negligenciada da mulher, Federici se dedica, nesse caso, a descobrir o real impacto sofrido por essa parcela da sociedade durante o estabelecimento de “um regime que aliena, que corrompe tanto o corpo quanto o espírito”, sustentado pela opressão de seres humanos por seus semelhantes⁹¹ (Saffioti, 2013, p. 118).

Em *Mulheres e caça às bruxas* (2019) e principalmente em *Calibã e a bruxa* (2023), ao associar o fenômeno histórico de caça às bruxas ao movimento que estabeleceu os cercamentos das terras de que já falamos brevemente, Silvia Federici realiza uma análise que permite transcender a dicotomia entre as categorias de gênero e classe, admitindo diversas intersecções de ambos fatores na experiência humana. Apesar de a condenação de milhares de mulheres à morte na fogueira não tenha relação direta com o romance vitoriano que é nosso objeto de estudo, muito tem a nos dizer sobre um momento histórico e sobre a opressão de uma classe e gênero específicos, que Tess compartilha com tais vítimas. A autora define os cercamentos como “[...] um fenômeno inglês pelo qual a classe proprietária de terras e membros abastados da classe camponesa cercaram terras comuns, colocando fim aos direitos consuetudinários e desalojando a população de agricultores e colonos que delas dependiam para sobreviver” e concentra-se neles porque “[...] demonstram mais claramente como a comercialização da terra e o crescimento das relações monetárias afetou, de formas diferentes, mulheres e homens” (2019, p. 48).

Como ponto de partida, Federici acrescenta ao conceito marxista de *acumulação primitiva* (originária) um viés feminista, aproveitando sua potencialidade na medida do possível, sem ignorar suas limitações. Para ela, o termo, que descreve o processo político que alicerça o avanço das relações baseadas no capital, tem utilidade

[...] na medida em que proporciona um denominador comum que permite conceituar as mudanças produzidas pelo advento do capitalismo nas relações econômicas e sociais. Sua importância está, especialmente, no fato de Marx tratar a acumulação primitiva como um processo fundacional, o que revela as condições estruturais que tornaram possível a sociedade capitalista. (Federici, 2023, p. 33-34)

⁹¹ A citação original de Saffioti fala sobre “[...] um regime de produção cujo sustentáculo é a opressão do homem pelo homem” e, embora compreenda-se que, nesse caso, o primeiro dos termos “homem” diga respeito à humanidade de forma geral, optamos por rejeitar tal generalização semântica que sabemos ser baseada no estabelecimento do homem como figura central da história humana. Como bem lembra Lerner (2019), “a luta de classes pode ser descrita como uma luta pelo controle dos sistemas de símbolos [nesse caso, a linguagem] de determinada sociedade” (p. 272).

Em suma, o fenômeno descreve essa reestruturação social e econômica e defende que “i) o capitalismo não poderia ter se desenvolvido sem uma concentração prévia de capital e trabalho” e que “ii) a dissociação entre trabalhadores e meios de produção, e não a abstinência dos ricos, é a fonte da riqueza capitalista” (2023, p. 125). Enquanto Marx se limita a examinar o fenômeno da perspectiva de trabalhadores assalariados homens e do desenvolvimento da produção de bens comerciais e defini-lo essencialmente com base expropriação da terra, Federici se volta especificamente para a situação feminina e analisa as consequentes mudanças na posição social das mulheres e na produção de sua força de trabalho (inclusive reprodutiva, que Marx discutiu apenas breve e superficialmente), incluindo pontos que considera de extrema importância para a compreensão da acumulação capitalista:

Para colocar em prática a “apropriação primitiva” dos homens sobre o trabalho feminino, foi construída uma nova ordem patriarcal, reduzindo as mulheres a uma dupla dependência: de seus empregadores e dos homens. O fato de que as relações de poder desiguais entre mulheres e homens, assim como uma divisão sexual do trabalho discriminatória, existiam mesmo antes do advento do capitalismo não foge a essa avaliação. Isso porque, na Europa pré-capitalista, a subordinação das mulheres aos homens esteve atenuada pelo fato de que elas tinham acesso às terras e a outros bens comuns, enquanto no novo regime capitalista *as próprias mulheres se tornaram bens comuns*, dado que seu trabalho foi definido como um recurso natural que estava fora da esfera das relações de mercado. (Federici, 2023, p. 200, grifo no original)

Para ela, logo, a acumulação primitiva não se resumiu meramente ao acúmulo e à concentração de capital e de força de trabalho explorável por meio de trabalhadoras e trabalhadores supostamente livres para vender sua mão de obra, constituindo, além disso, “[...] *uma acumulação de diferenças e divisões dentro da classe trabalhadora*, em que as hierarquias construídas sobre o gênero, assim como sobre a ‘raça’ e a idade, se tornaram constitutivas da dominação de classe e da formação do proletariado moderno” (2023, p. 127, grifo no original).

Para percebermos o vínculo entre a história das mulheres e a ascensão capitalista, Federici defende, é preciso certa sensibilidade: considerar não apenas questões clássicas como oferta de mão de obra ou salários (questões irrefutavelmente basilares no debate da luta de classes), mas levar em consideração, também, a nova perspectiva da vida social e da relação entre os sexos estabelecidas por esses conflitos. (2023, p. 52). Afinal de contas, se as novas funções de trabalho e papéis sociais foram estabelecidos de acordo com a identidade sexual de cada indivíduo, o gênero é não somente um fenômeno cultural, mas uma das várias relações de classe especificadas: “[...] se, na sociedade capitalista, a ‘feminilidade’ foi construída como

uma função-trabalho que oculta a produção da força de trabalho sob o disfarce de um destino biológico, a *‘história das mulheres’ é a ‘história das classes’*” (2023, p. 39, grifo nosso).

Revolucionando os âmbitos político e filosófico, a teoria feminista enfatiza o estudo acerca da sexualidade feminina, colocando questões como o trabalho reprodutivo e a maternidade no núcleo da história das mulheres, evidenciando e denunciando

[...] as estratégias e a violência por meio das quais os sistemas de exploração, centrados nos homens, tentaram disciplinar e apropriar-se do corpo feminino, mostrando que o corpo das mulheres constituiu o principal objetivo, o lugar privilegiado para a implementação das técnicas de poder e das relações de poder. (Federici, 2023, p. 40)

Antes do estabelecimento da lógica capitalista, as terras comunais não tinham como principal finalidade a produtividade, mas exerciam uma enorme função social, garantindo a subsistência e muitas vezes a independência de grupos detentores de menor poder social – como era o caso das mulheres. A privatização das terras, somada à monetização do trabalho, piorou a condição econômica das mulheres que, com a nova divisão sexual do trabalho, além de encontrarem dificuldades e desvalorização no mercado protocapitalista, tiveram suas opções limitadas pelo confinamento ao trabalho reprodutivo e doméstico – o invisível “trabalho de mulheres”.

Essas mudanças históricas — que tiveram um auge no século XIX com a criação da figura da dona de casa em tempo integral — redefiniram a posição das mulheres na sociedade e com relação aos homens. A divisão sexual do trabalho que emergiu daí não apenas sujeitou as mulheres ao trabalho reprodutivo, mas também aumentou sua dependência, permitindo que o Estado e os empregadores usassem o salário masculino como instrumento para controlar o trabalho das mulheres. Dessa forma, a separação efetuada entre a produção de mercadorias e a reprodução da força de trabalho também tornou possível o desenvolvimento de um uso especificamente capitalista do salário e dos mercados como meios para a acumulação de trabalho não remunerado. (Federici, 2023, p. 153)

A “libertação” do trabalhador da condição de servo culminou em uma situação calamitosa de pobreza crônica e de exploração massiva, caracterizando esse período de transição e do processo de acumulação primitiva um dos mais famintos, violentos e descontínuos da história da humanidade. Ao contrário do que muitos dos interessados na exploração defendiam na época,

Não foram os trabalhadores — mulheres ou homens — que foram libertados pela privatização da terra. O que se “libertou” foi o capital, na mesma medida em que a terra estava agora “livre” para funcionar como meio de

acumulação e exploração, e não mais como meio de subsistência. Libertados foram os proprietários de terra, que agora podiam despejar sobre os trabalhadores a maior parte do custo de sua reprodução, dando-lhes acesso a alguns meios de subsistência apenas quando estavam diretamente empregados. (Federici, 2023, p. 154)

Juntamente ao cercamento físico das terras, surge também uma espécie de cercamento social, o cercamento do corpo feminino, que estabelece a família como “microcosmo da sociedade” (Beauvoir, 2016a, p. 161). Nessa nova formulação, que privatiza as relações sociais e corrobora para a apropriação e ocultamento do trabalho feminino, “[...] a reprodução dos trabalhadores passou do campo aberto para o lar, da comunidade para a família, do espaço público (a terra comunal, a igreja) para o privado” (Federici, 2023, p. 171). É nesse momento, também, que à sombra do patriarcado se intensifica o estado de vigilância em relação à sexualidade feminina. Seus corpos passam a ser propriedade do Estado e habilidade reprodutiva torna-se serva da acumulação de capital.

Nessa dinâmica, uma “bruxa”, a exemplo da mulher “caída”, poderia ser qualquer uma que apresentasse um comportamento social ou sexual que infringisse os limites morais estabelecidos pelo Estado:

Aos fatores econômicos no segundo plano da acusação de bruxaria [como crimes motivados pela extrema pobreza] devemos acrescentar a política institucional cada vez mais misógina que confinava as mulheres a uma posição social de subordinação em relação aos homens e que punia com severidade, como subversão da ordem social, qualquer afirmação de independência de sua parte e qualquer transgressão sexual. A “bruxa” era uma mulher de “má reputação”, que na juventude apresentara comportamento “libertino”, “promíscuo”. (Federici, 2019, p. 52)

A caça às bruxas foi a punição que, dentro de uma sociedade que passou a visar o máximo lucro e exploração das faculdades humanas, constituiu um processo de transformação do corpo humano em uma máquina de trabalho disciplinada – a maior de todas as tecnologias desenvolvidas durante o período de acumulação originária. Reprimindo as emoções, os desejos e comportamentos considerados socialmente inadequados e improdutivos, na lógica mecanicista

[...] o corpo foi progressivamente politizado; ele foi desnaturalizado e redefinido como o “outro”, o objeto limite da disciplina social. Desse modo, o nascimento do corpo no século XVII também marcou seu fim, uma vez que o conceito de corpo deixaria de definir uma realidade orgânica específica para, em vez disso, tornar-se um significante político das relações de classe e das fronteiras movediças continuamente redesenhadas que essas relações produzem no mapa da exploração humana. (Federici, 2023, p. 292)

Na fogueira que queimou aquelas consideradas “[...] seres selvagens, mentalmente débeis, de desejos insaciáveis, rebeldes, insubordinadas, incapazes de autocontrole”, forjou-se seu completo oposto, o típico anjo do lar vitoriano: a mulher passiva, assexuada, obediente, capaz de exercer sobre os homens uma boa influência (2023, p. 213). A batalha do capital contra o corpo feminino estava vencida.

Do mesmo modo que os cercamentos expropriaram as terras comunais do campesinato, a caça às bruxas expropriou o corpo das mulheres, o qual foi assim “liberado” de qualquer obstáculo que lhe impedisse de funcionar como máquina para produzir mão de obra. A ameaça da fogueira ergueu barreiras mais terríveis ao redor do corpo das mulheres do que as cercas levantadas nas terras comunais. (Federici, 2023, p. 338, grifo no original)

Assim, a opressão social, econômica e sexual das mulheres pelos homens, estatizada pelo patriarcado, foi, então, cruelmente intensificada pelos princípios capitalistas. Prisioneiras de sua própria sexualidade, tiveram seus corpos (mais cercados do que nunca) e suas mentes moldadas ao bel-prazer e à disposição de seus exploradores. No contexto vitoriano de *Tess*, nas décadas finais do século XIX, já temos um perfil feminino devidamente exorcizado de sua subversividade – no romance, isso é verdade pelo menos até que o histórico sexual da protagonista seja manchado e que sua má reputação se torne uma ameaça à ordem social estabelecida.

Delinear e entender as diversas formas de opressão de classe sofridas por Tess em sua jornada passa necessariamente, então, pela delimitação e compreensão dos aspectos que envolvem sua subjugação como mulher. Para tanto, dedicarmo-nos-emos a analisar, a seguir, os momentos em que se estabelecem relações de poder entre Tess e seus principais antagonistas, Angel Clare e Alec d’Urberville.

2.2. ANGEL, THE HUSBAND IN LAW

[...] the cleverest, the acutest men are often under an illusion about women: they do not read them in a true light: they misapprehend them, both for good and evil: their good woman is a queer thing, half doll, half angel; their bad woman almost always a fiend.

Shirley (1849), de Charlotte Brontë⁹²

“Diga, diga!”, rogou-lhe, segurando-a apaixonadamente, esquecendo-se de suas mãos sujas: “Diga a mim que não pertencerá a mais ninguém!”

“Direi, direi a você!”, ela exclamou. “E lhe darei uma reposta completa, se me soltar agora. Contarei a você sobre minhas experiências – tudo sobre mim – tudo!”

“Suas experiências, querida; sim, certamente; todas elas.” Ele expressou assentimento em romântica sátira, fitando-a nos olhos. “Minha Tess, sem dúvida, *tem quase tantas experiências quanto aquele selvagem convólculo lá fora, na cerca do jardim, que abriu essa manhã pela primeira vez*. Conte-me qualquer coisa, mas não use essa terrível expressão sobre não ser digna de mim.” (Hardy, 2022, p. 154, grifo nosso)

Durante sua estadia em Talbothays, a recusa de Tess ao pedido de casamento de Clare o surpreende. Incapaz de se livrar da concepção idealizada e virginal que possui da jovem, ele toma sua primeira resposta como um mero “joguinho de timidez”⁹³ e assume, com base em sua “suficientemente vasta” experiência com mulheres, que “a negativa frequentemente significava nada mais que o prefácio à afirmativa” (Hardy, 2022, p. 151). Não pela primeira vez, como no trecho acima, ele julga as experiências e preocupações de Tess como sendo de menor importância e complexidade, mesmo sem ter conhecimento algum sobre os ocorridos do passado da protagonista. Seu julgamento de Tess, frequentemente marcado tanto por sua classe social superior quanto por seu gênero masculino, tende a considerar a jovem um ser raso e inexperiente, com aflições superficiais ou direta e unicamente vinculadas ao caráter prático das coisas. Em outro momento, ele supõe:

“O que a faz afastar-se assim, Tess?”, perguntou. “Está com medo?”

“Oh, não, senhor – não de coisas da natureza; especialmente agora que está tudo tão verde.”

“Mas tem medos dentro de casa?”

“Bem – sim, senhor.”

“De quê?”

“Não saberia dizer.”

“De que o leite azede?”

“Não.”

“Da vida em geral.”

“Sim, senhor.”

“Ah – eu também, muito frequentemente. Este embaraço de viver é bastante sério, não acha?”

“É sim – agora que o senhor falou.”

⁹² Em tradução livre: “Os mais astutos, mais perspicazes dos homens muitas vezes se iludem sobre as mulheres: eles não as enxergam sob a verdadeira luz: as mal interpretam, tanto para o bem quanto para o mal: a sua mulher boa é uma coisa estranha, meio boneca, meio anjo; sua mulher má quase sempre é um demônio.”

⁹³ Do original: “the dallyings of coyness” (Hardy, 1991, p. 136). A edição brasileira traduziu como “flerte da timidez artificial” (Hardy, 2022, p. 151).

“Não importa, não esperava que uma menina como você compreendesse. Conte-me.” (Hardy, 2022, p. 109)

Figura 6 - Tess afasta-se de Angel



Fonte: *The Victorian Web*⁹⁴

Angel faz pouco caso, também, antes de Tess confessar-lhe o passado em sua noite de núpcias, depois que ele havia confessado que se entregara a “quarenta e oito horas de dissipação” com uma mulher desconhecida em Londres. Antes de contar a verdade, Tess, aparentemente, toma a indiferença do marido como tolerância, o que dá, a ela e ao leitor, a esperança do perdão até o último momento:

“Ó! Angel – quase fico feliz – porque agora você poderá perdoar a mim! Não fiz minha confissão ainda. Tenho uma confissão também – lembre-se de que lhe falei.

“Ah! Certamente! Vamos ouvi-la, *mocinha má*.”

“Embora você sorria, talvez seja tão séria quanto a sua confissão, ou mais.”

“Difícilmente seria mais sério, querida.”

“Não pode – ó, não, não pode!”, ela agarrou a esperança alegremente. “Não, não pode ser mais séria, certamente”, ela exclamou, “pois é exatamente a mesma! Contarei agora.” (Hardy, 2022, p. 196, grifo nosso)

Iludida pela própria ingenuidade e também pela figura até então aparentemente benevolente (e igualmente errônea) de Clare, Tess se permite sonhar com o perdão do marido,

⁹⁴ “‘O que faz você se afastar dessa maneira, Tess?’”, por E. Borough Johnson. Ilustração original da serialização do romance. Disponível em: <https://victorianweb.org/art/illustration/bjohnson/4.html>.

chegando, inclusive, a implorar por ele ajoelhada a seus pés quando percebe que a notícia não foi recebida com tolerância. É nesse momento que Hardy exacerba a crítica a uma métrica moral que julga de maneiras diferentes homens e mulheres – o que não é, nem mesmo para a época, nenhuma novidade na história das mulheres. Como bem lembra Beauvoir, desde os tempos primitivos, o homem que fere as normas sociais “não passa de um menino levado que não ameaça profundamente a ordem coletiva” – a transgressão da mulher, por outro lado, é responsável pelo desencadeamento de “forças incontrolláveis e perniciosas” (Beauvoir, 2016a, p. 258).

A reação de Angel é frustrante para Tess, que confiou que o suposto amor do marido por ela fosse o suficiente para perdoar sua falha, e também para o leitor que por acaso tenha suposto, com base no caráter liberal das ideias de Angel (descrito pelo narrador como alguém cada vez mais indiferente a formas e regras sociais⁹⁵), que ele seria capaz de superar o passado da esposa.

“Em nome de nosso amor, perdoe-me!”, sussurrou com boca seca. “Perdoei-lhe o mesmo!”

E, como ele não respondeu, ela repetiu: “Perdoe-me como foi perdoado! *Eu* perdoo você, Angel.”

“Você... sim, você me perdoa.”

“Mas você não me perdoa?”

“Oh! Tess, o perdão não se aplica ao caso! *Você era uma pessoa; agora é outra*. Meu Deus – como pode o perdão alcançar tão grotesca... prestidigitação⁹⁶!”

Ele ficou em silêncio, contemplando sua definição. Então, subitamente, irrompeu em uma horrível risada – tão sobrenatural e medonha como uma risada infernal. (Hardy, 2022, p. 198, grifo nosso)⁹⁷

Figura 7 - Tess implora pelo perdão de Angel

⁹⁵ “As distinções materiais de classe e riqueza, cada vez mais as desprezava. Até mesmo a ‘boa velha família’ (para usar uma expressão de valor local) não possuía aroma para ele a menos que pudesse encontrar novas resoluções em seus representantes.” (Hardy, 2022, p. 103)

⁹⁶ Do original, “prestidigitation”, pode ser descrito como “técnica de iludir o espectador com truques que dependem especialmente da rapidez e agilidade das mãos; ilusionismo, mágica.” (*Oxford Languages*)

⁹⁷ O primeiro grifo, nos respectivos pronomes “I” e “you”, está presente na edição em inglês, mas não na tradução brasileira (Hardy, 1991, p. 179).



Fonte: The Victorian Web⁹⁸

A incapacidade de Angel de perdoar Tess mesmo quando a falha de ambos é semelhante – apenas em seu caráter sexual, já que, se a sedução de Tess foi um estupro, diferente do caso de Angel, o acontecimento não foi escolha dela – escancara a hipocrisia da moral social do romance. É importante ressaltar que essa disparidade de gênero não tem origem na Era Vitoriana, embora tenha se fortalecido nos valores conservadores da época. Beauvoir (2016a) afirma que, mesmo nas sociedades primitivas, o sexo feminino era dotado de aspectos religiosos e mágicos, enquanto o masculino era laico, isento de tal peso. Para ela, nas sociedades modernas essa premissa, apesar de transformada, se manteve. A transgressão masculina é geralmente considerada com indulgência, pois “o erro do homem não passa de um deslize sem gravidade” (Beauvoir, 2016a, p. 258). Em *Tess*, a diferenciação em tal métrica é personificada na figura de Angel, agora antagonista, que passa a agir de forma cruel e impiedosa com a esposa. Ironicamente, *ele* é quem passa a se comportar como uma pessoa diferente depois da confissão. Como bem coloca Boumelha (1993), é “através de Clare, por meio das contradições e inadequações óbvias de sua resposta a Tess, que o romance questiona

⁹⁸ “*Ela deslizou de joelhos aos seus pés.*”, por E. Borough Johnson. Ilustração original da serialização do romance. Disponível em: <https://victorianweb.org/art/illustration/bjohnson/3.html>.

as bases ideológicas de suas próprias polaridades trágicas” (Boumelha, 1993, tradução nossa)⁹⁹.

É fato, conforme já foi discutido, que a virgindade feminina detém, nesse contexto, uma relevância diferente da virgindade masculina dentro do casamento. Enquanto a perda da última pode ser considerada uma demonstração de masculinidade aceitável socialmente, a exigência da primeira na consumação do sacramento é necessária para que o homem possa fazer de si o senhor de sua mais nova aquisição.

É [...] de uma maneira mais imediata que a virgindade da mulher é exigida quando o homem encara a esposa como sua propriedade pessoal. Primeiramente, a ideia de posse é sempre impossível de se realizar positivamente; em verdade, nunca se tem nada nem ninguém; tenta-se por isso realizá-la de modo negativo; a maneira mais segura de afirmar a posse de um bem é impedir que os outros o usem. (Beauvoir, 2016a, p. 217)

A ofensa na perda do direito à castidade da esposa reside não simplesmente nessa ausência, mas – sendo a mulher o “objeto privilegiado através do qual ele [o homem] domina a natureza” (Beauvoir, 2016a, p. 219) – no fato de a perda da virgindade presumir que a posse da mulher já foi reclamada por outro:

Quando a mulher é entregue ao homem como um bem, o que ele reclama é que nela a carne esteja presente em sua pura facticidade. Seu corpo não é tomado como a irradiação de uma subjetividade, mas sim como uma coisa empastelada em sua imanência; esse corpo não deve lembrar o resto do mundo, não deve ser promessa de outra coisa senão de si mesmo: precisa deter o desejo. (Beauvoir, 2016a, p. 221)

Para Boumelha (2010), a virgindade, real ou presumida, cumpre um papel dual na ficção hardyana, atuando

[...] como uma ideologia social opressiva que indevidamente circunscreve a virtude moral nas mulheres a não mais do que a simples castidade, mas também como uma imagem poderosa da natureza imaginária da prioridade cronológica pessoal. Vários dos homens de Hardy são mostrados no processo de serem progressivamente e dolorosamente desiludidos dessa fantasia. (Boumelha, 2010, p. 251-252)¹⁰⁰

⁹⁹ Do original: “It is through Clare, through the obvious contradictions and inadequacies of his response to Tess, that the novel throws into question the ideological bases of its own tragic polarities.”

¹⁰⁰ Do original: “[...] as an oppressive social ideology that unduly circumscribes moral virtue in women to no more than simple chastity, but also as a powerful image of the imaginary nature of personal chronological priority. Several of Hardy’s men are shown in the process of being progressively, and painfully, disabused of this fantasy.”

A ausência da virgindade de Tess fere o ego de Angel porque deturpa a imagem angelical praticamente inumana que ele construiu dela para si mesmo. Em momento algum, no entanto, ela assume o papel que é a ela imposto por ele. Quando ele a elogiava, chamando-a de Ártemis, de Deméter¹⁰¹, ela, por não compreender os elogios, se limitava apenas a si mesma: “Chame-me de Tess” (Hardy, 2022, p. 115). A mulher idealizada “é, ao mesmo tempo, a encarnação do sonho masculino e seu fracasso”, pois apesar de ser em parte inventada pelos homens, a mulher em si existe além dessa invenção (Beauvoir, 2016a, p. 254). A decepção de Angel chega a distorcer a imagem de Tess. Diante dele, a esposa se transforma fisicamente: as maçãs do rosto, geralmente dotadas de uma vermelhidão atraente, passam a ser descritas como “flácidas”; a boca de Tess, antes um alvo de grande atração, como demonstra o trecho abaixo, na noite da confissão passa friamente a possuir o “aspecto de um pequeno buraco” (Hardy, 2022, p. 198).

Como seu rosto era adorável aos olhos dele! Ainda assim, nada havia de etéreo; era toda vitalidade real, calor, encarnação. E *tudo culminava em sua boca*. Olhos quase tão profundos e expressivos ele já os vira, e talvez rosto tão alvo, sobrancelhas tão arqueadas, um queixo e pescoço quase tão formosos, mas a boca ele não vira nada igual na face da terra. Para um jovem com o mínimo de fogo em si, *aquele pequeno alçar no meio de seu vermelho lábio superior confundia, encantava, enlouquecia*. Nunca antes vira lábios e dentes femininos que forçassem sua mente, com tal persistente iteração, o antigo símile elisabetano de rosas preenchidas com neve. Perfeito, ele, enamorado, poderia tê-los chamado de imediato. Mas não – não eram perfeitos. E era o toque de imperfeição sobre a quase perfeição que lhe conferia a doçura, pois era aquilo que lhe dava sua humanidade. (Hardy, 2022, p. 131, grifo nosso)

Quando Tess pergunta como ele pôde deixar de amá-la, ele alega que a mulher que ele amava não era ela, mas “outra em sua forma” (Hardy, 2022, p. 198). Da mesma maneira como Angel a idealizava antes, parece agora condená-la a uma definição extremamente oposta (e igualmente equivocada), na qual não se enxerga nada além do erro vivenciado por ela. Mais adiante, inconformada, Tess insiste:

“O que fiz, o que fiz?!? Não lhe contei nada que interfira ou desminta meu amor por você. Não pensa que planejei, pensa? Está com raiva de algo que existe em sua própria mente, Angel. Não sou eu. Oh! Não está em mim, e não sou a mulher traiçoeira que imagina!”
 “Bem... não traiçoeira, minha esposa; mas não é a mesma. Não, não é a mesma.” (Hardy, 2022, p. 200)

¹⁰¹ Deusas da mitologia grega ligadas à natureza, à castidade e à fertilidade, respectivamente.

Diferente de antes, Clare “a via agora como uma espécie de impostora; uma mulher culpada nas vestes de alguém inocente” (Hardy, 2022, p. 198). Pite (2009) defende que a projeção de inocência em Tess, coisa que Angel fez tantas vezes, caracteriza uma violência:

A violência e a opressão do impulso dominador masculino são vistas como derivadas da fantasia da inocência, porque a violência entra em jogo sempre que a mulher real (inevitavelmente – e de maneira quase perdoável) falha em viver de acordo com a fantasia. Esses personagens e seu comportamento sugerem que a linguagem literária [...] e a terminologia estética educada (que Angel utiliza) são fontes perigosas de opressão potencial – que essas realizações progressistas e iluminadas podem se alinhar com o moralismo, o preconceito e as forças do controle social. (Pite, 2009, p. 135)¹⁰²

Contraditoriamente, o aspecto “natural” que Angel parecia apreciar em Tess – sua simplicidade, sua suposta pureza e inocência – tem, na verdade, mais a ver com a moralidade social – moralidade esta que, em seu caso, ele erroneamente acredita ser desvinculada de convenções sociais antiquadas, como as que são, por exemplo, mantidas por seus pais e irmãos, mais próximos da doutrina cristã:

[...] por mais “desconstruída” que seja a sua versão da natureza, ela parece não incluir o sexo, a maternidade e a perda de uma criança, todas essas experiências que moldaram a mulher que ele acredita amar. A confissão dessas experiências a transforma imediatamente de uma “criança da natureza”¹⁰³ [...] a uma personificação da “Natureza, fantasticamente enganosa”¹⁰⁴. (Boumelha, 2008, p. XXII, tradução nossa)¹⁰⁵

Possuído pela raiva, Clare não demora a mostrar o próprio caráter preconceituoso, rebaixando Tess intelectualmente por sua situação social humilde e, ao mesmo tempo, menosprezando-a por sua origem aristocrática, que ele associa com desprezo ao que lhe aconteceu:

¹⁰² Do original: “The violence and oppressiveness of the male domineering impulse is seen as deriving from the fantasy of innocence, because violence comes into play whenever the real woman (inevitably – and quite forgivably) fails to live up to the fantasy. These characters and their behavior suggest that literary language [...] and educated aesthetic terminology (which Angel deploys) are dangerous sources of potential oppression – that these progressive, enlightened accomplishments can align themselves with moralism and prejudice and the forces of social control.”

¹⁰³ HARDY, Thomas. *Tess of the d’Urbervilles* (Norton Critical Edition), 1991, p. 182.

¹⁰⁴ Ibid, p. 186.

¹⁰⁵ Do original: “[...] however ‘unconstrained’ his version of nature might be, it appears not to include sex, motherhood, and the loss of a child, all of them experiences which have shaped the woman he believes he loves, for her confession of them turns her immediately from a ‘child of nature’ [...] to an embodiment of ‘Nature, in her fantastic trickery’.”

“Ó, Angel! Mamãe diz que às vezes acontece isso! – ela sabe de diversos casos que foram piores que o meu, e o marido não se importou muito – superou, ao menos. E, ainda assim, a mulher não o amara tanto como eu o amo!”

“Não, Tess. Não discuta. *Sociedades diferentes, maneiras diferentes*. Quase me força a dizer que é uma camponesa tola, nunca iniciada nas proporções das coisas sociais. Não sabe o que diz.”

“Sou uma camponesa por posição, apenas, não por natureza!” Ela falou com um impulso à raiva, mas passou tão rápido quanto veio.

“Pior para você. Creio que o pároco que descobriu seu pedigree teria feito melhor se tivesse segurado a língua. Não posso evitar de associar seu declínio como família com esse outro fato... de sua falta de firmeza. *Famílias decrépitas sugerem vontades decrépitas, conduta decrépita*. Céus, por que me deu razão para desprezá-la mais informando-me sobre seus ancestrais! Aqui estava eu pensando que você era uma filha recente da natureza; ali estava você, a semente tardia de uma aristocracia caduca!” (Hardy, 2022, p. 201, grifo nosso)

A ambivalência da opinião de Angel acerca de famílias nobres chega a soar incoerente – uma das várias inconsistências do personagem. Tess sempre temeu qual seria a reação do marido à sua herança aristocrática, uma vez que ele já havia alegado odiar a importância dada ao sangue em vez de aos pedigrees “espirituais, dos sábios e virtuosos” (Hardy, 2022, p. 164). Ao ser informado sobre a ascendência de Tess, no entanto, ele se alegra por acreditar que o sangue nobre possa validá-la socialmente e assim consolidar ascensão de classe estabelecida pelo casamento com ele. A origem de Tess é por ele considerada vantajosa até que sirva de justificativa para a transgressão social cometida/sofrida por ela:

“Por seu próprio bem, regozijo-me com sua ascendência. A sociedade é inevitavelmente esnobe, e esse fato a respeito de sua extração pode fazer uma diferença apreciável para sua aceitação como minha esposa, depois que eu transformá-la em uma mulher culta como pretendo. Mamãe também, pobre alma, pensará muito melhor de você por causa disso. Tess, deve assinar seu nome corretamente – d’Urberville – deste dia em diante.” (Hardy, 2022, p. 164-165)

A rejeição de Clare à esposa reacende em Tess as tendências suicidas apresentadas por ela depois de sua “queda” e de sua experiência maternal. Mais de uma vez depois de sua confissão, ela considera dar fim à própria vida como uma alternativa para salvar a reputação do homem amado: “O rio está logo ali à frente. Posso pôr fim a mim mesma. Não tenho medo.” (Hardy, 2022, p. 202) A sugestão é recebida com irritação, e Angel, outra vez, impõe sua superioridade intelectual e menospreza o raciocínio mórbido da esposa devota:

“Não fale de maneira tão absurda – não desejo ouvi-lo. É tolice ter tais pensamentos neste tipo de caso, mais apropriado à risada satírica que à tragédia. Não compreende nem um pouco a qualidade do revés. Seria visto como piada por nove entre dez pessoas do mundo, se fosse conhecido. (Hardy, 2022, p. 202)

O mesmo tom de desprezo se repete na sugestão de um divórcio:

“Céus – como pode ser tão simplória! Como poderia divorciar-me de você?”
 “Não poderia – agora que eu contei tudo? Pensei que minha confissão lhe desse motivos para isso.”
 “Ó, Tess! Você é muito, muito... infantil... desinformada... rude, suponho! Não sei o que você é! Não compreende a lei – não compreende!” (Hardy, 2022, p. 206)

A obtenção de um divórcio na Era Vitoriana exigia, além de uma quantidade exorbitante de dinheiro para a época¹⁰⁶, justificativas diferentes de homens e mulheres: “Um homem poderia se divorciar de sua esposa por um único ato de adultério; uma esposa precisava provar não apenas o adultério de seu marido, mas também algum fator agravante, como incesto, bigamia, sodomia, bestialidade ou crueldade extrema” (Ingham, 2009, p. 57, tradução nossa)¹⁰⁷. Muito embora Angel pudesse usar o status sexual da esposa como justificativa na obtenção de um divórcio, a alternativa provavelmente seria tão socialmente degradante para ele (e para sua família religiosa) quanto o fato de Tess não ter se casado virgem, isso graças à antiga relação entre a lei do divórcio inglesa e a moral cristã, cuja importância perdurou até o século seguinte:

¹⁰⁶ De acordo com Henry Kha (2021), o “custo de um divórcio *a vinculo matrimonii* foi estimado em £ 700–800, mesmo nas circunstâncias mais favoráveis, mas frequentemente podia ultrapassar £ 1000 em um processo altamente litigioso. As despesas incluíam custos parlamentares (£ 200 apenas), honorários de advogados e solicitadores, e encargos para testemunhas. Mesmo o custo de solicitar um divórcio *a mensa et thoro* nos *Consistory Courts* de Londres era caro, variando de £120 a £140, com o processo levando cerca de dois meses para um processo não contestado. Se o processo fosse contestado, então as despesas poderiam ser mais que o dobro, entre £ 300 e £ 500, e levaria de um a três anos para ser resolvido. Isso fazia parte de um problema mais amplo. Os tribunais superiores, de maneira geral, eram caros para os litigantes. Mesmo os tribunais locais, como o *Court of Conscience* e seu sucessor, o Tribunal do Condado, embora muito mais baratos, estavam fora do alcance de muitos” (Kha, 2021, local. 1921, tradução nossa. Do original: “The cost of divorce *a vinculo matrimonii* was estimated to be £ 700– 800, even in the most favourable circumstances, but could often exceed to £ 1000 in a highly litigious suit. The expenses included parliamentary costs (£ 200 alone), counsel and solicitor’s fees, and charges for witnesses. Even the cost of applying for divorce *a mensa et thoro* in the London Consistory Courts was expensive, at £ 120– 140, with the process taking about two months for an unopposed suit. If the suit was opposed, then the expenses could be more than double, at £ 300– 500, and it would take between one and three years to be resolved. It was part of a wider problem. The superior courts more generally were expensive for litigants. Even the local courts, like the Court of Conscience and its successor the County Court, whilst much cheaper, were beyond the reach of many”).

¹⁰⁷ Do original: “A man could divorce his wife for even a single act of adultery; a wife needed to prove not only adultery by her husband but also some aggravating factor such as incest, bigamy, sodomy, bestiality, or extreme cruelty.”

Como o divórcio era historicamente visto como uma questão moral, a crença cristã predominante na indissolubilidade do casamento impediu qualquer chamado significativo para a introdução do divórcio civil até o início do século XIX. É importante compreender as mudanças teológicas no dogma cristão durante a Reforma Protestante em relação à Igreja Inglesa. O resultado foi a formação de um compromisso teológico e legal, onde o casamento era considerado um contrato civil dissolúvel, mas fora do alcance dos cidadãos comuns ingleses. (Kha, 2021, local. 478, tradução nossa)¹⁰⁸

Por mais que, a essa altura, o divórcio civil fosse uma possibilidade para aqueles com o devido poder aquisitivo, o casamento ainda era mais um sacramento devidamente fundamentado na doutrina cristã do que um mero contrato civil. Assim, a limitação do acesso à essa alternativa se deu para “preservar o ensinamento moral cristão” acerca da importância da irrevogabilidade do casamento (Kha, 2021, local. 578). Ao confessar ao marido a falta de coragem para não executar o plano de se enforcar na noite anterior, Tess demonstra ciência, apesar do menosprezo de Angel, do desastre social que envolve um divórcio:

“Mas, Angel”, insistiu, abrindo os olhos em calma despreocupada sobre ele, “foi tudo por sua causa – para libertá-lo sem o escândalo do divórcio que pensei que você teria que conseguir. Não teria sonhado em fazê-lo em meu nome. Contudo, fazê-lo com minhas próprias mãos é bom demais para mim, afinal. É você, meu marido arruinado, quem deveria dar o golpe. Acho que o amaria mais, se isso fosse possível, se pudesse fazê-lo, já que não há outra forma de escapar.” (Hardy, 2022, p. 207)

O desprendimento de Tess de qualquer indício de autopreservação depois de decepcionar e ser decepcionada pelo marido, por mais que demonstre o quão profunda é sua devoção, submete-a, também, a uma subjugação tão ou mais profunda do que a imposta por seus pares masculinos. Ao cogitar abdicar da própria vida tão prontamente, em uma posição de completa passividade, Tess personifica o papel do *Outro*, apresentado por Beauvoir (2016a; 2016b): para ela, no estabelecimento das relações de gênero, historicamente, “A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem, e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro” (Beauvoir, 2016a, p. 12-13). Como ela diz logo depois de confessar a ideia impraticada do suicídio: “Bem, já que se nega [a tirar a vida dela], eu não o farei. Não tenho vontade alguma oposta à sua” (Hardy, 2022, p. 207).

¹⁰⁸ Do original: “Since divorce was historically viewed as a moral issue, the predominant Christian belief of the indissolubility of marriage hindered any significant calls for the introduction of civil divorce until the early nineteenth century. It is important to appreciate the theological changes to Christian dogma during the Protestant Reformation in regards to the English Church. The outcome was the formation of a theological and legal compromise, where marriage was held to be a dissoluble civil contract, but out of reach for ordinary English citizens.”

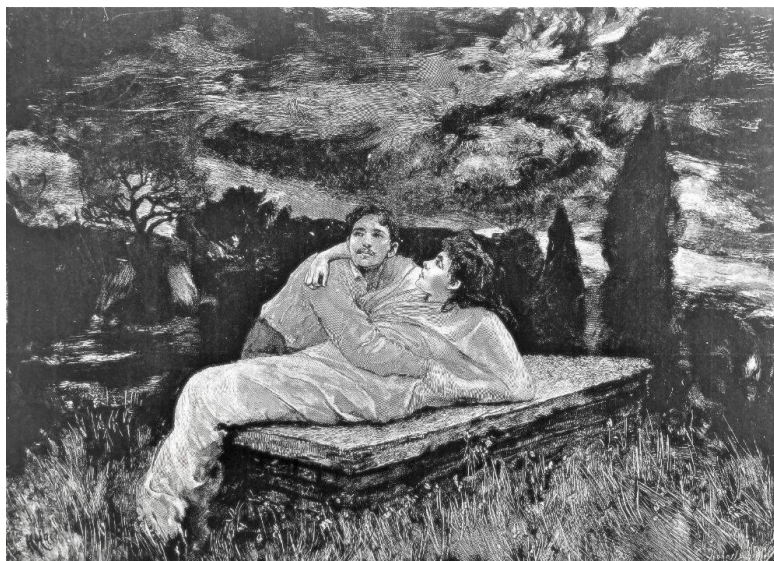
A passividade de Tess, talvez em uma tentativa de evidenciar a pureza que o subtítulo do romance determina, chega a beirar a inverossimilhança, remetendo-nos novamente à sua natureza praticamente inumana já apontada pela crítica, idealizada não só por Angel mas, aparentemente, também por Hardy. Ela não faz uso do charme ou da persuasão que a bela aparência lhe garante, nem tira proveito dos sentimentos que o marido poderia ainda nutrir por ela para tentar ganhá-lo de volta e salvar seu casamento e, conseqüentemente, a si mesma. Pelo contrário, aceita silenciosamente ocupar tal lugar de subjugação:

Havia sob a superfície, é verdade, uma corrente de simpatia através da qual uma mulher mundana poderia tê-lo conquistado. Mas Tess não pensava nisso; aceitava tudo como justo e dificilmente abria a boca. A firmeza de sua devoção a ele era, de fato, quase lamentável; irritável como era por natureza, nada que dissesse a fazia perder a cabeça; não procurou seus direitos; não foi provocada; não pensou mal do tratamento que dispensava a ela. Poderia agora ser a própria Caridade Apostólica retornada a um egoísta mundo moderno. (Hardy, 2022, p. 208)

Na noite que antecede a separação do casal, os dois protagonizam um dos episódios mais notáveis do romance. Angel, sonâmbulo, adentra o quarto de Tess repetindo inconscientemente o lamento: “Morta! Morta! Morta!”; “Minha pobre, pobre Tess – minha mais cara, querida Tess! Tão doce, tão boa, tão fiel!”; “Minha esposa – morta, morta!” (Hardy, 2022, p. 213-214). Ele envolve a esposa no lençol “como em uma mortalha” e a carrega em direção à balaustrada, de onde Tess acha que ele poderia jogá-la. Diante da iminente e lamentável separação do marido, ela não reage a esse atentado, contentando-se, pelo contrário, em ficar “em seus braços nessa posição precária com um senso mais de luxúria que de terror” e vendo na morte, mais uma vez, um alívio em vez de uma ameaça: “Se pudessem cair juntos, e ambos serem despedaçados, que conveniente, que desejável!” (Hardy, 2022, p. 214). Ao levá-la para o rio, Tess sente-se reconfortada pela mórbida constatação de que, se Angel tinha a intenção de matá-la, ao menos isso era um sinal de que ele a considerava, de fato, sua esposa, sua propriedade:

Tão facilmente entregara todo o seu ser a ele que agradava-lhe pensar que ele a considerava sua absoluta possessão, da qual podia dispor como decidisse. Era um consolo, sob o terror da separação que pairava sobre o dia seguinte, sentir que ele realmente a reconhecia agora como sua esposa Tess, e não a rejeitava, mesmo se naquele reconhecimento fosse longe o suficiente a ponto de arrogar para si o direito de feri-la. (Hardy, 2022, p. 214)

Figura 8 - Angel, sonâmbulo, deita Tess sobre um túmulo



Fonte: *The Victorian Web*¹⁰⁹

A anulação pós-marital a que Tess se submete diante da renegação de Angel nos faz lembrar de como, em Beauvoir, as diferentes condições sociais do homem e da mulher fazem com que sejam díspares as concepções que cada um dos gêneros tem do amor. Para o homem, o Sujeito, “a mulher amada não passa de um valor entre outros” (Beauvoir, 2016b, p. 461), constituindo esta apenas uma parcela da vida masculina. Para a mulher, o *Outro*, no entanto, “o homem é toda sua vida” (Beauvoir, 2016b, p. 421). Para ela que é, nesse contexto, social, econômica e, sobretudo, emocionalmente dependente de seu par, “o amor é uma renúncia total em proveito de um senhor”. Incapaz de realizar-se em sua própria singularidade,

Não há para ela outra saída senão perder-se de corpo e alma em quem lhe designam como o absoluto, o essencial. [...] ela se esforçará por superar sua condição de objeto inessencial assumindo-a radicalmente; através de sua carne, de seus sentimentos, de suas condutas exaltará soberanamente o amado, colocando-o como a realidade e o valor supremos; ela se aniquilará diante dele. O amor para ela torna-se uma religião. (Beauvoir, 2016b, p. 462)

Quando Clare a abandona antes de partir para o Brasil, pedindo inclusive que ela não lhe escreva até que ele finalmente o faça, não há resistência alguma por parte dela. O narrador, no entanto, tem consciência dessa possibilidade e atribui a apatia de Tess a um traço herdado geneticamente por ela:

¹⁰⁹ “Chegaram ao claustro, onde estavam os túmulos dos monges. Sobre um desses túmulos, ele cuidadosamente a deitou.”, por Hubert Von Herkomer. Ilustração original da serialização do romance. Disponível em: <https://victorianweb.org/art/illustration/herkomer/4.html>.

Se tivesse sido ardilosa, se tivesse feito uma cena, desmaiado, chorado histericamente em meio àquela vereda erna, apesar da fúria da qual fora tomado, ele provavelmente não teria suportado. Mas seu ânimo há tanto sofrido tornou o caminho fácil para ele, e *ela mesma era seu melhor advogado*. O orgulho, também, entrava em sua submissão – o que talvez fosse um sintoma daquela aquiescência imprudente tão aparente em toda a família d’Urberville – e as muitas eficientes cordas foram deixadas intocadas. (Hardy, 2022, p. 218, grifo nosso)

Angel, inconsciente do peso da culpa e da vergonha sentidas por Tess e indiferente às consequências devastadoras de seu julgamento discriminatório para ela, parecia esperar que a esposa reagisse, que seu olhar se voltasse para ele uma última vez antes de partir, “Mas ela não considerou fazê-lo, não teria ousado fazê-lo, caída em um desmaio que era meio morte” (Hardy, 2022, p. 219). Se a perda de sua virgindade a condenou à morte social, a rejeição por parte do amado marido mata-a emocionalmente.

Muito embora toda a situação de opressão e rejeição entre Angel e Tess não envolva violência física em um processo que impõe e reafirma a dominação masculina nas relações de gênero, ela sem dúvida é um exemplo do que Bourdieu (*A dominação masculina*, 2002) chama de violência simbólica – a maneira invisível pela qual a desigualdade de gênero é perpetuada de forma não-física e naturalizada, por meio de normas sociais, de instituições (como a escola, a igreja) e de valores culturais. Inclui, além da disseminação de padrões sociais que marginalizam mulheres, os estereótipos de gênero e as expectativas culturais impostas a mulheres e homens. Essas determinações reforçam, por sua vez, a desigualdade nas relações de poder, retroalimentando a cadeia da opressão feminina.

No caso de Tess, essa violência, embora possa ser identificada em diferentes aspectos de sua vida fictícia, afeta mais profunda e evidentemente seu modo de pensar e de sentir. É a violência simbólica que se faz presente na percepção negativa que ela tem do próprio corpo; está presente, também, na culpa, nos pensamentos de morte e na ideia de inutilidade que Tess carrega consigo. A violência simbólica que, dentre outras coisas, molda o amor submisso dela por Angel, é exercida por meio de uma força, também simbólica. Essa força, por sua vez, atua diretamente nos corpos oprimidos:

[...] ela encontra suas condições de possibilidade e sua contrapartida econômica (no sentido mais amplo da palavra) no imenso trabalho prévio que é necessário para operar uma transformação duradoura dos corpos e produzir as disposições permanentes que ela desencadeia e desperta; ação transformadora ainda mais poderosa por se exercer, nos aspectos mais essenciais, de maneira invisível e insidiosa, através da insensível familiarização com um mundo físico simbolicamente estruturado e da

experiência precoce e prolongada de interações permeadas pelas estruturas de dominação. (BOURDIEU, 2002)

Quando Tess se considera indigna do marido, quando acredita não mais merecer a própria vida por desonrá-lo com seu passado, ela está apenas a reproduzir um discurso violento que, devido a seus enormes alicerces, se sustenta de maneira imperceptível e tão naturalizada que soa como uma verdade inquestionável:

Quando os dominados aplicam àquilo que os domina esquemas que são produto da dominação ou, em outros termos, quando seus pensamentos e suas percepções estão estruturados de conformidade com as estruturas mesmas da relação da dominação que lhes é imposta, seus atos de *conhecimento* são, inevitavelmente, atos de *reconhecimento*, de submissão. (BOURDIEU, 2002, grifo no original)

Tais atos de conhecimento e reconhecimento têm como consequência prática atos de submissão, que podem se traduzir emocional e sentimentalmente – reações e atitudes muito presentes na postura de Tess:

Os atos de conhecimento e de reconhecimento práticos da fronteira mágica entre os dominantes e os dominados, que a magia do poder simbólico desencadeia, e pelos quais os dominados contribuem, muitas vezes à sua revelia, ou até contra sua vontade, para sua própria dominação, aceitando tacitamente os limites impostos, assumem muitas vezes a forma de emoções corporais – vergonha, humilhação, timidez, ansiedade, culpa – ou de paixões e de sentimentos – amor, admiração, respeito. (BOURDIEU, 2002)

Envergonhada por sua condição, Tess não demora a abandonar a casa dos pais, passando a oferecer serviços em diversas fazendas como trabalhadora temporária. Quando o telhado da casa dos Durbeyfield cede e eles – que desconhecem a real situação de abandono da filha – lhe pedem ajuda, ela envia o pouco que resta do dinheiro deixado por Angel. Depois de muito procurar por empregos no inverno, ela acaba se vendo obrigada a trabalhar em Flintcomb-Ash. Quase um ano se passa sem que receba qualquer correspondência do marido, mas Tess se mantém esperançosa em relação ao retorno e ao perdão de Clare. Ao descobrir que, pouco depois de deixá-la, Angel propusera Izz Huett – colega de trabalho de Tess na vacaria de Talbothays – que partisse com ele para o Brasil, ela decide ir até os sogros em busca de notícias, já que sequer recebera o endereço onde ele se encontrava no Brasil.

Tess arrumou-se com as roupas encomendadas pelo marido, há muito guardadas desde que ele partiu, levando consigo também o belo par de sapatos que ele havia comprado para ela. Evitando desgastá-los com a longa caminhada que tinha pela frente, Tess calçou suas

botas de caminhada por todo o caminho, escondendo-as próximo à casa dos sogros para só então fazer uso dos sapatos finos e causar uma boa impressão. No entanto, ela não encontra o senhor e a senhora Clare, mas ouve os irmãos mais velhos de Angel comentarem com Mercy Chant (a mulher com quem Angel teria se casado, se não fosse por ela) sobre seu casamento – considerado por eles uma atitude precipitada. Como se nada mais pudesse dar errado para Tess, os irmãos Clare encontram suas botas e supõem que o par tenha sido abandonado por algum mendigo antes de pedir esmolas descalço. Considerando-as em bom estado, Mercy as leva consigo com o objetivo de dá-las “a algum pobre”. Sentindo-se humilhada, ela parte de volta à Flintcomb-Ash sem nem mesmo falar com os sogros:

Lágrimas que lhe cegavam corriam por seu rosto. Sabia que era tudo sentimento, impressões infundadas, que faziam com que lesse a cena *como sua própria condenação*; mesmo assim, não podia superar; não podia contrapor sua própria pessoa indefesa perante todos aqueles indícios desfavoráveis. Era impossível pensar em retornar ao presbitério. A esposa de Angel sentiu como se houvesse sido perseguida até a colina como uma coisa desprezada por aqueles – para ela – clérigos superfinos. (Hardy, 2022, p. 259, grifo nosso)

O narrador lamenta o ocorrido, lembrando ao leitor que a triste situação de Tess teria sido o suficiente para cativar os solícitos e caridosos sogros que sequer conhecera:

Sua presente condição era precisamente aquela que teria despertado a simpatia dos velhos Mr. e Mrs. Clare. Seus corações iam ao socorro de casos extremos, quando os sutis problemas mentais dos menos desesperados da humanidade falhavam em ganhar seu interesse e atenção. (Hardy, 2022, p. 260)

O fracasso da empreitada em busca da ajuda da família Clare é claramente atribuído, pelo narrador, ao gênero de Tess: ele acusa sua “*feminina* perda de coragem no momento final e mais crítico” de ser “o maior infortúnio de sua vida”, e, portanto, o causador desse e de outros momentos de sofrimento para ela (Hardy, 2022, p. 260, grifo nosso). O vacilo de Tess diante de grandes decisões é, de fato, recorrente, a exemplo das diversas oportunidades que teve de contar a verdade sobre seu passado a Angel antes que se casassem. Em uma delas, sem reunir a coragem necessária para contar sua história pessoalmente, ela escreve tudo em uma carta, que Angel não encontra porque acaba ficando presa debaixo do tapete. Ao perceber que o noivo não recebera a correspondência, Tess queima a confissão e desiste de dizer a ele a verdade (capítulo 33).

No caminho de volta a Flintcomb-Ash, Tess reencontra Alec d'Urberville. Diante de suas insistentes tentativas de consegui-la de volta, Tess permanece fiel ao marido, pelo menos até que a morte de John Durbeyfield, somada à ausência de respostas de Angel aos seus sofridos apelos, a deixe sem alternativas para salvar sua família da miséria. A devoção de Tess é demonstrada, na narrativa, por meio de uma superficial transformação intelectual da personagem. Em suas inúteis tentativas de manter Alec afastado, ela menciona com orgulho o que aprendeu com o marido:

“Como posso orar pelo senhor”, ela disse, “quando estou proibida de acreditar que o grande Poder que move o mundo alteraria Seus planos por minha causa?”

“Pensa mesmo isso?”

“Sim. Fui curada da presunção de pensar diferente.”

“Curada? Por quem?”

“Por meu marido, se devo dizer.” (Hardy, 2022, p. 276)

Mais adiante, Alec replica:

“O fato é”, disse d'Urberville secamente, “tudo em que seu querido marido acreditava, você aceita, e tudo que ele rejeitava, você rejeita, sem a mínima investigação ou reflexão de sua parte. É bem típico de vocês mulheres. Sua mente é escrava da dele.”

“Ah, porque ele conhecia tudo!”, disse ela, com a fé simples e triunfante em Angel Clare que o mais perfeito dos homens dificilmente mereceria, muito menos seu marido.

“Sim, mas você não deveria admitir opiniões negativas de outra pessoa assim. Um bom sujeito não devia ser para ensinar a você tamanho ceticismo!”

“Ele nunca forçou meu discernimento! Nunca discutiria sobre o assunto comigo! Mas vejo assim: o que ele acreditava, após refletir profundamente sobre suas doutrinas, era mais provável de estar correto do que o que eu acredito, que não as estudei.” (Hardy, 2022, p. 276)

No que diz respeito à submissão intelectual feminina, Beauvoir descreve a mulher como “a argila que se deixa passivamente malaxar e moldar”, permitindo que o pensar feminino ecoe o masculino, garantindo assim sua perpetuação. Para ela, “não é apenas eroticamente, é também moral e intelectualmente que o marido ‘forma’ a esposa; ele a educa, marca-a, impõe-lhe sua personalidade” (Beauvoir, 2016a, p. 242). É exatamente o que percebemos na concepção hardyana de Tess. No caso dela, uma jovem mulher sem acesso à educação superior, isso acontece sem resistência alguma. A conformidade intelectual de Tess, apesar de aparentemente intensa, é rasa e o conhecimento que ela toma como verdade absoluta vai além de sua própria compreensão:

“Quero crer no mesmo que ele, embora ele não queira que eu o faça e consegui convencê-lo a contar-me alguns de seus pensamentos. Não posso dizer que entenda tudo, mas sei que está correto.”

“Imagina ser possível ensinar-me aquilo que você mesma não sabe!” Ele ficou pensativo.

“E, assim, atrelei minha sorte espiritual à dele”, ela recomeçou. “Não desejaria que fosse diferente. Se é bom o bastante para ele, é bom o bastante para mim.” (Hardy, 2022, p. 277)

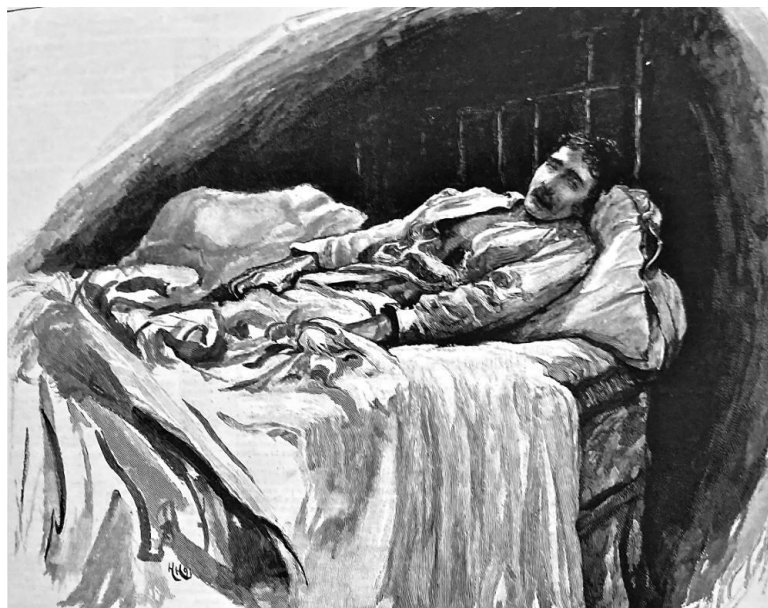
Quando Angel falha em socorrê-la e ela se vê à beira da submissão à Alec, Tess finalmente se permite perceber o quanto, na verdade, seu idolatrado marido foi cruel:

Ó! Por que me tratou de forma tão monstruosa, Angel! Eu não merecia isso. Pensei a respeito de tudo com muito cuidado e nunca, nunca poderei perdôá-lo! Sabe que não pretendi fazer mal a você – por que fez tanto mal a mim? É muito cruel, de fato! Tentarei esquecê-lo. De suas mãos, recebi nada além de injustiça! (Hardy, 2022, p. 309, grifo no original)

Mais uma vez, Beauvoir, ao falar sobre o amor feminino, parece ecoar o drama fictício de Tess e faz-nos pensar que, apesar de lamentável, tal nível de submissão concebido por Hardy possa ter sido, de fato, algo recorrente nas mentes femininas ao longo da história. Ela enfatiza, sobre a “decepção desesperante” da mulher que descobre a mediocridade do homem, seu ídolo: “Nenhum homem é deus. As relações que a mística sustenta com a divina ausência dependem unicamente de seu fervor: mas o homem divinizado, e que não é Deus, está presente. Disso nascerão os tormentos da apaixonada” (Beauvoir, 2016b, p. 474).

O amor de Tess por Angel, no entanto, não se esvai com o tempo. Quando ele retorna, arrependido, é nada menos que a devoção de Tess a ele que, no final do romance, a motiva a assassinar Alec. Os insultos do amante a Angel são mais ofensivos para Tess do que o fato de Alec tê-la arruinado não só uma, mas duas vezes: “devo [o assassinato] a você e a mim, Angel”; pelos “erros [de Alec] para com você através de mim”; “Ele me ouviu chorando por sua causa e me provocou cruelmente; e chamou você por um nome feio; e eu o matei. Meu coração não pôde suportar. Ele já havia me importunado a seu respeito antes” (Hardy, 2022, p. 336).

Figura 9 - Alec é encontrado morto no quarto



Fonte: *The Victorian Web*¹¹⁰

Para além de motivações vazias envolvendo a honra do marido, é a consideração da palavra do amado como verdade inquestionável que encarrega Tess de alcançar seu tão desejado perdão com a morte de quem ela equivocadamente considera seu único algoz. Depois de confessar a Angel seu passado na noite de núpcias, ele a havia questionado: “Como podemos viver juntos *enquanto aquele homem ainda estiver vivo?* – ele é seu marido por natureza, não eu. *Se estivesse morto*, poderia ser diferente...” (Hardy, 2022, p. 209, grifo nosso). Em completa obediência, ela transforma essa possibilidade em fato e, como que em uma resposta tardia, pergunta: “Angel, perdoará meu pecado contra você agora que eu o matei? Pensei, enquanto corria, que você certamente me perdoaria agora que eu fiz isso. O pensamento veio a mim como um raio que eu poderia conseguir você de volta assim” (Hardy, 2022, p. 336).

2.3. ALEC, *THE HUSBAND IN NATURE*

[...] *we may draw from it this useful lesson: that loss of virtue in a female is irretrievable; that one false step involves her in endless ruin; that her reputation is no less brittle than it is beautiful; and that she cannot be too much guarded in her behaviour towards the undeserving of the other sex.*

¹¹⁰ “*Ele estava deitado de costas como se mal tivesse se mexido.*”, por Hubert Von Herkomer. Ilustração original da serialização do romance. Disponível em: <https://victorianweb.org/art/illustration/herkomer/23.html>.

Pride and Prejudice (1813), de Jane Austen¹¹¹

“Vai levar um tempo até que ele [o coche] passe por Trantridge Cross novamente. E se caminarmos pela propriedade para passar o tempo, minha bela priminha?”

Tess desejava encurtar a visita tanto quanto possível, mas o jovem era insistente e ela consentiu em acompanhá-lo. Ele a conduziu sobre o gramado, jardins e conservatórios; e, então, para o pomar e as estufas, onde perguntou-lhe se ela gostava de morangos.

“Sim”, disse Tess, “quando é época.”

“Já estão dando frutos.” D’Urberville começou a colher espécimes da fruta, entregando-os a ela ao abaixar-se. E, selecionando um fino produto da variedade ‘Rainha Britânica’, ficou de pé e segurou-o pela haste até a boca de Tess.

“Não – não!”, disse ela rapidamente, pondo seus dedos entre a mão dele e seus lábios. “Preferiria comê-lo com minhas próprias mãos.”

“Tolice!”, ele insistiu. E, um pouco perturbada, ela entreabriu os lábios e cedeu. (Hardy, 2022, p. 36)

Figura 10 - Alec oferece morangos a Tess



Fonte: *The Victorian Web*¹¹²

¹¹¹ Em tradução livre: “[...] podemos tirar disso uma útil lição: que a perda de virtude em uma mulher é irreparável; que um passo em falso a envolve em ruína interminável; que sua reputação é tão frágil quanto é bela; e que ela não pode ser excessivamente guardada em seu comportamento em relação aos indignos do sexo oposto.”

Apesar de o memorável episódio da sedução/estupro de Tess ter passado por um óbvio e necessário processo de censura tanto pela parte de Hardy quanto de seus editores, o momento citado acima – em que Alec a oferece morangos fora de época e faz com que Tess, mesmo contra a própria vontade, coma diretamente de suas mãos – pode ser considerado uma transposição à situação que viria a ser posteriormente vivenciada por ela (Boumelha, 2008, p. XXI). O recurso narrativo pode, então, sugerir o caráter abusivo e não consensual do evento protagonizado por ambos em *The Chase* alguns meses mais tarde.

No dia de sua primeira visita, envergonhada por toda a ideia de proclamar parentesco e intimidada pelos avanços de Alec (para ela um estranho de classe superior), Tess apresenta uma postura submissa, obedecendo a ele “como em um sonho” e aceitando “qualquer coisa por ele oferecida” (Hardy, 2022, p. 36). O narrador atrela a submissão de Tess à Alec estritamente à dependência financeira que tinha dele, argumentando que “ela era mais maleável em suas mãos do que qualquer mero companheiro seria capaz de torná-la, devido a sua inevitável dependência com relação à mãe dele, e, através do relativo desamparo daquela dama [que era cega e, portanto, considerada inválida], da dependência com relação a ele” (Hardy, 2022, p. 55).

O capítulo 11, que termina com o acontecimento do estupro/sedução e encerra a primeira fase do romance, começa demonstrando certa postura de recusa de Tess em relação aos avanços indecorosos de Alec. Depois de resgatá-la a cavalo do meio de uma confusão noturna, situação na qual ela se viu sem outra saída, os dois partem em cavalgada e o seguinte diálogo acontece:

“Tess, por que não gosta quando a beijo?”
 “Suponho... que seja porque não o amo.”
 “Está certa disso?”
 “Fico aborrecida com você às vezes!”
 “Ah, era o que eu temia.” (Hardy, 2022, p. 63)

Mais adiante, outra pergunta:

“Não a ofendi demonstrando meu amor?”
 “Às vezes.”
 “Quantas vezes?”
 “Sabe tão bem quanto eu – muitas vezes.”
 “Todas as vezes em que tentei?” (Hardy, 2022, p. 63)

¹¹² “Prefiro pegá-lo, senhor, com minhas próprias mãos.” por E. Borough Johnson. Ilustração original da serialização mensal do romance. Disponível em: <https://victorianweb.org/art/illustration/bjohnson/1.html>.

O diálogo nos permite imaginar a frequência dos assédios de Alec em relação a Tess nos meses em que ficara trabalhando na propriedade dos d'Urbervilles. Embora o texto não nos dê acesso aos pensamentos dela nesse momento, Tess não responde à última pergunta, ficando em silêncio e levando o leitor a se questionar se os avanços de Alec foram sempre indesejados. Cansada, acaba caindo no sono e apoiando a cabeça nele. Alec, por sua vez, a abraça pela cintura, o que faz Tess acordar e dar-lhe um empurrão.

“Isso foi de uma ingratidão diabólica!”, disse ele. “Minhas intenções não são más – apenas evitar que você caia.”

Hesitou até que, considerando que poderia, afinal, ser verdade, cedeu, dizendo de forma bastante humilde: “peço perdão, senhor.”

“Não a perdorei a menos que demonstre alguma confiança em mim. Bom Deus!”, exclamou, “o que pensa que sou para recusar-me? Uma mera criança como você! Por quase três mortais meses tem brincado com meus sentimentos, recusando-me e esnobando-me. Não aceitarei mais essa situação!” (Hardy, 2022, p. 64)

Lerner (2019, p. 125) nos lembra que, em uma demonstração de poder e de superioridade de classe, era esperada a servidão sexual – consensual ou não – de mulheres de classe mais baixa (como servas, camponesas) por homens de classe mais alta. Apesar de a diferença de classe não ter sido mencionada por Alec, é ela um dos fatores que obriga Tess a manter um comportamento obediente em relação a ele, inclusive aceitando toques que aparentemente recusaria se tivesse a liberdade para tal. Quando ela dá a Alec uma alternativa para a situação, ele a impede de partir e força o contato físico mais uma vez:

“Partirei amanhã, senhor.”

“Não, não partirá para longe de mim amanhã. Peço mais uma vez: demonstrará sua fé em mim deixando que a abrace? Diga que sim. Estamos somente os dois aqui, ninguém mais. Conhecemos bem um ao outro; e você sabe que a amo, e a considero a menina mais linda do mundo, e você é. Não posso tratá-la como a trataria um pretendente?”

Ela inspirou irritada, fazendo objeção, contorcendo-se desconfortavelmente em seu assento, os olhos fixos à frente, e murmurou: “Não sei... queria que... *como posso dizer sim ou não quando...*”

Ele resolveu a questão abraçando-a como desejava e Tess não expressou mais nenhuma oposição. (Hardy, 2022, p. 64, grifo nosso)

A frase interrompida de Tess não deixa dúvidas: não há fuga para ela da autoridade de Alec d'Urberville – seja da autoridade masculina ou de classe superior dele em relação a ela, uma pobre mulher camponesa. Dependente do trabalho que ele a garante para ajudar a família, ela não tem alternativas à submissão, e mesmo quando considera desfazer-se da relação de dependência econômica, é dele a última palavra, figurada na ação não

consensual de um abraço. A opressão que ela sofre traz as duas marcas, de classe e de gênero, juntas em um emaranhado indissociável.

A exploração sexual de mulheres de classe baixa por homens de classe alta pode ser demonstrada na Antiguidade, sob o feudalismo, em lares burgueses dos séculos XIX e XX na Europa, nas complexas relações de sexo/raça entre mulheres dos países colonizados e seus colonizadores homens – é onipresente e disseminada. *Para as mulheres, exploração sexual é a própria marca da exploração de classe.* (Lerner, 2019, p. 264, grifo nosso)

Momentos antes do acontecimento em *The Chase*, Alec diz a Tess que seu pai ganhou dele um novo cavalo, e seus irmãos, alguns brinquedos. Alec parece esperar que tal atitude seja o suficiente para que Tess retribua seus avanços. Ela, atordoada, parece se sentir na obrigação de fazê-lo, porém, mantém-se firme:

“Eu não sabia... que você havia enviado coisas para ele!”, ela murmurou, bastante emocionada. “Quase desejo que não tivesse mandando – sim, quase isso.”

“Por que, minha cara?”

“Porque... não sei bem como agir.”

“Tessy... não me ama nem um pouquinho agora?”

“Sou grata”, ela admitiu relutantemente. “Mas temo que não...” A repentina visão da paixão de seu interlocutor a agitou a tal modo que, começando com uma lágrima vagarosa, e então outra, chorou copiosamente. (Hardy, 2022, p. 65-66)

A sedução/estupro acontece logo em seguida, quando Alec percebe que estão perdidos – segundo o narrador, visando a passar mais tempo com Tess, ele cavalgara sem rumo certo por mais de uma hora, “dando mais atenção à forma de Tess iluminada pelo luar que a qualquer objeto ao redor” (Hardy, 2022, p. 66). Nesse sentido, o corpo de Tess é colocado como um catalisador de sua própria situação de vulnerabilidade. Exausta, ela adormece sobre as folhas, estando então claramente inconsciente durante o ocorrido.

“Tess!”, chamou D’Urberville.

Não houve resposta. A escuridão era agora tamanha que não via nada além da pálida nebulosidade a seus pés, a forma vestida de musselina branca que deixara sobre as folhas. Todo o resto era apenas breu. D’Urberville abaixou-se e ouviu uma respiração mansa e regular. Ajoelhou-se e curvou-se ainda mais, até que a respiração esquentou-lhe o rosto, e, em um momento, sua bochecha estava em contato com a dela. Ela dormia profundamente e, sobre os cílios, havia lágrimas. (Hardy, 2022, p. 66)

Não há descrição do acontecimento pela voz narrativa – talvez por uma questão de autocensura. Hardy faz uso da névoa densa e da escuridão para tornar o acontecimento

indiscernível tanto pelo narrador, quanto pelo leitor, dispensando assim qualquer detalhamento. O primeiro, no entanto, exerce seu julgamento, perguntando-se:

Por que aquilo sob tão belo tecido feminino, delicado como a seda, e praticamente tão puro quanto à neve até então, deveria ser *violada* por tão bruto desenho como aquele que estava destinado a receber; por que o bruto *apropria-se* do mais fino? O homem errado, da mulher? A mulher errada, do homem? Milhares de anos de filosofia analítica falharam em explicá-lo para nosso senso de ordem. Talvez seja possível admitir a vingança implícita na presente *catástrofe*. (Hardy, 2022, p. 67, grifo nosso)

A escolha de palavras feita por Hardy, nesse caso, pode de certa forma inferir o caráter da ocasião. O verbo utilizado, *to appropriate*, de acordo com o *Cambridge Dictionary*, pode ser definido como “tomar algo para seu próprio uso, geralmente sem permissão” (tradução nossa)¹¹³. A menção ao ato sexual como a *violação* de “tão belo tecido feminino” por um padrão grosseiro (*a coarse pattern*), ou “tão bruto desenho”, como dito na tradução brasileira, e a definição do acontecimento como uma *catástrofe* pelo narrador, corroboram para o entendimento da natureza violenta e provavelmente coercitiva do ocorrido. No entanto, é preciso lembrar que a “queda” de uma mulher poderia ser considerada catastrófica mesmo se acontecesse em consequência de uma ação intencional por parte desta; por sua vez, a perda da virgindade feminina é necessariamente caracterizada como uma violação, seja o ato sexual consensual ou não:

É pela vagina que a mulher é penetrada e fecundada; e a vagina se torna centro erótico pela intervenção do homem, intervenção esta que constitui sempre uma espécie de violação. Por um rapto real ou simulado é que a mulher era outrora arrancada de seu universo infantil e jogada na sua vida de esposa; é uma violência que a faz passar de moça a mulher: diz-se também “tirar” a virgindade de uma jovem, “tomar-lhe” a flor. Essa defloração não é o fim harmônico de uma evolução contínua, é a ruptura abrupta com o passado, o início de um novo ciclo. (Beauvoir, 2016b, p. 124-125)

Embora conhecido pela ambiguidade que *a priori* impede o leitor de caracterizar o encontro sexual como estupro ou sedução, a descrição do fatídico evento, como bem lembra Davis Jr. (1997), começa marcada pela falha no estabelecimento de uma comunicação verbal entre Alec e Tess e pela posterior ênfase no fato de que a personagem dormia profundamente, estando, portanto, inconsciente – o que, mesmo para a legislação vitoriana, já caracterizaria um estupro:

¹¹³ Do original: “to take something for your own use, usually without permission”. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/appropriate?q=to+appropriate>.

A lei inglesa do século XIX definia estupro como “o crime de ter conhecimento carnal e ilegal de uma mulher por meio da força e contra a sua vontade.” O *Digest of English Case Law* de Mews explica ainda que “para constituir estupro, não é necessário que a relação sexual com a mulher seja feita contra a sua vontade; é suficiente que seja feita sem o seu consentimento.” (Davis Jr., 1997, p. 223, tradução nossa)¹¹⁴

Na primeira edição do romance, publicada de forma seriada em 1891, Alec faz com que Tess ingira licor de uma garrafa. Todas as menções à ingestão de bebida alcoólica são retiradas na edição de 1892, tornando a situação mais ambígua. Para Davis Jr. (1997, p. 226), o fato de Alec tentar intencionalmente drogar Tess confirma não apenas uma má intenção de sua parte, mas um crime. Ingham (2009), vai ainda além, e associa o caráter do ocorrido à situação social de Tess em relação a Alec:

Dada sua dependência econômica e a de sua família em relação a Alec, dada sua inocência e sua experiência, e a ausência de alguém a quem ela possa recorrer, esse evento é tão estupro quanto teria sido se Alec tivesse usado violência ou se Tess estivesse drogada ou dormindo. O ato de Alec é culposos, a resposta de Tess não é. (Ingham, 2009, p. 145, tradução nossa)¹¹⁵

Discordamos, no entanto, de quando a autora sugere que Hardy atribui a Tess certa culpabilidade pelo ocorrido quando o narrador alega que alguns de seus antepassados masculinos, voltando de uma noite igualmente agitada, dispensaram o mesmo tratamento a camponesas como ela, até mesmo com maior crueldade. Hardy trata como hereditário o triste acontecimento, como se Tess estivesse condenada a tal destino fatalista como uma forma de punição à má conduta de seus ancestrais. O narrador lamenta que “ainda que visitar os pecados dos pais sobre os filhos possa ser moralmente bom para divindades, tal medida é desprezada pela natureza humana comum; e, portanto, não oferece consolo” (Hardy, 2022, p. 67). Não sendo a herança genética algo passivo de escolha para Tess, entende-se, portanto, que não é a ela que tal culpabilidade é atribuída, muito embora amenize a responsabilidade de Alec em relação ao ocorrido. Sobre a hereditariedade como justificativa, a própria autora comenta em outro momento:

A extensão da ideia de hereditariedade para a transmissão de traços que não sejam físicos fascina Hardy porque envolve a questão do livre arbítrio, um

¹¹⁴ Do original: “English law in the nineteenth century defined rape as ‘the offence of having unlawful and carnal knowledge of a woman by force, and against her will.’ Mews's *Digest of English Case Law* further explains that ‘to constitute rape, it is not necessary that the connection with the woman should be had against her will; it is sufficient if it is without her consent.’”

¹¹⁵ Do original: “Given her economic dependence and that of her family on Alec, given her innocence and his experience, and the absence of anyone she can turn to, this event is as much rape as it would have been had Alec used violence or had Tess been drugged or asleep. Alec's act is culpable, Tess's response is not.”

aspecto da causalidade que o preocupa. Com características não físicas, surge a possibilidade de que as ações de alguém possam ser [...] determinadas apenas pela hereditariedade. Essa teoria já foi usada no século XIX para explicar coisas como alcoolismo, promiscuidade sexual e tendências criminosas, que supostamente eram recorrentes entre os pobres indignos. (Ingham, 2009, p. 170, tradução nossa)¹¹⁶

Davis Jr. (1997) aborda a questão do estupro no romance, e defende que a decisão de Hardy de manter Tess fora do alcance da proteção legal a que ela teoricamente teria direito demonstra didaticamente a distância que existia entre as mulheres de classe trabalhadora e as leis que poderiam vir a resguardá-las:

Com sua falta de recursos e “conhecimento jurídico”, as mulheres estavam efetivamente fora do alcance da lei. A passagem da Lei de Emenda à Lei Criminal de 1885 – intitulada “Lei para fornecer mais proteção às mulheres e meninas” – sugere que a lei criminal também era ineficaz em ajudar as mulheres. Tess pode simplesmente não saber como proceder legalmente contra Alec porque ela não entende nem a lei nem seu lugar nela. (Davis Jr., 1997, p. 227, tradução nossa)¹¹⁷

O autor, assim como Ingham (2009, p. 145), chama também a atenção para outra questão, ainda mais polêmica: as semanas em que Tess permaneceu como amante de Alec em Trantridge após o ocorrido em *The Chase*. O capítulo seguinte ao estupro nos mostra sua fuga da propriedade, quando Tess apresenta uma postura completamente diferente em relação ao jovem, com quem ela, dessa vez, permaneceu por vontade própria.

“Ora! Bem, se não queria ir a Trantridge, por que foi?”

Ela não respondeu.

“Não foi por amor a mim – isso posso jurar.”

“É verdade. Se fosse por amor a você, se eu alguma vez o tivesse amado sinceramente – *se eu ainda o amasse* – não desprezaria e odiaria a mim mesma por minha fraqueza como faço agora! Meus olhos encantaram-se por você por um tempo, e foi só.”

Ele deu de ombros. Ela prosseguiu:

“Não entendi suas intenções até que fosse tarde demais.”

“É o que toda mulher diz.” (Hardy, 2022, p. 69, grifo nosso)

¹¹⁶ Do original: “The extension of the idea of heredity to the transmission of traits other than the physical fascinates Hardy because it involves the question of free will, an aspect of causality which preoccupies him. With non-physical characteristics the possibility arises that someone's action may be [...] determined solely by heredity. this theory was already used in the nineteenth century to account for such things as alcoholism, sexual promiscuity, and criminal tendencies which were said to be recurrent amongst the undeserving poor.”

¹¹⁷ Do original: “With their lack of resources and legal ‘know-how’, women were effectively outside the scope of the law. The passage of the Criminal Law Amendment Act of 1885 – entitled “An Act to make further provision for the Protection of Women and Girls”— suggests that the criminal law was similarly ineffective in helping women. Tess may simply not know how to proceed against Alec legally because she understands neither the law nor her place in it.”

Figura 11 - Tess abandona Trantridge



Fonte: *The Victorian Web*¹¹⁸

Mais adiante, o narrador nos fornece uma visão ainda mais clara da natureza dos sentimentos de Tess por Alec:

Nunca o amara de fato. Não o amava nem um pouco agora. Temera-o, estremeceu diante dele, sucumbira aos hábeis avanços que fizera contra sua vulnerabilidade. Então, temporariamente cega por seus modos ardentes, fora levada à confusa entrega por um momento: repentinamente, sentira desprezo e aversão, e fugira. Era tudo. Não chegava a odiá-lo. Mas ele era pó e cinzas para ela. E, ainda que pelo bem de seus familiares, não desejava desposá-lo. (Hardy, 2022, p. 74)

Ampliando a ideia e as consequências de uma primeira experiência confusa, Hardy faz com que Tess se aposse de sua sexualidade; ele naturaliza uma relação puramente sexual, desprovida de afeto entre ela e Alec e, controversamente, insiste na pureza de Tess *apesar* disso. Para Ingham (2009), essa naturalização “instiga a exclusão de relações sexuais da esfera de julgamento moral” (p. 146, tradução nossa)¹¹⁹ – um movimento ousado da parte de Hardy já que, como aponta Davis Jr (1997, p. 228), diferente do estupro, que tinha implicações meramente legais, a sedução, para as mulheres vitorianas, era tomada como uma questão moral por sua consensualidade.

¹¹⁸ “Tess ficou parada e virou-se para olhar para trás.”, por Joseph Syddall. Ilustração original da serialização do romance. Disponível em: <https://victorianweb.org/art/illustration/syddall/1.html>.

¹¹⁹ Do original: “urges the exclusion of sexual relationships from the sphere of moral judgement.”

Quando volta para a casa dos pais, Tess os surpreende com a recusa à ideia de um casamento que poderia amenizar os danos de sua situação. Somada à ausência de iniciativa de Alec, que nunca lhe propusera o matrimônio, há o orgulho por parte de Tess que, em resposta ao comentário de Joan de que qualquer mulher teria aceitado um casamento nessas condições, diz: “Talvez qualquer mulher menos eu” (Hardy, 2022, p. 73).

Convencer Alec d’Urberville a se casar com ela! Ele se casar COM ELA! Sobre matrimônio, ele nunca dissera palavra. E, se tivesse dito? Como um convulsivo impulso de agarrar-se à salvação social a impeliria a responder, não sabia. Porém, sua pobre e tola mãe pouco sabia sobre seus atuais sentimentos para com aquele homem. Talvez fossem pouco comuns nas circunstâncias – infelizes, inexplicáveis! Mas era assim. E isso, como dissera, era o que a fazia detestar a si mesma. (Hardy, 2022, p. 74)

Unir-se sacramentalmente ao corruptor era considerado uma alternativa de redenção às mulheres caídas, pois o matrimônio tornaria moral e socialmente aceitável, sobretudo, o exercício de sua sexualidade:

O casamento não é apenas uma carreira honrosa e menos cansativa do que muitas outras: só ele permite à mulher atingir a sua integral dignidade social e realizar-se sexualmente como amante e mãe. É sob esse aspecto que os que a cercam encaram seu futuro e que ela própria o encara. Admite-se unanimemente que a conquista de um marido — ou, em certos casos, de um protetor —, é para ela o mais importante dos empreendimentos. (Beauvoir, 2016b, p. 76)

Embora Alec não a tenha pedido em casamento – ele mesmo, por isso, se denomina um mau sujeito¹²⁰ –, se dispõe a sustentá-la como a uma amante:

“Estou pronto para pagar até o último centavo. Sabe que não precisa voltar a trabalhar no campo ou na leiteria. Sabe que posso vesti-la com o melhor em vez das roupas simples que ultimamente tem usado por afetação, como se não pudesse comprar nem uma fita para os cabelos.”
[...] “E, se certas circunstâncias vierem a tornar-se realidade – compreende – se estiver vivendo, ainda que com o mínimo de dificuldades, escreva para mim, e terá em retorno tudo de que precisa.” (Hardy, 2022, p. 70)

A recusa de Tess, no entanto, não é, como se pode imaginar, somente à dependência econômica de Alec, mas a uma completa condição de dominação e submissão estabelecida culturalmente pela perda de sua virgindade com ele. Ela diz, e o próprio Hardy enfatiza: “Eu *deveria* ser sua criatura para continuar fazendo o que diz, e não o farei!” (Hardy,

¹²⁰ “Suponho que seja um mau sujeito – um sujeito malvado para diabo! Nasci mau e vivi assim, e morrerei assim com toda a probabilidade” (Hardy, 2022, p. 70).

2022, p. 70, grifo no original). Ingham (2009), lembra que Tess, em seu contexto sociocultural, crescera familiarizada com “a ideia de que o primeiro ‘possessor’ físico de uma mulher possui sua vida” (p. 172, tradução nossa)¹²¹. Ela, em dado momento, chega a ponderar: “Não era seu marido, dissera [sobre Alec]. Ainda assim, uma consciência de que, em sentido físico, aquele era seu único marido, pareceu pesar mais e mais sobre ela” (Hardy, 2022, p. 311).

Mais adiante, a jovem lamenta ao se ver obedecendo às ordens de Alec, como um animal devidamente domado, permitindo que ele a beije no rosto como bem deseja: “‘Se assim desejar’, respondeu indiferente. ‘Veja como conseguiu total controle sobre mim!’” (Hardy, 2022, p. 70). Beauvoir (2016a, p. 217), complementarmente à ideia de submissão internalizada por Tess, define como um mito historicamente propagado ao longo da história das mulheres a ideia de que em uma primeira relação sexual, a destruição do hímen permite que o homem possua o corpo feminino de maneira irreversível, afirmando seu domínio sobre a mulher, que passa a ser um objeto inequivocadamente passivo diante dele.

Depois da partida de Tess de Trantridge no capítulo 12, Alec d’Urberville reaparece apenas no final do capítulo 44, convertido pela doutrina pregada pelo pai de Angel Clare. Seu retorno se dá em um momento de extrema infelicidade e vulnerabilidade para Tess que, abandonada pelo marido, precisa se submeter a condições de trabalho degradantes em Flintcomb-Ash para sobreviver. Amedrontada pela presença de Alec e pelas lembranças de um passado com ele, Tess sente-se enojada¹²² pela transformação grotesca, considerada por ela incoerente com a “natureza” de Alec:

Era menos reforma que transfiguração. As antigas curvas sensuais estavam agora moduladas em linhas de devota paixão. Os traços dos lábios que antes significavam sedução agora expressavam súplica; o brilho do rosto que ontem traduzia rebeldia estava agora evangelizado no esplendor da retórica religiosa; o animalismo tornara-se fanatismo; o Paganismo, Paulinismo¹²³; o ousado olho zombador que brilhara sobre seu corpo com tamanho domínio agora cintilava com a rude energia de uma teolatria quase feroz. Aquelas angularidades sombrias que sua face costumava vestir quando seu desejo era contrariado, agora cumpriam seu dever ao imaginar o incorrigível desertor que insistia em retornar a chafurdar na lama.

Os traços pareciam protestar. Havia sido desviados de sua conotação hereditária para significar impressões não pretendias pela Natureza. Estranho que sua própria elevação fosse um desvio; que elevar-se parecesse uma falsificação. (Hardy, 2022, p. 262-263)

¹²¹ Do original: “The idea that the first physical ‘possessor’ of a woman owns her life is one familiar to Tess from the society she lives in.”

¹²² “Essa entonação bastante familiar, menos de quatro anos antes, trouxera a seus ouvidos expressões de tal propósito divergentes que seu coração enojara-se com a ironia do contraste” (Hardy, 2022, p. 262).

¹²³ Que segue o ensinamento do apóstolo Paulo (nota do tradutor).

Figura 12 - Tess revê Alec durante uma pregação



Fonte: *The Victorian Web*¹²⁴

A suposta redenção de Alec ainda em vida muito nos diz sobre a permissividade da sociedade e da religião em relação a homens que infringem normas sociais. O narrador, dando-nos acesso aos pensamentos de Tess, demonstra a ironia e a normalidade dessa iniciativa e lamenta o fato de a mesma oportunidade de redenção não ser sequer oferecida a Tess: “D’Urberville não era o primeiro homem mau a abandonar a maldade para salvar a alma ainda vivo. E por que ela deveria considerar seu comportamento pouco natural? [...] Aquele que tecera sua perdição estava agora do lado do Espírito, enquanto ela permanecia degenerada” (Hardy, 2022, p. 263). Sobre divergência na reversibilidade da reputação social entre os sexos, sabe-se que

[...] primeiramente não tem ela [a mulher] direito a nenhuma atividade sexual fora do casamento; o comércio carnal tornando-se uma instituição

¹²⁴ “O sol das três horas brilhava plenamente sobre ele...”, por E. Borough Johnson. Ilustração original da serialização do romance. Disponível em: <https://victorianweb.org/art/illustration/bjohnson/18.html>.

para ambos os esposos, desejo e prazer são ultrapassados no sentido do interesse social; mas o homem, transcendendo-se para o universal como trabalhador e cidadão, pode gozar antes das núpcias e à margem da vida conjugal prazeres contingentes: encontra, em todo caso, sua salvação por outros caminhos; (Beauvoir, 2016b)

A irreversibilidade do erro de Tess torna-se insuportável para ela diante de tal constatação. Se não lhe é permitido nenhum recomeço, resta a ela ansiar pelo fim.

Até esse ponto do caminho, seu coração estivera pesado com uma tristeza inativa; agora havia uma mudança na qualidade de sua perturbação. Aquela fome por afeição por tanto tempo suportada fora, naquele momento, substituída pela sensação quase física de um passado implacável que ainda a enlaçava. Intensificava sua consciência do erro até o desespero de fato. A quebra de continuidade que esperara entre a existência anterior e a presente não havia, afinal, acontecido. O passado nunca estaria completamente esquecido até que ela pertencesse ao passado também. (Hardy, 2022, p. 263-264)

Com uma postura completamente diferente da que apresentara em seus primeiros encontros com Alec, como em um despertar, Tess verbaliza sua ira diante da ironia da situação:

Sinto-me indignada ao ouvi-lo dirigir-se a mim dessa maneira quando sabe – quando sabe o mal que me fez! O senhor, e aqueles como o senhor, desfrutaram de todo o prazer possível nessa terra tornando as vidas daqueles como eu amargas e sombrias de tanta dor. E, então, que ótimo, quando estão fartos, pensar em garantir o prazer no paraíso ao converter-se! Não acredito no senhor... odeio essa farsa!” (Hardy, 2022, p. 265-266)

No entanto, a responsabilidade pelo caráter insubmisso de sua colocação é, logo em seguida, atribuída a Angel Clare. Sob total influência das crenças do marido, como já vimos anteriormente, sua postura, em vez de uma expressão autônoma, dá-se apenas em obediência a outro senhor:

“Tess”, ele insistiu. “Não fale assim! Veio até mim como uma alegre nova ideia! E você não acredita em mim? Em quê não acredita?”
 “Em sua conversão. Seu esquema envolvendo a religião.”
 “Por quê?” Ela baixou a voz.
 “Porque um homem superior ao senhor não acredita nisso.” (Hardy, 2022, p. 266)

A conversão de Alec, conforme o esperado, mostra-se, de fato, superficial. Se o corpo de Tess foi antes por ele abertamente considerado a causa de sua condenação¹²⁵, volta a ser descrito como uma tentação, como a causa de sua má conduta. A culpabilização de Tess é um dos traços mais marcantes da opressão que ela sofre nas mãos do antagonista, pois diz respeito a um traço da misoginia que resiste à passagem do tempo e lamentavelmente se faz presente ainda na atualidade. Depois de abandonar a fé recentemente adquirida, ele a responsabiliza por isso:

“Não fez nada intencionalmente. Mas foi o instrumento – o inocente instrumento – de minha recaída, como dizem. Pergunto a mim mesmo: sou, de fato, um daqueles ‘servos da corrupção’ que, ‘após escapar da poluição do mundo, voltam, novamente, a enredar-se, vencidos’¹²⁶ – cujo fim último é pior que seu início?” Ele pôs a mão no ombro dela. “Tess, minha menina, estava a caminho de minha salvação social até vê-la novamente!”, disse, balançando-a estranhamente, como se fosse uma criança. “E por que, então, você me tentou? Eu era um homem tão firme quanto possível até ver esses olhos e essa boca de novo – certamente nunca houve boca tão enlouquecedora desde Eva!”¹²⁷ A voz dele ficou grave e uma malícia ardente saía de seus olhos negros. “Sua provocadora, Tess; *sua maldita bruxa da Babilônia* – não pude resistir assim que a vi novamente!” (Hardy, 2022, p. 278, grifo nosso)

Alec a condena, assim como faz a sociedade em que ela vive, por ser mulher. Sua mera existência é subversiva aos olhos dele. É interessante notar que a atração que ele sente por Tess tem caráter puramente físico, o que o leva a mencionar com frequência o corpo dela como a causa de seu tormento pessoal:

“Você me assombra. Esses mesmos olhos que me fitaram com brilho amargo há um momento vêm até mim assim como você os mostrou então, de noite e de dia! Tess, desde que me contou sobre aquele nosso filho, é como se meus sentimentos, que fluíam em forte corrente puritana, subitamente encontrassem um caminho aberto em sua direção e, de uma só vez, desaguassem. O canal religioso secou imediatamente, e é você a responsável!”

[...]

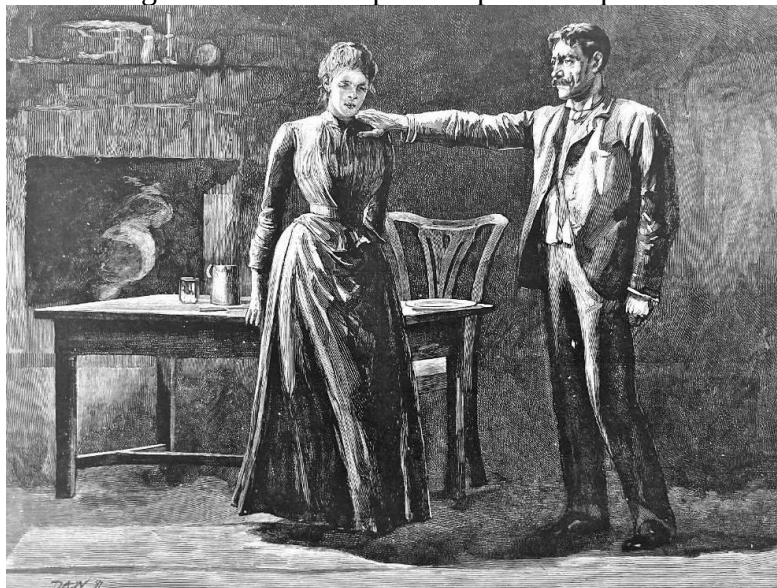
“É claro que não fez nada além de manter seu belo rosto e sua figura curvilínea. Vi você sobre a meda antes que você me visse – aquele avental apertado põe em evidência seu corpo, e esse chapéu – vocês camponesas nunca deveriam usar esses chapéus se desejam ficar longe do perigo.” (Hardy, 2022, p. 284)

¹²⁵ O capítulo 5, em que Tess encontra Alec pela primeira vez, se encerra com a seguinte divagação da parte dele: “Quando d’Urberville voltou à tenda, sentou-se a refletir, com as pernas abertas sobre uma cadeira e um brilho contente no rosto. Então, irrompeu em uma risada alta. ‘Ora, estou condenado! Que coisa engraçada! Ha-ha-ha! E que menina interessante!’” (Hardy, 2022, p. 38).

¹²⁶ Citação de 2 Pedro 2: 19-20.

¹²⁷ Em uma nota de rodapé, a tradutora aponta a conveniência dessa comparação entre Tess e Eva, pois a perseguição de Alec em muito se assemelha à da serpente do Éden (Hardy, 2022, p. 278).

Figura 13 - Alec culpa Tess por sua "queda"



Fonte: *The Victorian Web*¹²⁸

A vilanização da figura feminina é uma tendência historicamente comum na sociedade patriarcal. Para Beauvoir (2016a, p. 228), a descrição da mulher “como uma feiticeira, uma sedutora que fascina o homem, que o submete a seus encantos, reflete o mais antigo, o mais universal dos mitos”. Esse ponto de vista encontra respaldo sobretudo na doutrina cristã, na qual Eva é responsável pela queda de Adão no pecado e pela expulsão de ambos do paraíso. Alec, inclusive, faz uso das escrituras para justificar sua culpabilização de Tess no trecho acima.

O Mal é uma realidade absoluta e a carne, um pecado. E, naturalmente, como nunca a mulher deixa de ser o Outro, não se considera que homem e mulher sejam reciprocamente carne: a carne, que é para o cristão o Outro inimigo, não se distingue da mulher. Nela é que se encarnam as tentações da terra, do sexo, do demônio. (Beauvoir, 2016a, p. 232)

Muitos dos aspectos da relação de opressão estabelecida entre Tess e seus pares masculinos retomam o debate estabelecido por Federici (2023) no começo desse capítulo. O cercamento do corpo e a condenação da sexualidade feminina quando ela acontece fora dos padrões socialmente aceitáveis caracteriza a relação não sacramentada de Tess e Alec no início do romance e também agora:

¹²⁸ “Ele colocou a mão no ombro dela. ‘Tess, Tess, eu estava a caminho da libertação até te ver novamente,’ ele disse.”, por D. A. Wehrschmidt. Ilustração original da serialização do romance. Disponível em: <https://victorianweb.org/art/illustration/daw/19.html>.

A caça às bruxas não só *condenou a sexualidade feminina como fonte de todo mal*, mas também representou o principal veículo para levar a cabo uma ampla reestruturação da vida sexual, que, ajustada à nova disciplina capitalista do trabalho, criminalizava qualquer atividade sexual que ameaçasse a procriação e a transmissão da propriedade dentro da família ou que diminuísse o tempo e a energia disponíveis para o trabalho. (Federici, 2023, p. 349-350, grifo nosso)

Tardiamente, visando tornar-se “um homem capaz de respeitar a si mesmo” (Hardy, 2022, p. 272) e, de alguma maneira, reparar os danos que causou a Tess, Alec pede sua mão em casamento¹²⁹. Ela, impedida de aceitar a proposta por já estar legalmente casada com Angel Clare, dá a entender que a recusaria mesmo se tivesse em condições de aceitar¹³⁰. Alec insiste em persegui-la e em persuadi-la a se entregar a ele. Aproveitando-se da situação de vulnerabilidade de Tess, ele se aproveita do respaldo que a perda da virgindade dela no passado o garante, ameaçando: “Lembre-se: eu fui seu senhor um dia! Serei seu senhor novamente. Se é esposa de alguém, é minha!” (Hardy, 2022, p. 286).

Tess é resiliente em lidar com a própria penúria, como se essa, sozinha, talvez por uma questão de honra, não pudesse ser a responsável por sua entrega a Alec. É somente depois que John Durbeyfield morre, e que sua família fica sem ter para onde ir, que ela cede. Quando Angel a reencontra, vivendo como Mrs. d’Urberville, ela lamenta:

“Esperei e esperei por você”, ela continuou, seu tom subitamente retomando seu antigo tom aflautado. “Mas você não veio! E eu lhe escrevi, e você não veio! Ele me falava que você nunca voltaria e que eu era uma tola. Ele foi muito bom para mim, para mamãe e para todos nós após a morte de papai. Ele —”

“Não compreendo.”

“Ele me ganhou de volta.” (Hardy, 2022, p. 330)

Com a sua volta às mãos de Alec, há a reafirmação do corpo de Tess como capital passível de exploração – dessa vez, por um trabalho de natureza sexual. Sob uma forma do patriarcado que Lerner (2019, p. 267) descreve como “dominação paternalista”, em que “o dominado troca submissão por proteção, trabalho não remunerado por manutenção”, Alec faz de Tess seu objeto (como Angel faria se ela vivesse como sua esposa). Tess, por sua vez,

¹²⁹ “Mas pensei que nosso casamento pudesse ser uma santificação para nós dois. ‘O marido incrédulo é santificado pela esposa, e a esposa descrente é santificada pelo marido’, disse a mim mesmo.” (Hardy, 2022, p. 273)

¹³⁰ ““Mas por quê?”

“Sabe que não sinto afeição nenhuma pelo senhor.”

“Mas sentirá com o tempo, talvez – assim que possa realmente me perdoar?”

“Nunca!”

parece abdicar de qualquer autonomia ao assumir plenamente o seu papel como Outro: “Foi ele que pôs essas vestes em mim: não me importava com o que ele fazia comigo!” (Hardy, 2022, p. 330).

Estabelecendo um encerramento cíclico para o romance, Tess assassina Alec, perfurando seu coração com uma faca. Uma escolha simbólica, já que a penetração fálica encontra ecos na narrativa em momentos determinantes como na morte do cavalo Prince e, principalmente, na primeira experiência sexual de Tess. Assim como na ocasião do estupro, também não há descrição do momento do assassinato. Se a perda de sua virgindade por Alec, também uma perfuração, a condena a uma morte social, em uma espécie de retribuição da parte de Tess, o assassinato condena Alec à morte física. Quando a prendem, ela, serena, entrega-se de bom grado, como se a condenação física fosse, também, a sua libertação. Sabe-se que ela, muito antes, já havia sido condenada a habitar o próprio corpo: “‘Estou pronta’, disse ela, em voz baixa” (Hardy, 2022, p. 345).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A função social exercida por *Tess* é evidenciada em muitos aspectos ao longo da obra. Talvez até mesmo para os mais descrentes da existência da relação entre a literatura e o elemento histórico-social defendida por muitos e, especialmente aqui, por Candido (2023), ela seja inegável quando o objeto em questão são os romances de Hardy. Ele mesmo admite, em uma nota explanatória ainda na primeira edição do romance, em 1891, que a estória foi publicada “[...] como uma tentativa de dar forma artística a uma sequência verdadeira de coisas” (Hardy, 1991, p. IX, tradução nossa)¹³¹.

Muito embora a intenção de Hardy provavelmente divirja, em alguns aspectos, das conclusões a que chegamos aqui, mais de 130 anos mais tarde, a respeito do papel social exercido pelo romance em questão, é inegável sua contribuição para o processo de desmistificação do meio rural inglês, das pessoas e das relações que o constituíam. Através da ficcionalização de um momento histórico delicado e complexo (o impacto do avanço industrial e capitalista nas sociedades rurais) e do estabelecimento de relações sociais com crises e tensões específicas, Hardy dá vida, em *Tess*, a um mundo rural mutável e não generalizado, a “uma Wessex onde, em lugar de ‘camponeses’, havia uma estrutura social complexa, formada de donos de terra, arrendatários, artesãos, comerciantes e trabalhadores, característica do capitalismo agrário” (Vasconcelos, 2006, p. 196).

A árdua jornada de sua heroína dá visibilidade a uma parcela da sociedade (a das mulheres que, ainda que sob enorme subjugação, nobremente empregavam sua mão de obra no campo) que, mesmo em sua época, era invisibilizada e que, posteriormente, passa por um processo de apagamento muito mais severo historicamente. Heroína que, por sua vez, é escrita de forma humanizada, dentre outras coisas, como uma tentativa de quebra do aspecto idealista de concepção feminina na ficção vitoriana. Em suma, a força histórica que *Tess* carrega em suas entrelinhas é inegável e imprescindível.

O trabalho, além de se mostrar como um motor por meio do qual o romance se movimenta, também pode ser, no caso de *Tess*, uma ferramenta de dignificação ou de degradação da personagem – portanto, é o aspecto social manifestado como forma literária. Por meio do trabalho (dignificante ou não), *Tess* se forma como ser humano e estabelece uma relação com o ambiente que a cerca porque, socioeconomicamente, com o advento e consolidação do sistema capitalista, sua existência e sobrevivência estão diretamente submetidas à necessidade da venda de sua força de trabalho. A deterioração de suas condições

¹³¹ Do original: “[...] as an attempt to give artistic form to a true sequence of things”.

laborais ocasiona, simultaneamente, sua degradação pessoal, física e mental, consolidada, em seu mais alto grau, pela submissão involuntária máxima de seu corpo às vontades de seu opressor em troca de proteção econômica.

Compreender os impactos de um longo e perturbado período de transição não apenas nas condições de trabalho das mulheres, mas em suas condições gerais de vida e de autopercepção, também fez parte dos nossos objetivos. Graças a inestimáveis contribuições feministas, sobretudo as de Federici (2019; 2023), foi possível estabelecer uma relação direta entre o advento capitalista, os cercamentos de terra ingleses e a regulação da vida das mulheres no patriarcado, principalmente no que tange à sexualidade. Muitas das limitações referentes ao estabelecimento do controle estatal sobre o corpo feminino puderam ser observadas em *Tess*, tanto nas situações de subjugação a que a protagonista é submetida socialmente – especialmente através de seus pares masculinos – quanto naquelas de opressão a que ela, por causa da violência simbólica que reverbera das instituições e das convenções sociais, acaba se submetendo, evidenciando uma visão degradada, submissa e depreciativa de si mesma por meio da voz narrativa.

No primeiro capítulo, a título de contextualização, apresentamos um panorama das condições do trabalho feminino na Inglaterra durante do século XIX, também no âmbito urbano, mas principalmente no rural, que estabelece uma relação direta com o romance em questão. Descobrir como o estabelecimento de um novo modo de produção pode ter impactado a dinâmica de vida e de trabalho da sociedade rural inglesa e como esse momento de tensão histórica encontra seu lugar no desenvolvimento da narrativa mostrou-se um caminho proveitoso. Dar atenção às condições sociais de opressão da parcela feminina e proletária desse grupo – representada ficcionalmente pela jovem Tess – é talvez um dos maiores diferenciais de nossa pesquisa. Sabemos que, embora o debate acerca das questões de classe pudesse ter sido estabelecido com maior profundidade, o pouco tempo para desenvolver a pesquisa e a aparentemente infinita quantidade de referenciais teóricos a esse respeito foram fatores bastante limitantes.

A dedicação às questões de gênero na segunda parte da dissertação foi além de desejada, necessária e, de certa forma, inevitável. Em *Tess*, existem problemáticas que não exigem procura, temas que compõem tão determinadamente a narrativa que são, por isso, indissociáveis de sua essência. O texto exige, demanda atenção para certos tópicos dos quais não se pode fugir. As relações de gênero que Tess estabelece, a forma como lida com elas, a maneira como responde às condições a que é submetida por ser mulher ao longo da trama são a razão de ser de sua história. O enfoque, na análise literária, em uma figura feminina como

Tess, dá visibilidade a uma parcela subalterna da sociedade, apagada historicamente de um momento histórico que determinou a redefinição dos papéis de gênero e afetou negativamente as mulheres. O cercamento de terras, para além de seus efeitos práticos, foram, para elas, também sinônimo de “um cercamento de conhecimento, de nosso corpo, de nossa relação com as outras pessoas e com a natureza” (Federici, 2019, p. 55).

Temos, também, a problemática no fato de que a personagem feminina Tess foi idealizada e construída ficcionalmente por um homem. Essa tentativa de Hardy de encapsular a essência feminina e de atribuir a ela aspectos como, por exemplo, uma sexualidade naturalizada em vez do ideal sexual domesticado da era vitoriana teve diversas consequências formais, que esperamos ter elucidado na segunda parte da dissertação. Por melhores que tenham sido as intenções de Hardy nessa tentativa de subverter os ideais femininos de sua época, sua concepção de Tess ainda se dá, contraditoriamente, de forma masculinamente idealizada e obviamente limitada, pois sua visão, apesar de desprendida de muitos aspectos conservadores, continua sendo regida por certas convenções e mitos patriarcais que pautavam a sociedade de que ele fez parte. A exemplo, Hardy insiste em dotar Tess de uma pureza inabalável associada à sua feminilidade. Apesar disso, ele consegue dar vida a uma personagem e a um cenário devidamente complexos, cujos dilemas individuais intrigam o leitor e o levam a refletir, desde a publicação do romance, sobre a desproporcionalidade e a injustiça de certos julgamentos e imposições sociais.

No mais, com o debate aqui estabelecido, esperamos ter contribuído valorosamente para os estudos da literatura de Thomas Hardy, que apesar de profícuos mundo afora, são ainda lamentavelmente raros no Brasil – talvez um reflexo da tímida quantidade de traduções dos seus romances e da inexistência da tradução de seus diversos poemas para o português. Nossa expectativa, para além da contribuição acadêmica no âmbito das pesquisas em literatura anglófona a nível nacional, é contribuir diretamente com o estudo da história das mulheres, onde há ainda muito a se descobrir e desmitificar. Trazer à tona questões como a violência sexual e as condições de trabalho feminino no período vitoriano, aqui, explicita o enorme potencial literário de expressão de uma determinada realidade.

Para além das temáticas aqui exploradas, são inúmeras as possibilidades de continuidade para a pesquisa. Dentre os caminhos possíveis, temos:

- i) O estudo, através da literatura comparada, das adaptações já feitas do romance, sendo as mais relevantes o filme homônimo de 1979, dirigido por Roman Polanski e a minissérie britânica de 2008, também de mesmo nome, produzida pela BBC;

- ii) O aprofundamento em questões de classe e de gênero em outras obras de Hardy, como, por exemplo, em *The Mayor of Casterbridge* (1886) e *Jude the Obscure* (1895), que trazem temas como religião, moralidade e casamento; *Far from the Madding Crowd* (1874), tem, assim como *Tess*, uma protagonista feminina bastante complexa;
- iii) Outros autores vitorianos que escreveram sobre a Inglaterra no mesmo período, sobretudo mulheres como George Eliot (1819-1880), cuja literatura provinciana também dá atenção à zona rural inglesa, como em *Adam Bede* (1859) e *The Mill on the Floss* (1860); e Elizabeth Gaskell (1810-1865), que se voltou para a realidade conturbada das cidades industriais. Os romances *Mary Barton* (1848) e *North and South* (1854-1855) têm em comum um forte debate acerca dos conflitos de classe da época. Em *Ruth* (1853), Gaskell traz a própria versão de uma *fallen woman* – sendo possível inclusive um estudo comparado entre o romance e *Tess*.

No romance, a ruína gradual de Tess é frustrante e desoladora justamente porque se dá de forma tão elaborada que parece inevitável. Essa inevitabilidade característica do fatalismo (do qual Hardy é acusado com frequência e com razão) se dá, justamente, porque é “[...] causada por processos muito complicados de divisão, separação e rejeição. As pessoas escolhem mal, porém o fazem sob pressões terríveis: em meio a confusões de classe social, os mal-entendidos por elas gerados, as rejeições calculadas de um mundo dividido e divisor” (Williams, 1989, p. 290).

Essas escolhas, no caso de Tess, são evidentemente limitadas por aspectos sobre os quais ela não teve qualquer poder de decisão: ela existe em um mundo que, em troca de recursos para sua subsistência, explora e desvaloriza sua força de trabalho e, em virtude de seu sexo, julga-a e a diminui. A somatória perversa dessa dupla opressão só pode resultar na condenação física de seu corpo, que já havia sido, muito antes, condenado socialmente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A Dictionary of English Folklore. **Oxford Reference**. Disponível em: <https://www.oxfordreference.com/view/10.1093/oi/authority.20110803100151694>. Acesso em: 29 maio 2023.
- BEAUVOIR, Simone D. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, v. 1, 2016a. 342 p.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, v. 2, 2016b. 560 p.
- BOUMELHA, Penny. Sexual Ideology and Narrative Form. In: HARDY, Thomas **Tess of the d'Urbervilles**. New Casebooks. ed. London: Palgrave Macmillan, 1993. Cap. 3, p. 44-62.
- BOUMELHA, Penny. Introduction. In: HARDY, Thomas **Tess of the d'Urbervilles**. New York: Oxford University Press, 2008. p. 443.
- BOUMELHA, Penny. Thomas Hardy. In: POOLE, Adrian **The Cambridge Companion to English Novelists**. Cambridge: CUP, 2010. p. 242-257.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 160 p.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: Estudos de teoria e história literária**. 1ª. ed. São Paulo: Todavia, 2023. 232 p.
- DAVIS JR., William A. The Rape of Tess: Hardy, English Law, and the Case for Sexual Assault. **Nineteenth-Century Literature**, Berkeley, v. 52, n. 2, p. 221-231, Sep 1997. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2933908?origin=JSTOR-pdf>. Acesso em: 03 mar. 2024.
- DUNCAN, Ian. The Provincial or Regional Novel. In: BRANTLINGER, Patrick; THESING, William B. **A Companion to the Victorian Novel**. Malden, MA: Blackwell Publishing, 2002. p. 318-335.
- ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. 1ª. ed. São Paulo: Boitempo, 2008. E-book.
- ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. 1ª. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019. 196 p.
- FEDERICI, Silvia. **Mulheres e caça às bruxas: da Idade Média aos dias atuais**. 1ª. ed. São Paulo: Boitempo, 2019. 160 p.
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. 2ª. ed. São Paulo: Editora Elefante, 2023. 480 p.

- GIBSON, James (Ed.). **The Variorum Edition of the Complete Poems of Thomas Hardy**. London: Macmillan, 1979.
- GOODE, John. Hardy and Marxism. In: KRAMER, Dale **Critical Essays on Thomas Hardy: The Novels**. Boston: G. K. Hall & Co., 1990. p. 21-38.
- HARDY, Thomas. **Tess of the d'Urbervilles (Norton Critical Edition)**. 3ª. ed. New York/London: W. W. Norton & Company, 1991. 492 p.
- HARDY, Thomas. **Tess dos d'Urbervilles**. 2ª. ed. Espírito Santo: Pedrazul, 2022. 352 p.
- HOBBSAWM, Eric J. **A Era das Revoluções: 1789-1848**. Tradução de Maria Tereza TEIXEIRA e Marcos PENCHEL. 45ª. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2020. 531 p.
- INGHAM, Patricia. Fallen Woman as Sign, and Narrative Syntax in Tess of the d'Urbervilles. In: HARDY, Thomas **Tess of the d'Urbervilles**. New Casebooks. ed. London: Palgrave Macmillan, 1993. Cap. 5, p. 80-89.
- INGHAM, Patricia. **Thomas Hardy (Authors in Context)**. New York: Oxford University Press, 2009. 266 p.
- KNIGHT, Mark; MASON, Emma. **Nineteenth-Century Religion and Literature: An Introduction**. Nova York: Oxford University Press Inc., 2006. 245 p.
- LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. 1ª. ed. São Paulo: Cultrix, 2019. 376 p.
- LEVINE, George. Hardy and Darwin: An Enchanting Hardy? In: WILSON, Keith A **Companion to Thomas Hardy**. Malden: Wiley-Blackwell, 2009. Cap. 3, p. 488.
- MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. 2ª. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008. 288 p.
- MORGAN, Rosemarie. **Student Companion to Thomas Hardy**. Westport: Greenwood Press, 2007. 228 p.
- MORGAN, Simon. Introduction: Class, Women and the 'Public Sphere'. In: MORGAN, Simon **A Victorian Woman's Place: Public Culture in the Nineteenth Century**. 1ª. ed. New York/London: Tauris Academic Studies, 2007. p. 01-08.
- PITE, Ralph. "His Country": Hardy in the Rural. In: WILSON, Keith A **Companion to Thomas Hardy**. Malden: Wiley-Blackwell, 2009. Cap. 9, p. 133-145.
- REIDHEAD, Julia. Introduction. In: GREENBLATT, Stephen; ROBSON, Catherine; CHRIST, Carol T. **The Norton Anthology of English Literature**. 9ª. ed. London: W. W. Norton & Company, v. E: The Victorian Age, 2016. p. 979-1001.
- SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes: Mito e realidade**. 3ª. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013. 528 p.

SANTOS, Creuza Andréa T. D.; CHAVES, Mayco F. **Guia de normalização da produção científica da Ufopa**. Santarém: [S.n.], 2015. 67 p.

THE Illustrations for the Serialised Version of Thomas Hardy's "Tess of the D'Urbervilles" (1891). **The Victorian Web**: Literature, History, & Culture in the age of Victoria, Dezembro 2001. Disponível em:

<https://victorianweb.org/art/illustration/tess/tess.html>. Acesso em: 19 Abril 2024.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**: a maldição de Adão. 5ª. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, v. 2, 2020. 449 p.

VASCONCELOS, Sandra G. T. A terceira menina. **Literatura e Sociedade**, São Paulo, v. 11, p. 190-203, 2006. ISSN 9.

VERDON, Nicola. **Rural Women Workers in Nineteenth-Century England**: Gender, Work and Wages. 1ª. ed. Great Britain: The Boydell Press, 2002. 232 p.

WATTS, Cedric; CONNELL, Jolyon. **The Connell Guide to Thomas Hardy's Tess of the d'Urbervilles**. 1ª. ed. Great Britain: Connell Publishing, 2012. 135 p.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. 1ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 459 p.